

DAVID LISS

A
CONSPIRAÇÃO
DE PAPEL

Tradução de Sofia Moreiras





HÁ JÁ ALGUNS ANOS que os cavalheiros do comércio de livros me têm vindo a pressionar, da maneira mais premente, para confiar as minhas memórias ao papel; pois, alegam esses mesmos senhores, existe muita gente que pagaria alegremente alguns xelins para saber das aventuras verdadeiras e admiráveis da minha vida. Embora tenha sido prática minha afastar sempre essa ideia com um aceno casual de mão, não posso fingir que nunca tenha pensado seriamente nela, pois com frequência fui o primeiro a congratular-me por ter visto e experimentado tanta coisa, e muitas vezes partilhei alegremente as minhas histórias com uma boa companhia em torno de uma mesa limpa depois do jantar. Ainda assim, existe uma diferença entre histórias contadas ao redor de uma garrafa de clarete no final da noite e um livro que qualquer um em qualquer lugar pode pegar e examinar. É certo que sinto prazer na ideia de recontar a minha história, mas também reconheço que publicá-la seria uma empreitada delicada — os nomes e detalhes das minhas aventuras atingiriam quase tantas pessoas ainda vivas que tal livro seria passível de processos, para dizer o mínimo. No entanto a ideia tem-me fascinado — e até atormentado — sem dúvida por causa da vaidade que existe dentro do peito de todos os homens e talvez dentro do meu mais do que no da maioria. Portanto, decidi escrever este livro da forma que acho justa. Se os cavalheiros de Grub Street quiserem cortar nomes de ligações obscuras, então podem fazê-lo. Da minha parte, vou guardar o manuscrito de modo a que possa haver algum registo verdadeiro destes eventos, se não para esta época, então para a posteridade.

Tive alguns problemas em decidir como começar, pois presenciei muitas coisas de interesse para o público em geral. Devo começar como os

romancistas, com o meu nascimento, ou como os poetas, a meio da acção? Talvez de nenhuma das duas. Acho que vou começar a minha história com o dia — há mais de 35 anos atrás — em que conheci William Balfour, pois foi a questão relativa à morte do seu pai que me trouxe uma certa dose de sucesso e reconhecimento junto do público. Até agora, porém, poucos homens conhecem toda a verdade por detrás daquele caso.

O Sr. Balfour visitou-me, pela primeira vez, num final de manhã em Outubro de 1719, um ano de muito tumulto nesta ilha — a nação vivia sob o medo constante dos franceses e do seu apoio ao herdeiro do deposto rei Jaime, cujos seguidores jacobinos ameaçavam continuamente retomar a monarquia britânica. O nosso rei germânico só estava há quatro anos no trono e as disputas de poder dentro do seu ministério criavam uma sensação de caos em toda a capital. Todos os jornais alardeavam o peso da dívida da nação que, diziam, jamais poderia ser paga, pois aquela dívida não dava nenhum sinal de diminuir. Era uma época de exuberância, bem como de tumulto, perdição e oportunidade. Uma altura excelente para um homem cujo sustento dependia do crime e da confusão.

Questões de política nacional tinham pouco interesse para mim, porém, e a única dívida que me preocupava era a minha própria. E no dia em que começa a minha história eu tinha problemas ainda mais prementes do que as minhas precárias finanças. Estava acordado há muito tempo, mas só há pouco tinha saído da cama e me vestido, quando a minha senhoria, a Sra. Garrison, me informou que estava um cavalheiro cristão lá em baixo que me queria ver. A minha boa senhoria sentia sempre a necessidade de especificar que era um cavalheiro cristão que vinha visitar-me, embora nos meses em que residi com ela nenhum outro judeu, a não ser eu mesmo, tenha entrado em sua casa.

Naquela manhã eu estava desorientado e sem nenhuma condição de receber visitantes, quanto mais estranhos, por isso pedi à Sra. Garrison que o mandasse embora, mas à sua maneira intrépida — pois a Sra. Garrison era uma criatura resoluta — ela regressou, informando-me que o assunto do cavalheiro era urgente.

— Ele diz que está relacionado com um assassinato — explicou-me no mesmo tom monótono que usava para me anunciar aumentos na renda. O seu rosto pálido e cheio de veias endureceu para mostrar o seu desprazer. — Foi o que ele disse, assassinato, claro como a água. Não posso dizer que me agrada, Sr. Weaver, ter homens a vir à minha casa para falar de assassinatos.

Eu não podia compreender plenamente por que, se a palavra era tão desagradável aos seus ouvidos, ela pudesse pronunciá-la tão alto pelos corredores. Mas vi que a minha tarefa era confortá-la.

— Entendo perfeitamente, madame. O cavalheiro certamente disse

“acetinado” em vez de “assassinato” — menti —, pois estou a trabalhar numa companhia de tecidos neste momento. Por favor, mande-o subir.

A palavra assassinato tinha chamado a minha atenção assim como a da Sra. Garrison. Tendo-me envolvido numa espécie de assassinato há menos de doze horas atrás, pensei que aquela questão realmente pudesse dizer-me respeito. Aquele Balfour seria certamente algum tipo de abutre — aquela espécie de renegado em desespero que fervilhava em Londres, uma criatura que esquadrihava as ruas húmidas e sujas nas proximidades do rio em busca de qualquer coisa que pudesse penhorar, inclusivé informação. Sem dúvida ouvira algo sobre a infeliz aventura em que eu me envolvera e viera pedir-me para pagar pelo seu silêncio. Eu sabia bem como me livrar de um homem daquela laia. Não com dinheiro, certamente, pois dar qualquer prata a um velhaco destes era encorajá-lo a voltar a pedir mais. Não, eu tinha aprendido que naqueles casos a violência geralmente resolvia a questão. Pensaria em algo sem sangue — algo que não atraísse a atenção da Sra. Garrison quando eu escoltasse o patife para fora. Uma mulher que não gosta de ouvir falar em assassinato debaixo do seu tecto, dificilmente aprovaria um acto de mutilação sob as suas escadas.

Precisei de um momento para colocar em ordem o meu quarto de recepção, como eu o chamava. Aluguei dois quartos à Sra. Garrison, um particular, o outro onde conduzia o meu negócio. Como muitos homens de negócios — eu via-me nessa qualidade, nesse tempo —, acostumara-me a organizar os meus afazeres num café local, mas a natureza delicada do meu trabalho tinha tornado tais recintos públicos inaceitáveis para os homens que eu servia. Então, instalei um quarto com várias cadeiras confortáveis, uma mesa em torno da qual nos podíamos sentar, e um belo conjunto de estantes que eu usava para armazenar vinho e queijo em vez dos livros aos quais eram destinadas. A Sra. Garrison fizera a decoração e, embora tivesse dado ao quarto um tom inadequadamente alegre com uma pintura branca rosada e cortinas azuis claras, descobri que algumas espadas e gravuras marciais nas paredes me ajudavam a acrescentar um tom suficientemente masculino.

Eu orgulhava-me da ordem extrema deste aposento, pois a atmosfera gentil colocava à vontade os cavalheiros que vinham procurar os meus serviços. O meu tipo de negócio envolvia frequentemente o repugnante e os cavalheiros, eu já tinha aprendido, preferiam a ilusão de que tratavam de simples negócios — nada mais.

Gostaria de acrescentar, embora sob o risco de ser acusado de vaidade, que também me orgulhava da minha aparência. Eu escapara dos meus anos como pugilista com poucas das insígnias que davam a colegas veteranos do ringue o ar de rufiões — olhos perdidos, narizes amassados ou desfigurações desse tipo — e nada mais tinha a mostrar das minhas sovas além de algumas

pequenas cicatrizes pelo rosto e um nariz que ostentava apenas as suaves bossas e arestas que correspondem a várias fracturas. Na verdade, via-me como um homem de excelente aparência e fazia questão de me vestir sempre com elegância, ainda que modestamente. Só usava sobre o meu corpo camisas limpas e nenhum dos meus casacos e coletes tinha mais de um ano de uso. Mesmo assim, não era nenhum destes alegres janotas que vestiam as últimas cores vivas e bordados; um homem do meu ramo prefere sempre modas simples que não chamem nenhuma atenção particular para si mesmo.

Sentei-me à grande escrivaninha de carvalho, que dava para a porta. Eu usava esta mesa quando organizava os meus afazeres, mas descobrira que ela servia para tornar clara a minha autoridade. Assim, peguei numa pena e contorci os músculos do rosto para aparentar ser um homem do género ocupado e irritado.

Quando a Sra. Garrison fez entrar o visitante, porém, tive dificuldade em esconder a minha surpresa. William Balfour não era nenhum gatuno — como chamávamos aos ladrões naqueles tempos — mas um cavalheiro fino na vestimenta e na aparência. Era talvez cinco anos mais jovem do que eu: calculei que tivesse talvez 22 ou 23 anos. Era um homem alto, macilento e recurvado com uma espécie de olhar cavado num rosto amplo e bonito apenas ligeiramente marcado pelas cicatrizes da varíola. Usava uma peruca da melhor qualidade, mas que exhibia a sua idade e uso nas manchas e numa cor encardida e pálida pobremente disfarçada pelo pó-de-arroz. Da mesma maneira, as suas roupas guardavam sinais de um corte fino, mas pareciam um pouco gastas, cobertas pela poeira das estradas e por moradias baratas. O seu colete, em particular, bordado com fios de prata de qualidade, estava agora esfarrapado e puído. Havia, também, algo nos seus olhos. Eu não podia dizer se era suspeita, fadiga ou derrota, e ele observou-me com um cepticismo ao qual eu já estava muito bem acostumado. A maioria dos homens que passa debaixo daquela porta, poderão compreender, tem um olhar preparado para mim — desprezo, dúvida, superioridade. Uns poucos tinham até admiração. Os homens desta última categoria viram-me no auge como pugilista e o amor ao desporto superara o seu embaraço ao buscar a ajuda de um judeu que se metia na sorte desagradável de outros homens. Este Balfour olhou para mim não como um judeu, nem como um pugilista, mas como outra coisa — algo sem consequência, quase como se eu fosse o criado que o levaria ao homem que procurava.

— Senhor — disse, pondo-me de pé assim que a Sra. Garrison fechou a porta atrás de si. Fiz uma pequena reverência a Balfour, que ele retribuiu com uma resignação inexpressiva. Depois de lhe oferecer um assento diante da minha mesa, voltei à minha cadeira e informei-lhe que esperava as suas ordens.

Ele hesitou antes de expor o seu assunto, levando um momento para estudar as minhas feições — eu deveria dizer, pasmar diante das minhas feições, pois ele encarava-me mais como espectáculo do que como homem. Os seus olhos passearam com clara reprovação pelo meu rosto e pelas minhas roupas (embora fossem mais limpas e mais elegantes do que as dele) e encarou de soslaio os meus cabelos; pois, ao contrário de um cavalheiro autêntico, eu não usava peruca, em vez disso puxava os meus cabelos para trás no estilo de um chinó.

— O senhor, presumo, é Benjamin Weaver — começou finalmente numa voz que oscilava com incerteza. Mal notou o meu aceno de cabeça. — Venho por causa de um assunto sério. Não me agrada ser forçado a procurar as suas habilidades peculiares, mas preciso da assistência que só um homem como o senhor pode proporcionar.

Mexeu-se nervosamente na cadeira e perguntei-me se o Sr. Balfour seria o que alegava ser — talvez fosse um homem de uma ordem muito inferior àquela que afectava, mascarando-se como um cavalheiro. Havia, afinal, o assassinato que mencionara à Sra. Garrison, mas agora eu não tinha a certeza de que o assassinato mencionado seria aquele que tanto atormentava os meus próprios pensamentos.

— Espero ser de alguma assistência para o senhor — disse com cortesia estudada. Larguei a pena e inclinei a cabeça ligeiramente para lhe mostrar que colocava toda a minha atenção ao seu dispor.

As suas mãos tremeram distraidamente enquanto estudava as unhas com uma indiferença nada convincente.

— De qualquer maneira, é um assunto desagradável, portanto tenho a certeza de que está à altura da tarefa.

Ofereci-lhe uma breve reverência da minha cadeira e disse-lhe que era muito generoso, ou qualquer outro chavão, mas ele mal ouviu o que eu disse. Apesar das suas tentativas de aparentar uma atitude de lassidão, parecia um homem visivelmente à beira de sufocar, como se o colarinho o apertasse em redor da garganta. Mordeu o lábio. Olhou em redor do quarto, os olhos dardejando aqui e ali.

— Senhor — disse eu —, vai desculpar-me se observo que parece um tanto desarvorado. Posso oferecer-lhe um copo de vinho do Porto?

As minhas palavras tiveram o efeito de um tabefe no seu rosto e ele tentou recompor-se de novo, assumindo a postura de um janota despreocupado.

— Devo imaginar que existem maneiras menos presunçosas para investigar as desgraças de um cavalheiro. Ainda assim, vou aceitar uma bebida de qualquer qualidade que tenha disponível.

Não foi por deferência que deixei Balfour insultar-me livremente.

Uma vez estabelecido no ramo, não me levou muito tempo para apren-

der que homens de berço ou posição tinham uma necessidade profunda de demonstrar a sua superioridade — não em relação ao homem que contratavam para se intrometer nos seus negócios particulares, mas em relação ao negócio em si. Eu não podia aceitar as liberdades de Balfour pessoalmente, uma vez que eram endereçadas a mim. Sabia também que, uma vez que tivesse servido com eficiência tal homem, a memória do seu comportamento descortês com frequência o inspiraria a pagar prontamente e a recomendar as minhas habilidades a conhecidos seus. Portanto, afastei os insultos do Sr. Balfour como um urso afasta os cães mandados para o acicatar na sua toca. Servi-lhe o vinho e voltei à minha escrivaninha.

Ele deu um gole.

— Não estou desarvorado — assegurou-me. Se a qualidade da minha bebida surpreendeu agradavelmente o meu visitante, como eu esperava que fizesse, ele achou que não valia a pena mencionar esse facto. — Estou certamente cansado de uma péssima noite de sono e também — fez uma pausa e olhou-me fixamente — estou de luto pelo meu pai, que morreu há menos de dois meses.

Ofereci as minhas condolências e então surpreendi-me dizendo-lhe que também eu tinha perdido o meu pai recentemente.

Balfour espantou-me por sua vez ao dizer que sabia da morte do meu pai.

— O seu pai e o meu eram conhecidos, senhor. Faziam negócios juntos, sabe, em ocasiões em que o meu pai tinha a necessidade de chamar um homem do... tipo do seu pai.

Eu gostaria de acreditar que não demonstrei surpresa, mas duvido que tenha sido assim. O meu nome não é Weaver, mas sim Lourenço. Poucos homens estavam familiarizados com o meu verdadeiro nome, portanto eu não podia ter imaginado que este homem conhecesse a identidade do meu pai. Eu não podia adivinhar o que mais Balfour sabia a meu respeito, mas não fiz perguntas. Apenas acenei devagar com a cabeça.

Agora eu estava totalmente confuso quanto ao que este homem queria, pois era perfeitamente claro que não viera por causa do meu infeliz problema da noite anterior. Enquanto ruminava as minhas muitas incertezas, ocorreu-me que recordava vagamente o pai de Balfour. Lembrei-me de ouvir o meu pai falar dele — só dissera coisas boas sobre o homem, pois creio que tinham sido mais do que meros conhecidos, embora chamá-los de amigos seja exagerar as suas possibilidades de interacção. Eu lembrava-me do pai de Balfour, embora pudesse ter esquecido os inúmeros outros homens com os quais o meu pai fizera negócios, pois não era habitual para ele relacionar-se de forma tão familiar com um cavalheiro cristão. No entanto, não recordara a associação do meu pai com este homem quando li nos jornais sobre o sui-

cídio de Michael Balfour. Ele tinha sido um próspero comerciante e, como muitos homens de negócios que assumem riscos, sofrera drásticos reveses financeiros. Os seus reveses particulares tinham sido severos; perdera mais do que tudo numa série de especulações infelizes e, incapaz de encarar os credores com a sua insolvência, ou a família com a vergonha da sua ruína, enforcara-se nos seus estábulos. Tinha cometido este acto menos de 24 horas antes da morte do meu pai.

— Foi então através do seu pai que soube dos meus serviços? — perguntei a Balfour. Era uma questão irrelevante, pelo menos para as preocupações do Sr. Balfour. Eu queria saber se o meu pai teria falado de mim, na verdade se teria falado de modo aprovador, para os seus colegas e associados de negócios. Para grande perplexidade minha, sentia-me esperançoso de que Balfour tivesse conhecimento de que o meu pai tinha, de certa forma, respeitado a vida que eu fizera para mim mesmo.

Balfour libertou-me logo destas ficções.

— A recomendação não vem tão directamente. Por certo ouvi o seu nome no passado, na mesma conotação, o senhor entende, em que a gente ouve falar de espectáculos ambulantes e esse tipo de coisas, mas recentemente estava num café quando ouvi um cavalheiro mencionar o seu nome. Um amigo dele, um tal de Sir Owen Nettleton, tinha-o contratado por causa de uma questão de negócios e acreditava na sua competência, uma classificação de suficiente mérito nesta época. Então concebi a ideia de que os seus serviços podiam ser de alguma utilidade para mim.

Muitas vezes me maravilhou o facto de que Londres, para uma cidade tão enorme, é às vezes surpreendentemente pequena. Entre incontáveis milhares, este tipo de interacção ocorre quase todos os dias, pois homens de tal natureza e de tais preocupações congregam-se inevitavelmente nos mesmos clubes e tavernas, cafés e casas de chá. Eu tinha de facto prestado um serviço a Sir Owen Nettleton, e os seus interesses tinham ocupado muito os meus pensamentos nesta manhã, mas discutirei mais sobre ele adiante.

Balfour terminou o seu vinho do Porto com um possante gole e encarou-me fixamente nos olhos com uma intensidade que sugeria estar a reunir forças.

— Sr. Weaver, vou ser directo com o senhor. O meu pai foi assassinado. Acredito que pela mesma pessoa ou pelas mesmas pessoas que mataram o seu pai.

Eu nem sequer podia pensar em como reagir. O meu pai tinha sido morto, por certo, mas não assassinado, uns dois meses antes: um cocheiro embriagado tinha-o atropelado quando atravessava a Threadneedle Street. A coisa ficara envolta numa espécie de incerteza. Até que ponto o cocheiro havia sido imprudente? O meu pai atravessara a rua às cegas? O acidente

podia ter sido evitado? Todas questões sem resposta, determinou o magistrado. O cocheiro, apesar de negligente, agira sem intenção maldosa e não teria motivos para querer ferir o meu pai. O mesmo acto perpetrado contra um conde ou um parlamentar poderia ter valido ao cocheiro, na melhor das hipóteses, sete anos de degredo nas colónias, mas o atropelamento irresponsável de um especulador judeu não chegava a ser questão para se desfraldar a plena majestade da lei. O magistrado libertou o cocheiro com uma severa advertência e aquilo selou o fim legal da questão.

Na ocasião eu estava sem falar com o meu pai há cerca de dez anos. Nada sabia dos seus negócios e dificilmente me ocorreu que a sua morte pudesse ter sido algo tão horrível como um assassinato. Este pensamento, no entanto, ocorreria a um parente do meu pai, o meu tio Miguel, que escrevera para me informar das suas suspeitas. Fico ruborizado ao admitir que recompensei os seus esforços em busca da minha opinião com apenas uma resposta formal em que descartava as suas ideias como absurdas. Agi assim, por um lado, porque não queria envolver-me com a minha família e, por outro, porque sabia que o meu tio, por motivos que me escapavam, amava o meu pai e não podia aceitar a falta de sentido numa morte tão aleatória.

No entanto, uma vez mais, via-me confrontado com a sugestão de que o meu pai tinha sido vítima de um crime maldoso e, uma vez mais, descobriria que o exílio da família a que eu me impusera me fazia desejar não acreditar na hipótese.

Obriguei o meu rosto a conformar-se segundo os rígidos ângulos da imparcialidade.

— A morte do meu pai foi um acidente infeliz.

Balfour sabia mais sobre a minha família do que eu sabia sobre a dele, e eu via aquilo como uma desvantagem, por isso, já num estado mental agitado, prossegui num ritmo mais lento.

— E se me permite ser indelicado, os jornais relataram a morte do seu pai como outra coisa que não assassinato.

Balfour ergueu a mão, como se a ideia de suicídio pudesse ser afastada para longe.

— Sei o que os jornais relataram — disse bruscamente, a saliva a saltar-lhe da boca. — E sei o que o magistrado disse. No entanto, juro-lhe que algo está errado em tudo isso. Na ocasião da morte do meu pai, o seu espólio revelou-se bastante reduzido, mas poucas semanas antes ele dissera estar a lucrar com a especulação, beneficiando de flutuações no mercado causadas pelas rivalidades entre o Banco de Inglaterra e a Companhia do Mar do Sul. Eu não desejava vê-lo a meter-se nos negócios da Exchange Alley, a comprar e vender acções à maneira dos... bem, à maneira do seu povo, Weaver, mas ele acreditava que existiam amplas oportunidades para um homem que sou-

besse usar a cabeça. Por isso, como é possível que as suas finanças estivessem tão... — parou um pouco para escolher as palavras — mal organizadas? Considera uma coincidência que os nossos pais, ambos homens muito ricos e conhecidos, tivessem morrido súbita e misteriosamente dentro do espaço de um único dia e os bens do meu pai se revelassem um caos?

Enquanto falava, o rosto de Balfour revelava um número nada pequeno de paixões: indignidade, nojo, desconsolo e até, acredito, vergonha. Achei estranho que um homem disposto a expor um crime tão terrível não exhibisse atitudes de ultraje.

As alegações que fazia, porém, acenderam dentro de mim uma agitação que tentei conter concentrando a minha mente nos factos diante de mim.

— O que o senhor apresenta não oferece nenhum tipo de prova de assassinato — disse depois de um momento. — Não posso ver como chegou a essa conclusão.

— A morte do meu pai foi encenada para parecer suicídio de modo a que um vilão ou vilões pudessem levar o seu dinheiro impunemente — declarou, como se tivesse revelado uma descoberta de filosofia natural.

— O senhor acredita que o espólio foi roubado e que o seu pai foi morto para ocultar esse roubo?

— Numa palavra, sim, senhor. É nisso que acredito.

As feições de Balfour acalmaram-se por um breve instante, num olhar de lânguido contentamento. Então, olhou para o copo de vinho vazio com um desejo nervoso. Servi uma nova dose.

Comecei a caminhar pelo quarto, apesar da dor irritante de uma velha ferida na perna, ferida que pusera fim aos meus dias como pugilista.

— Qual é a ligação entre estas mortes, então, senhor? O espólio do meu pai está solvente.

— Mas está a faltar alguma coisa? O senhor sabe de algo?

Eu não sabia, por isso ignorei o que considerava ser uma pergunta insolente.

— É do seu melhor interesse que eu seja rude. O seu pai morreu recentemente, sob condições terríveis, incapaz de deixar uma herança. O senhor cresceu com uma expectativa de riqueza e privilégio, com toda a razão para acreditar que viveria uma vida folgada de cavalheiro. Agora vê os seus sonhos cortados e procura maneiras de acreditar que as coisas não são assim.

Balfour ruborizou-se dramaticamente. Desconfio que não estava acostumado a contestações, em especial contestações de homens como eu.

— Fico ressentido com as suas palavras, Weaver. A minha família pode estar em dificuldades neste momento, mas seria bom lembrar-se de que sou um cavalheiro de berço.

— Como eu mesmo — retorqui, encarando directamente os seus

olhos avermelhados. Foi um golpe brutal. A sua família era de novos-ricos e ele sabia-o. Tinha conquistado aquele título ambíguo de cavalheiro através dos negócios agressivos do seu pai como comerciante de tabaco e não pela majestade das suas linhas de sangue. Na verdade, lembrei-me de que o velho Balfour causara uma grande confusão entre os comerciantes de tabaco mais estabelecidos, provocando a ira dos homens que contratava para descarregar os seus navios. Era costume os trabalhadores das docas receberem pagamentos reduzidos e contrabalançarem os seus ganhos através de uma silenciosa redistribuição dos bens que manipulavam. Para navios a carregar tabaco, o processo é conhecido como “socagem”: os trabalhadores simplesmente mergulham as mãos nas sacas de tabaco, socam tanto quanto podem nas suas sacolas e então revendem a mercadoria por conta própria. Na verdade, trata--se de uma espécie de furto sancionado, mas, anos atrás, os comerciantes de tabaco deram-se conta de que os seus carregadores estavam a servir-se da carga apesar das medidas destinadas a impedi-los, e então simplesmente cortaram no salário e olharam para o outro lado.

O velho Balfour, no entanto, tomou a providência infeliz de contratar homens para inspeccionar os trabalhadores e garantir que nenhum deles socasse as suas mercadorias, mas recusou-se a aumentar as pagas proporcionalmente. Os trabalhadores ficaram violentos, rasgando várias sacas de tabaco bruto e libertando o seu conteúdo. O velho Balfour só cedeu depois dos seus colegas comerciantes o convenceram de que insistir naquele rumo louco equivalia a arriscar rebelião e a destruição de todo o seu negócio.

Que este filho de comerciante devesse afirmar que a sua era uma família antiga era claramente disparatado — nem sequer era uma velha família do comércio. E embora existisse naqueles dias, como existe hoje, algo decididamente inglês num comerciante rico, era uma afirmação relativamente nova e incerta que o filho de tal homem pudesse reivindicar a posição de cavalheiro. A minha declaração de que as nossas famílias eram da mesma espécie quase lhe causou um ataque. Piscou os olhos como se tentando dissipar uma visão e contorceu-se irritado até que recuperou o controle.

— Não considero nenhuma coincidência que os assassinos do meu pai tenham feito a sua morte parecer suicídio, pois isso deixa toda a gente envergonhada para discutir o caso. O senhor julga-me agora sem um pêni e acha que venho à sua presença implorar por ajuda como um mendigo, mas nada sabe de mim. Vou pagar-lhe vinte libras para investigar esta questão durante uma semana. — Fez uma pausa para que eu pudesse reflectir sobre uma soma tão grande. — Que eu tenha de lhe pagar qualquer soma para descobrir a verdade por trás do assassinato do seu próprio pai é ainda mais vergonhoso para si, mas não posso responder pelos seus sentimentos.

Estudei o seu rosto, procurando sinais não sei bem de quê... decepção,

dúvida, medo? Vi apenas uma determinação ansiosa. Já não questionava que ele fosse quem alegava ser. Era um homem desagradável; eu sabia que o detestava imensamente e estava certo de que ele não tinha nenhum amor por mim. Mas não podia negar o meu interesse no que ele afirmava acerca da morte do meu pai.

— Sr. Balfour, alguém chegou a ver o que o senhor alega ser esta simulação de suicídio?

Agitou as mãos no ar para demonstrar a tolice da minha pergunta.

— Desconheço que alguém tenha visto.

Pressionei-o.

— Ouviu algum tipo de conversa?

Olhou-me com perplexidade, como se eu tivesse dito algum disparate.

— De quem ouviria eu? Acha que sou do tipo de me associar com homens que falariam tais coisas?

Suspirei.

— Então estou confuso. Como posso encontrar o homem que cometeu um crime se o senhor não tem testemunhas nem contactos? Onde, precisamente, devo procurar?

— Não conheço o seu negócio, Weaver. Parece-me que está a ser terrivelmente obtuso. O senhor já levou homens à justiça antes. O que fez então, deve fazer agora.

Esbocei um sorriso polido e, admito, condescendente.

— Quando levei homens à justiça no passado, senhor, foi em instâncias em que alguém conhecia a identidade do vilão e a minha tarefa era localizá-lo. Ou aconteceu um crime em que o bandido era desconhecido, mas testemunhas repararam que ele tinha algumas feições muito marcantes, vamos dizer, uma cicatriz acima do olho direito e um polegar decepado. Com informações dessa natureza, posso fazer perguntas ao tipo de pessoa que poderia conhecer este homem e assim descobrir o seu nome, os seus hábitos e finalmente o seu paradeiro. Mas se o primeiro passo é a sua crença, qual é o segundo passo? Quem são as pessoas certas junto às quais vamos inquirir agora?

— Estou chocado ao ouvir sobre os seus métodos, Weaver. — Fez uma breve pausa, talvez para frisar o seu desagrado. — Não posso falar-lhe de segundos passos, nem de velhacos apropriados para serem questionados por si a respeito do assassinato do meu pai. O seu negócio é todo seu, mas acredito que consideraria a questão de interesse suficiente para receber as minhas vinte libras.

Fiquei silencioso por algum tempo. O que eu mais queria era mandar o homem embora, pois sempre tivera muito trabalho para evitar qualquer contacto com a minha família. No entanto, vinte libras não eram uma quantia pequena para mim e, embora temesse o terrível dia do ajuste de contas, sabia

que precisava de uma força externa para me levar a restabelecer o contacto com aqueles que há muito tempo eu havia negligenciado. E havia mais: embora não pudesse então explicar porquê, a ideia de investigar um assunto tão sombrio intrigava-me, pois ocorrera-me que Balfour, apesar do escarcéu com que apresentava as suas ideias, estava com a razão. Tivesse um crime sido cometido, parecia racional que devesse ser desvendado, e eu gostava do pensamento do que um sucesso numa investigação desta natureza poderia fazer pela minha reputação.

— Espero em breve outro visitante — disse eu por fim. — E estou muito ocupado. — Ele começou a falar, mas não o deixei. — Vou estudar este caso, Sr. Balfour. Como poderia abster-me? Mas não tenho tempo para estudar a questão de imediato. Se o seu pai foi morto, então deve haver um motivo. Se foi roubo, precisamos de conhecer mais detalhes sobre este roubo. Gostaria que o senhor investigasse o quanto puder os afazeres dele. Fale com os seus amigos, parentes, empregados e quem mais julgue que possa também abrigar um pouco das mesmas suspeitas. Diga-me onde posso encontrá-lo e dentro de poucos dias entrarei em contacto.

— Para que é que vou pagar-lhe, Weaver, se sou eu quem vai fazer o trabalho por si?

O meu sorriso desta vez foi menos benigno.

— O senhor está naturalmente certo. Quando estiver livre, falarei com a família do seu pai, os seus amigos e empregados. Para que não me despachem, terei o cuidado de lhes dizer que o senhor me mandou fazer-lhes perguntas. Talvez gostasse de os informar que esperem um judeu com o nome de Weaver para investigar a fundo assuntos de família.

— Não posso tê-lo a incomodar essas pessoas — gaguejou. — Céus, imaginá-lo a fazer perguntas à minha mãe...

— Então talvez, como sugeri, o senhor gostasse de cuidar pessoalmente disso?

Balfour levantou-se, adoptando uma postura cavalheiresca.

— Vejo que é um manipulador inteligente. Farei algumas indagações discretas. Mas espero ter notícias suas em breve.

Não disse nada nem me mexi, mas Balfour não prestou atenção e, num instante, já tinha saído do meu quarto. Por algum tempo fiquei imóvel. Pensei no que havia transpirado e no que aquilo podia significar, e então peguei na garrafa de vinho do Porto.



O MEU NEGÓCIO NAQUELES DIAS ERA NOVO — não chegava a ter dois anos de experiência e ainda batalhava para aprender os segredos do ofício. Eu fizera a minha última luta feroz como pugilista uns cinco anos antes, quando não tinha mais do que 23 de idade. Depois que aquela linha de trabalho chegou a uma conclusão tão violenta, encontrei vários meios de manter o meu sustento ou, talvez devesse dizer, de sobreviver. Da maioria destas vocações não me orgulho, mas elas ensinaram-me muita coisa que depois se mostraria útil. Por algum tempo fui empregado num pequeno navio que fazia a rota entre o sul da Inglaterra e a França, mas este barco, como os meus leitores perceptivos adivinharão, não era da marinha de Sua Majestade. Depois da prisão do nosso capitão sob acusações de contrabando, vaguei de um lugar para outro e até, ruborizo ao admitir, assumi a vida de arrombador de casas e de salteador de estradas. Ocupações desta natureza, embora emocionantes, são raramente proveitosas e uma pessoa acaba por se cansar de ver os amigos com a corda em volta do pescoço. Por isso fiz votos e promessas e regressiei a Londres para buscar algum meio de vida honesto.

É uma vergonha que não me tivesse antecipado aos pugilistas de hoje que, como o famoso Jack Broughton, quando se aposentam abrem academias de luta para treinar jovens com fibra que tomam o seu lugar. Broughton foi realmente engenhoso o bastante para construir uma espécie de aparato que chama de amortecedores, um tipo de acolchoamento voluptuoso para os

punhos. Já vi estas coisas e suspeito que ser atingido por um homem a usar estas luvas é quase como não ser atingido de maneira nenhuma.

Eu era muito menos esperto que Broughton e não tinha ideias tão ambiciosas, mas possuía algumas suadas libras no bolso e procurei um sócio com quem pudesse abrir um bar ou algum negócio daquela natureza. Foi nessa época, quando caminhava para os meus aposentos já de madrugada, que tive a boa sorte de oferecer assistência a um velho senhor cercado por um bando de jovens janotas ricas. Esses rufiões aristocratas, conhecidos naqueles dias como Mohocks, nome que insultava os honrados selvagens da América, adoravam vagar pelas ruas de Londres atormentando os mais pobres, retalhando os seus membros, decepando orelhas ou narizes, empurrando velhas senhoras pelos morros abaixo e até, ainda que raramente, deleitando-se no crime mais permanente de assassinato.

Eu tinha lido sobre estes fedelhos arrogantes e ansiava por uma oportunidade para infligir alguma violência neles como retribuição, por isso não sei se foi o meu ódio pelo privilégio que estes homens achavam pertencer-lhes, ou uma preocupação sincera que sentia por uma vítima idosa, que me lançou para a luta. Só posso dizer que quando vi a cena diante de mim agi sem hesitação.

Quatro Mohocks, vestidos de cetim e finas rendas e a usar máscaras de foliões italianos, cercavam um velho que tinha caído na rua e estava sentado como uma espécie grotesca de criança com as pernas dobradas. A sua peruca tinha sido removida e atirada para o chão e um fio de sangue escorria de um corte na sua cabeça. Os Mohocks soltavam risinhos abafados e um deles fez um gracejo arrevesado em latim, o que levou os outros a uma hilariante alvoroçada.

— Agora — disse um deles ao velho — você mesmo deve fazer a escolha. — Sacou a sua espada e rasgou o ar com a graça experiente de um mestre de esgrima antes de enfiar a ponta da arma no rosto do homem. — Quer perder uma orelha ou a ponta do nariz? Decida-se logo, ou ganhará ambos os prêmios pelos seus esforços.

Por um momento não houve nenhum som a não ser a respiração ofegante do homem assediado e a imundície da cidade a escoar pela sarjeta que corria no meio da rua.

A fractura na perna que havia acabado com minha carreira no ringue deixava-me sem a resistência de um pugilista, mas eu ainda era muito bom na tarefa de uma luta rápida de rua. Os Mohocks estavam ébrios demais de crueldade, e vinho também, para notarem a minha presença e assim corri em socorro da vítima, imediatamente despachando um dos rufiões com um forte golpe na nuca. Antes que os seus companheiros sequer soubessem que eu tinha entrado na rixa, agarrei um segundo vilão e atirei-o de cabeça contra

a parede... uma manobra que o deixou incapacitado para novas maldades.

O velho, que eu imaginara tão indefeso como uma mulher, viu que as hipóteses agora estavam niveladas e colocou-se numa postura mais máscula, dando um soco rápido no assaltante que o ameaçara com a espada, derrubando a longa e elegante lâmina da sua mão e mandando-a ruidosamente para a escuridão. Eu agora trocava socos com um dos dois homens que permaneciam na batalha, enquanto o meu companheiro, que deve ter extraído força da sua indignação, levou alguns murros no rosto mas suportou bravamente a dor. O sangue corria livremente de um novo corte acima do seu olho esquerdo, mas ele mostrou-se um guerreiro inspirado e permaneceu no jogo o tempo suficiente para que um guarda-nocturno da freguesia, de lanterna erguida, aparecesse no final da rua. Os Mohocks, vendo este guardião, decidiram interromper o seu desporto e os dois vilões ainda em pé juntaram os seus camaradas caídos e saíram a arrastarem-se para cuidar dos ferimentos e inventar histórias que pudessem justificar as suas equimoses.

Enquanto o guarda se aproximava, eu aproximei-me do companheiro de batalha e segurei nos seus ombros para o endireitar. Através de olhos cansados, nublados pelo sangue e pela respiração ofegante, ele olhou fixamente e então deu-me um sorriso exuberante:

— Benjamin Weaver — disse com pompa. — O Leão de Judá! Ora, nunca pensei que fosse vê-lo lutar de novo. E certamente não nesta proximidade.

— Nem eu o planeava — disse, recobrando o fôlego. — Mas estou feliz por ter sido de alguma ajuda a um homem em dificuldades.

— Mais feliz do que imagina — assegurou-me —, pois eu seria amaldiçoado por um criado do próprio Satanás se não recompensasse o seu valor como ele merece. Dê-me sua mão, senhor.

Este infeliz agora apresentava-se como Hosea Bohun e implorou que eu fosse visitá-lo no dia seguinte para que pudesse prestar-me algum pequeno serviço que mostrasse a sua gratidão. Àquela altura o guardião tinha chegado até nós, um tipo descarnado, mal equipado para os seus deveres. Tendo perdido os assaltantes, o guarda achou uma boa ideia carregar as vítimas para a esquadra como punição por estarem na rua depois do toque de recolher, mas o Sr. Bohun fez um uso liberal dos nomes dos seus amigos, incluindo o prefeito, e mandou o guarda passear.

No dia seguinte descobri que tivera a boa sorte de dar ajuda vital a um opulento comerciante das Índias Orientais e, na esplêndida residência de cidade do Sr. Bohun, aquele homem agradecido recompensou-me com uma soma não inferior a cem libras e uma promessa de estar ao meu serviço, caso surgisse uma ocasião. E de facto ele prestou-me serviço, pois a história de como tinha sido atacado por Mohocks e como teve a boa hipótese de os combater com Benjamin Weaver ao seu lado, acabou por chegar às páginas

dos jornais. Logo depois recebi as visitas de outros homens — alguns gentis, alguns pobres, mas todos com ofertas para me pagarem pelas minhas habilidades. Um cavalheiro planejava uma viagem à sua propriedade de campo e desejava que o acompanhasse para protegê-lo, e aos seus bens, dos salteadores de estrada. Outro era um dono de loja cujo estabelecimento era regularmente atacado por bandidos; queria que eu passasse um tempo na loja e aguardasse os vilões, aos quais recompensaria pelos seus truques. Ainda outro desejava que eu cobrasse uma dívida de um sujeito escorregadio que tinha escapado com sucesso dos meirinhos por mais de um ano. Talvez o pedido mais significativo — outro que novamente colocou o meu nome nos jornais — foi o de uma mulher empobrecida cuja única filha, de doze anos incompletos, tinha sido atacada da maneira mais escandalosa por um marinheiro. Havia testemunhas do ataque, mas a mulher não podia encontrá-las nem conhecia o paradeiro do próprio marujo. Descobri logo que não era difícil fazer perguntas, escutar conversas ociosas e seguir pistas deixadas por réus descuidados. Este marinheiro, como os meus leitores talvez saibam, foi condenado por estupro e eu mesmo tive a satisfação de o ver enforcado em Tyburn.

E assim começou o meu trabalho como protector, guardião, cobrador, polícia de aluguer e caça-ladrões. Foi este dever que achei o mais lucrativo, pois, por levar os criminosos à justiça, recebia não só a recompensa do meu empregador, mas também a considerável recompensa de quarenta libras oferecida pelo Estado. Três ou quatro prémios destes ao longo de um ano equivaliam a um belo ganho para um homem da minha posição.

Digo com algum orgulho que rapidamente construí uma reputação de honestidade, pois é bastante notório que os caça-ladrões são em geral os vilões mais perversos, que não ligam para a culpa ou inocência do pobre sujeito que arrastam para diante do magistrado, pensando apenas na recompensa que virá com a condenação. Quando instalei o meu negócio, deixei claro que nada teria a ver com os truques dos caça-ladrões e preoquepei-me apenas em capturar vilões e em recuperar bens desviados. Fiz isso não só para evitar qualquer infracção à lei, mas para que houvesse um homem em quem uma vítima de roubo pudesse confiar.

Para meu azar, o emprego como caça-ladrões tinha-se tornado escasso na época em que se inicia a minha história, pois um vilão notório chamado Jonathan Wild tinha começado a construir o seu nome como Caça-Ladrões Geral. Wild parecia operar magias para as incontáveis vítimas de roubos em Londres, pois era capaz de descobrir o paradeiro de quase cada ladrão da cidade e recuperar quase qualquer artigo roubado. Como sabemos agora, e como muitos sabiam na época, Jonathan Wild podia fazer todas essas coisas porque quase não havia um gatuno em Londres que não fosse seu empregado. Quando um homem descobria que um artigo fora roubado, geral-

mente achava mais conveniente pagar aos mesmos ladrões para devolverem o objecto do que contratar um homem como eu, que não podia oferecer nenhuma garantia de recuperação. Wild nunca dava garantias, pois posava como um cidadão preocupado meramente em oferecer ajuda, mas raramente ouvi dizer que tivesse deixado de recuperar um artigo roubado. Segundo o costume, as suas vítimas colocavam anúncios no Daily Courant anunciando os objectos que desejavam ter de volta. Não levava muito tempo para que a vítima recebesse uma palavra do Sr. Wild, explicando que podia ser de ajuda se o bom cavalheiro ou a boa dama apenas estivessem dispostos a oferecer ao ladrão metade ou três quartos do valor do artigo roubado. Não era um bom negócio, mas era melhor do que ter de repor a propriedade e assim, desta maneira, os cidadãos de Londres recuperavam os seus bens perdidos e saudavam o homem que os tinha roubado. Wild, por sua vez, recebia muito mais dinheiro pelo seu botim do que poderia jamais esperar caso o tivesse receptado ou tentado revender sozinho. Ficou tão rico com este esquema que diziam que tinha agentes em quase cada cidade de nota em Inglaterra e possuía navios clandestinos que viajavam constantemente destas praias para a França e a Holanda, e de volta, carregados de contrabando.

Apesar do seu grande sucesso, havia sempre aqueles que conheciam Wild pelo que ele era e não queriam nenhum negócio com ele. Sir Owen Nettleton era este tipo de cavalheiro; viera visitar-me com um pedido apenas dois dias antes do meu encontro com o Sr. Balfour. Sir Owen era um homem envolvente e simpatizei com ele de imediato. Apareceu no meu quarto de recepção, orgulhoso e jovial, ligeiramente gordo e um tanto bêbado. Alguns homens tinham vergonha de me visitar na minha vizinhança, talvez porque Covent Garden fosse pouco elegante, talvez porque não desejassem entrar publicamente na casa de um judeu, mas Sir Owen não tinha nada disso, era aberto e saliente. Com a sua inconfundível carruagem ouro-e-turquesa parada directamente diante do endereço da Sra. Garrison, caminhou ousadamente para dentro da casa disposto a dar o seu nome a quem quer que o pedisse.

Estava perto dos quarenta anos, creio, mas a sua roupa e o seu ânimo davam-lhe a aparência de um homem pelo menos dez anos mais jovem. Era todo cores alegres, fios de prata e bordados extravagantes, e o seu rosto jovial parecia ainda mais largo e corado sob a enorme cobertura da sua peruca perfeitamente branca e imensa. Sentado confortavelmente na cadeira à minha frente, falou dos mexericos da cidade e bebeu a melhor parte de uma garrafa de vinho da Madeira antes sequer de sugerir que tivesse qualquer negócio comigo. Por fim, colocou o copo na mesa e caminhou até à janela imediatamente atrás da minha cadeira e olhou para a rua lá em baixo. Parado ali tão perto de mim, deixou-me zozzo com as névoas da sua aplicação liberal de perfume de almíscar.

— É uma bela tarde de Domingo para um mês como Outubro, não acha? Uma bela tarde de Domingo.

— É uma bela tarde — concordei, agora já um tanto ansioso para que Sir Owen dissesse ao que viera.

— Uma tarde tão bela — explicou — que não posso falar-lhe dos meus negócios dentro de casa. Queremos ar fresco, Sr. Weaver, e luz do sol, penso eu. Vamos dar uma volta pelo parque de St. James.

Achei a sua proposta perfeitamente agradável e então descemos as escadas onde nos submetemos aos olhares indisfarçavelmente curiosos da minha senhoria e de três das suas igualmente corpulentas e amargas amigas que se debruçavam sobre uma mesa de cartas, a jogar com apostas pequenas. O queixo da Sra. Garrison certamente caiu quando me viu entrar na bela carruagem de Sir Owen.

Vivi em Londres quase toda a minha vida e por muitas vezes testemunhei o espectáculo do parque de St. James numa gloriosa tarde de Domingo, mas devido em grande parte ao estranhamento social por ser um judeu de recursos limitados, nunca pensei que pudesse participar dele. No entanto, lá estava eu, caminhando ao lado de um elegante baronete, sentindo o sol pleno no meu rosto ao andar pelo parque com inumeráveis damas e cavalheiros. Sinto-me lisonjeado por não me ter deslumbrado com a vivacidade do espectáculo, mas era uma diversão estonteante testemunhar as cortesias e as reverências, a exibição dos últimos estilos de casacos e modas de cabelos, de perucas e fitas, sedas e arcos. Acho que Sir Owen talvez tenha sido o homem perfeito para me iniciar nesse mundo, pois conhecia uma boa quantidade de cavalheiros e damas e distribuía e recebia a sua porção de reverências, mas não tinha tantos conhecidos que tornassem impossível dar um passo. Assim, caminhamos entre o beau monde, tocados pelo frágil calor do Verão que se despedia, e Sir Owen contou-me então sobre as suas dificuldades.

— Weaver — começou enquanto andávamos. — Não sou homem de esconder os sentimentos. Vou dizer-lhe de pronto que gosto da sua aparência. Você impressiona-me como um homem em quem posso confiar.

Sorri interiormente diante da sua maneira de se expressar.

— Procurarei de todas as maneiras ser digno desta confiança.

Sir Owen parou e encarou o meu rosto, movendo a cabeça de um lado para o outro ao inspecionar as minhas feições.

— Sim, gosto da sua aparência, Weaver. Você veste-se como um homem de bom senso e comporta-se como um homem de bom senso, também. Talvez nem soubesse que é um judeu, embora ache que o seu nariz é um pouco maior do que um inglês estritamente permitiria... mas e então?

Prosegui a o nosso passeio, esperando que o movimento trouxesse Sir Owen a um tópico mais relevante de conversação.

— E você parece um galante dos bons — continuou. — Eu apostaria que é um homem que gosta dos seus prazeres. Posso assegurar-lhe que eu sou. Vou ser franco. Gosto de jogar e gosto de prostitutas. Gosto muito de prostitutas, senhor.

Pressionado pelo seu ânimo, disse:

— E elas gostam do senhor, Sir Owen?

Por um instante receei tê-lo ofendido, mas ele explodiu numa gargalhada densa como um prato de chocolate.

— Elas gostam tremendamente do meu dinheiro, Sr. Weaver. Posso garantir-lhe. Gostam dele tanto quanto os donos das casas de jogos. Pois todos os homens, e as mulheres também, gostam de dinheiro. Eu gosto de dinheiro — prosseguiu na lengalenga, perdendo o fio do pensamento quando um grupo de belas jovens cruzou o nosso caminho, com o riso frouxo em torno de um guarda-sol.

— Assim como o senhor gosta de prostitutas — ofereci em assistência. Estalou os dedos.

— Exactamente. Prostitutas. Sim, bem, o meu apego pelas prostitutas colocou-me numa espécie de enrascada, receio. — Fez uma pausa para rir de uma piada que se lembrou. — Mas não preciso de um cirurgião. Não é esse tipo de enrascada. Não desta vez. Sabe, tive um encontro amoroso na noite passada com uma prostituta que não se contenta em ser simplesmente prostituta, que não se contenta em ganhar a vida honestamente em troca de uma dormida honesta. Parece que ingeri um bocado de vinho a mais e esta rapariga apropriou-se de todas as minhas posses.

Sir Owen interrompeu a sua narrativa para dirigir uma reverência a uma senhora excessivamente pintada que exibia um vestido elaborado de verdes e amarelos e usava o cabelo empilhado bem alto, no estilo hanoveriano. Ela prestou alguma leve atenção ao baronete e seguiu o seu caminho. Sir Owen continuou então o seu relato, explicando-me que tinha sido levado a dar um passeio com a prostituta após, como costuma acontecer, ter sido enfraquecido pelo álcool a que tinha sido encorajado a beber muito além da sua considerável média. Quando acordou num beco, o seu casaco, relógio, sapatos, espada, bolsa e uma carteira de documentos tinham sido levados.

— Não sou um homem de criar confusão — garantiu-me. — Estou disposto a deixá-la ficar com tudo, mas preciso de recuperar aquela carteira com documentos. Tem muitas coisas valiosas para mim, e só para mim. É muito importante que eu a recupere e que o faça o mais cedo possível.

Pensei nisto por um momento.

— Sabe o nome dessa prostituta ou onde poderia encontrá-la?

Sorriu.

— Quando jovem, o vigário da paróquia sempre me dizia que ser um

mulherengo seria a minha desgraça, mas é exactamente isso, ser mulherengo, que me prestou um serviço. Conheço o nome dela, de facto, pois observei-a a desempenhar o seu comércio, embora antes da noite passada não tivesse tido o desprazer de a conhecer, digamos, intimamente. Acho que talvez a sua maneira de se prostituir sempre faz com que os homens voltem a pedir mais. O seu nome é Kate Cole e vi-a muitas vezes num bar chamado Barrel and Bale. Acho que ocupa um quarto ali, mas não estou certo.

Acenei com a cabeça. Nunca ouvira falar dessa prostituta, mas havia milhares do seu ofício em Londres. Mesmo um homem com o entusiasmo de Sir Owen não podia esperar conhecer todas.

— Vou encontrar a sua Kate Cole para si, então.

Prosseguiu descrevendo-me a aparência dela em grande detalhe, dando-me mais informação do que eu necessariamente precisaria para encontrar uma mulher plenamente vestida.

— Acho — disse então, baixando a voz — que não preciso de mencionar discrição absoluta. Claro que um homem na sua posição entende as necessidades de um homem na minha posição.

Disse-lhe que entendia perfeitamente, embora me indagasse por que escolheria desfilhar pelo parque comigo se desejava sigilo.

Sir Owen surpreendeu-me adivinhando os meus pensamentos.

— Não me importa que o mundo saiba que fui visto com o senhor, ou mesmo que fui procurá-lo para que me ajudasse a recuperar bens roubados. Mas preferiria que não falasse muito além disto. Não é da conta de ninguém o que me foi roubado ou como me deixei roubar.

— Concordo inteiramente — repliquei com um aceno de cabeça tranquilizador. — Acho que o senhor vai verificar que todos os homens aos quais servi atestarão sobre a minha discrição.

— Esplêndido. Se os homens desejam especular qual é o meu assunto com o senhor, deixe que especulem — acrescentou com altivez. — Se profanarem o meu nome, certamente responderão por isso, pois não existe um homem em Londres que ousasse insultar-me. Asseguro-lhe que sou um espadachim dos melhores — disse-me enquanto segurava teatralmente o cabo da espada. — E não foram poucas as madrugadas que passei em Hyde Park a defender a minha honra.

— Percebo o que quer dizer — disse eu, embora não percebesse. Queria vangloriar-se ou fazer uma ameaça? — Tenho mais uma pergunta — continuei. — Sir Owen, posso perguntar por que não procurou o Sr. Jonathan Wild? Pois ele é o homem mais requisitado na questão de bens roubados. E sem dúvida o mais apto a devolver os bens com toda a presteza —, acrescentei silenciosamente, pois esta prostituta estaria certamente a seu soldo, como muitas das prostitutas ladras de Londres.

— Wild é um ladrão — disse ele numa voz cadenciada — e toda a gente em Londres sabe disso. Pelo menos aqueles que não são tolos. Um homem como você, estou certo, sabe disso. Acredito que esta prostituta pertença ao seu plantel de ladras e quero ser enviado para o Inferno para toda a eternidade, senhor, antes de pagar dinheiro pelo que é minha propriedade de direito ao patife que ma roubou. Vou contar-lhe, sei que Londres considera Wild um servidor público, quando ele não passa de um charlatão, cujos truques elaborados o fizeram rico e deixaram a cidade espoliada. — O seu rosto tinha assumido a cor de um vermelho profundo. Consciente de que se empolgara demais, levou um momento para se recompor. — Diga-me — continuou mais friamente —, quanto cobraria para recuperar uma carteira de documentos?

— A carteira tem algum dinheiro em notas? — perguntei.

— Sim. Acho que cerca de duzentas e cinquenta libras.

— Os meus honorários, Sir Owen, são geralmente um guinéu por um artigo como uma carteira, mais dez por cento do valor das notas. Vou arredondar para vinte e cinco libras.

— É certamente o que Wild cobraria também e não vou aceitar. Vou pagar-lhe duas vezes mais do que Wild pediria, pois quero que o meu dinheiro caia nas mãos de um homem honesto. O senhor vai encontrar esta prostituta para mim e devolver-me a minha carteira com o seu conteúdo e eu pagar-lhe-ei cinquenta libras. O que acha, senhor? Certamente um pugilista como o senhor não tem medo de cruzar o caminho de Wild.

Senti uma exuberância diante do pensamento de uma remuneração tão enorme, pois como quase toda a gente em Londres, e em toda a nação, na verdade, eu mantinha algumas dívidas nada confortáveis. E como o conde de Stanhope, o nosso presidente do Tesouro, eu tinha-me tornado consideravelmente habilidoso, pagando a um credor aqui e ali para evitar a ruína e ainda assim manter-me num estilo que não podia, no sentido estrito, sustentar. Cinquenta libras teriam um impacto enorme na minha pequena parcela de dinheiro vivo e, ainda que a ideia de tanto dinheiro me deixasse tonto, mostrei a Sir Owen a minha fria determinação.

— Adorarei cruzar caminho com Wild — prometi-lhe. Embora Wild e eu nos tivéssemos encontrado uma só vez, a nossa competição era vigorosa e nada me deleitava mais do que rastrear os bens que os seus homens roubavam. Estabelecí a política, sempre que possível, de evitar impedir a acção dos ladrões a serviço de Wild, pois o seu mestre não tinha semelhantes escrúpulos, e a minha clemência para com estes gatunos granjeara-me alguma gratidão.

Sir Owen sorriu largamente.

— Gosto de um homem com o seu espírito — disse e então agarrou a minha mão com um vigoroso puxão.

Sorri ao administrar a retirada da minha mão do entusiástico aperto

de Sir Owen.

— Vou fazer todos os esforços para recuperar a sua carteira com toda a presteza e vou contactá-lo no momento em que tiver qualquer novidade para relatar.

Sir Owen deu um passo até à berma do caminho para deixar passar uma bela colecção de jovens pares.

— Gosto de si, Weaver — disse. — Nunca fui fanático em matéria de religião e agora posso ver porquê. O que significa se um homem come porco ou não? Consiga a minha carteira e vou dizer que você é um homem tão bom quanto qualquer outro e melhor do que a maioria.

Senti que tinha sido dispensado, por isso fiz uma reverência para Sir Owen e permiti que caminhasse até um grupo de cavalheiros conhecidos. Virei-me para tomar o caminho de casa, inflamado por uma determinação férrea de resolver a questão de Sir Owen tão rápida e eficientemente quanto pudesse. Tinha tanta confiança nos meus talentos que já considerava a carteira na minha posse. Ao meu jeito sanguíneo, tal como eu era, não podia saber que o negócio explodiria tão perigosamente.



DEVERIA TER SIDO UM CASO SIMPLES. Vesti-me no papel de cavalheiro: casaco ostensivo e espada, peruca transbordante, reluzentes fivelas prateadas nos sapatos. Tinha aprendido a parecer o perfeito cavalheiro quando, nos meus dias menos escrupulosos, passara algum tempo a viajar pelo campo trabalhando como o que chamávamos de gatuno elegante. Eu apresentava-me a um proprietário como um cavalheiro, alugava um aposento mobilado com nada mais do que a minha aparência e então seguia em frente para limpar o local de qualquer coisa que tivesse valor. Agora, com motivos mais honrados, a minha tarefa era imitar um homem de recursos a serviço de desfazer um roubo e esta tarefa exigia um tipo particular de cavalheiro. Portanto, coloquei um pouco de volume na minha secção média, fazendo-me parecer mais inclinado à gordura do que aos músculos. Sabendo que a noite exigiria embriaguez, e que a embriaguez era realmente o inimigo, fortaleci-me da melhor maneira que pude. Primeiro comi tantas natas quanto consegui aguentar, pois ajudariam a absorver o álcool que eu bebesse. Depois fiz um gargarejo com vinho e derramei algum nas minhas roupas, cobrindo-me do cheiro de um homem que requereria pouco mais para ficar sem sentidos. Assim preparado, aluguei um coche para me levar ao bar, sentei-me num local bem iluminado e ostensivamente ordenei que me servissem vinho.

O Barrel and Bale era o que se poderia esperar de tais lugares nas partes mais coloridas da cidade. Ficava perto do rio, nas proximidades de Temple Bar, mas os seus frequentadores eram principalmente carregadores e viajantes, com uns poucos templários à procura de um alívio dos seus estudos da lei. Eu destacava-me neste local, mas não era saliente. Tinham visto o meu

tipo antes, na verdade, tinham visto o meu tipo em Sir Owen. Por isso, com poucos olhos sobre mim, excepto aqueles que maquinavam como poderiam mais tarde adquirir maiores informações sobre o conteúdo da minha bolsa, sentei-me à mesa e observei a mistura de vida à minha volta. O bar estava cheio, mas não lotado como tais lugares podem ficar. O cheiro de corpos sujos, perfumes baratos e de denso e sufocante tabaco fazia-me esforçar para conseguir respirar. Não ouvi música alguma excepto os risos esganiçados das mulheres, os gritos dos homens e o inconfundível ruído dos dados sobre o topo das mesas. Um soldado ferido insistia em ficar de pé sobre a sua cadeira a cada quarto de hora e uivar uma canção obscena sobre uma prostituta espanhola de uma perna só. Berrou sem ligar muito para a afinação até que os seus amigos o arrastaram para o chão e, à maneira jovial de tais homens, o sovaram até que se aquietou.

Os meus leitores refinados talvez só saibam destes lugares através de relatos que tenham lido, mas eu tinha viajado por estes abrigos obscuros muitas vezes antes e tinha pouca dificuldade em ignorar o tumulto à minha volta. Concentrei a cabeça nos negócios e, como o baronete me fizera uma boa descrição da mulher que eu procurava, examinei a sala repetidamente, tentando com afinco parecer um bêbado em busca de companhia. Tentei com afinco demais, creio, pois tive de rejeitar várias mulheres da profissão de Kate Cole. Um homem como eu, que parecia ter dinheiro e, se posso ousar, era muito mais atraente como pessoa do que os fregueses mais costumeiros à procura de companhia, podia sempre depender de encontrar favorecimento entre as damas.

Aquela que eu procurava, segundo Sir Owen, não teria mais de dezanove anos, cabelos ruivos lustrosos, uma pele clara e sardenta e um sinal no cavalete do nariz. Finalmente vi-a sentar-se a uma mesa e meter conversa com um jovem com cara de mau que, pela aparência, poderia ter-se dado bem no ringue. Era um monte de carne alto, largo e musculoso, com um rosto retorcido numa carranca imutável. Pude ver que o dorso da sua mão fora marcado a ferro, por isso devia ter-se desviado da lei pelo menos uma vez na vida, sem dúvida um caso de roubo, mas ficaria surpreso se fosse o único crime a seu crédito.

Eu não podia adivinhar a ligação da prostituta com este rufião e receava que ela estivesse apalavrada para a noite. Mas achei improvável que uma mulher daquelas deixasse um cavalheiro com uma bolsa ficar desapontado por muito tempo e assim, com uma variedade de olhares e sorrisos, deixei claro que me interessara por ela e esperava que qualquer negócio que tivesse com aquele sujeito pudesse ser resolvido com rapidez.

Os meus desejos foram gratificados. Em menos de um quarto de hora, o rufião levantou-se e deixou a sala. Comecei a olhar fixamente para Kate,

observando-a da maneira mais incivilizada e lasciva imaginável. Ela não teve dúvidas quanto às minhas intenções e não perdeu tempo em vir até à minha mesa, onde se sentou muito perto de mim. Colocando a mão sobre a minha perna, inclinou-se à frente e sussurrou, deixando a respiração acariciar a minha orelha, que gostaria de um copo de vinho.

O meu entusiasmo era genuíno, embora não do tipo que ela teria previsto e, fingindo muita embriaguez, pedi uma garrafa do mijo amargo que o Barrel and Bale se orgulhava em servir.

Bem de perto, pude ver que Kate não era uma mulher desprovida de encantos para cavalheiros com essa inclinação, mas possuía aquele tipo de olhar duro e vazio das ruas e isso para mim sempre foi suficiente para domar as minhas mais libidinosas paixões. Não tinha sentimentos amorosos por mulheres nas quais não podia confiar em relação à minha bolsa, caso adormecesse. Além do mais, Kate estava muito necessitada de um banho e o seu vestido, embora envolvendo apertadamente as suas formas agradáveis, estava encardido com os restos de fregueses anteriores. A musselina de cor marfim agora estava de um castanho amarelecido e o seu peitilho castanho-amarelado estava tão sujo que parecia requerer um despiolhamento.

— És uma rapariga muito bonita — disse, enrolando as palavras o bastante para fazê-la acreditar que já tinha bebido muito para lá da minha cota de bebida. — Não pude deixar de notar em ti, querida.

— E o que foi que notou? — perguntou-me com um ar inocente.

Confesso que tive uma vocação de libertino nos meus anos mais jovens e, mesmo nesta questão de negócios, não pude resistir à tentação de conquistar esta mulher. Era uma grande fraqueza minha, suponho. Muitos dos meus amigos adoravam conquistar apenas mulheres que achavam encantadoras, mas eu sentia uma necessidade de que as mulheres me achassem encantador.

— O que notei em ti? — repeti a sua pergunta. — Notei o rubor dos teus lábios, a brancura do teu pescoço e a curva delicada do teu queixo — estendi e pousei a minha mão na sua face. — E a maravilhosa linha das maçãs do teu rosto. Pareces um anjo glorioso e sensual numa pintura italiana.

Kate olhou-me de soslaio.

— A maioria dos cavalheiros diz que gosta do meu rabo.

— Estavas sentada sobre ele quando reparei em ti — expliquei.

Satisfeita, Kate riu e voltou à sua bebida.

Juntei-me a ela, emborcando o meu vinho, e deixei que Kate me encorajasse a beber mais. Mesmo quando bebia em grandes quantidades, eu raramente perdia a cabeça para o álcool, mas as natas no meu estômago também me protegiam. Para minha surpresa, tinha começado a ficar amargo e foi preciso alguma concentração para manter esta mistura de líquidos no devido lugar. Cerrei os dentes e ignorei o meu desconforto, representando o bêbado

maluco, gritando, tropeçando nas palavras e até, uma vez, caindo da cadeira.

— Fica cheio de vinho num instante, não é, meu homenzarrão? — disse ela com um sorriso de dentes irregulares. — O que está a precisar é duma boa caminhada, com certeza. Para arejar a cabeça. E se a gente parar num lugar tranquilo, qual é o problema de fazer aquilo, não acha?

Deu um bom apertão no meu braço e então fez uma breve pausa para avaliar a resistência do músculo que ela imaginara ser um tipo de carne muito mais flácida.

Após remexer na minha bolsa para pagar a conta, cuidando para que Kate visse que havia ainda muitas outras moedas, saí caminhando com ela para a noite de Outubro. O tempo esfriara com o cair da noite e, puxando-a para perto de mim, deixei que Kate me levasse por um labirinto tortuoso de becos londrinos. Percebi que ela tentava desnorrear-me e, embora estivesse bem menos embriagado pelo vinho do que ela imaginava, consegui confundir-me dentro de uns poucos minutos, pois conhecia bem as ruas escuras e labirínticas. Eu só podia ter a certeza de que estávamos perto do rio e caminhávamos na direcção de Puddle Dock.

Era tarde e bastante escuro e, perto do rio como estávamos, teria sido perigoso caminharmos naquela direcção. Um vento forte soprava no meu rosto o cheiro fétido do Tamisa. Kate agarrava-se a mim procurando calor e também levar-me numa direcção em que ela sabia nenhum cavalheiro sóbrio carregando quaisquer bens gostaria de se aventurar. Até um homem preparado na arte da autodefesa evita qualquer excursão pelas ruas escuras perto do rio, pois numa época em que bandos de ladrões violentos, formadas às vezes por doze ou mais, percorriam livremente a cidade, um homem podia oferecer a si mesmo e à sua companheira pouca protecção. Uma jovem com um cavalheiro cambaleante nos braços deveria parecer um alvo delicioso; eu só podia presumir que a correria que ouvíamos à nossa volta seria de salteadores e gatunos que conheciam Kate e sabiam o que ela estava a tramar, pois havia seguramente outros que rastejaram perto o bastante para nos inspeccionar, mas sempre se afastavam e às vezes com uma risada. Uma vez, um grupo de garotos com archotes cercaram-nos, tentando forçar Kate a concordar em pagar a um deles para que iluminasse o nosso caminho, mas ela tinha um conhecido entre esses meninos e descartou-os com uns poucos gracejos afáveis.

Finalmente levou-me para um beco até que chegássemos ao final e à escuridão quase total. Estávamos talvez a dez metros da entrada e a uns poucos metros do final. O beco era estreito e frio, cercado por pedras; o chão sob os nossos pés estava molhado e odores fétidos exalavam das poças de água pútrida e do lixo bolorento que cobria o chão. Descobrimos uma caixa de madeira encostada à parede quase para nossa conveniência e eu mal acreditaria que nesta parte da cidade, um item que podia valer pelo menos uns poucos

pences, não fosse levado e vendido minutos depois de ser abandonado. Na verdade, eu não devia ter acreditado naquilo, porém, mais preocupado com Kate, descartei a minha curiosidade quase que de imediato.

— Ninguém nos vai perturbar aqui — disse ela. — Pode ter alguma liberdade.

Acompanhei-a silenciosamente, o seu parceiro voluntário na aventura lasciva. Devo dizer que pouco entendo aqueles cavalheiros que extraem prazer numa relação apressada num beco húmido ou debaixo de uma ponte bolorenta. No entanto, se os homens fossem recusar tais prazeres nas ruas, acredito que metade das prostitutas de Londres seria forçada a recolher-se às casas de correcção.

Sentei-me na caixa e deixei a cabeça cair de lado. Kate abaixou-se e ofereceu-me um beijo bem ao lado dos meus lábios. Era uma criatura esperta, queria saber se a minha intoxicação superava o meu desejo. Se eu a tivesse agarrado e direccionado o beijo, saberia que pelo menos eu ainda tinha alguma energia.

Não me mexi.

— Você não está a querer dormir antes de nos conhecermos melhor, não é? — perguntou, esperando que eu fizesse precisamente isso. Conhecia o seu ofício. Algumas prostitutas ladras teriam feito a sua jogada naquele instante, mas ela ficou quieta, observando-me por uns bons cinco minutos, deixando-me, como acreditava, cair num sono mais profundo, mais seguro, até que estivesse certa de que o meu repouso seria ininterrupto. Ajoelhou-se então diante de mim e começou a desabotoar o meu casaco, os seus dedos habilmente procurando a corrente do meu relógio. Kate tinha um grande talento, notei com admiração hesitante, pois ela também estivera a beber vinho, mas o álcool não a afectara em nada; os seus dedos dançaram destramente pelo meio do meu corpo e eu sabia que, se não agisse com presteza, seria forçado a exigir a devolução do meu relógio juntamente com a carteira de Sir Owen.

Com um safanão rápido e violento que calculei tanto para chocar como para desequilibrar Kate, levantei-me, derrubando-a na porcaria do beco. Ela caiu de costas, como eu tencionava, e só se manteve acima do chão apoiando-se com os braços nas suas costas. A sua posição era vantajosa para mim, pois não podia fazer movimentos com rapidez. Enquanto isso, saquei uma imponente pistola de bolso que sempre carregava comigo e apontei-a directamente para ela.

— Vai desculpar-me a artimanha, madame — disse. — Posso garantir-lhe que os seus encantos não foram perdidos comigo, mas venho a serviço de outro cavalheiro.

— Seu filho-da-mãe — disse ela ofegante.

Mesmo no escuro eu podia ver os seus olhos a mexerem-se enquanto

pensava. Quem era eu? Qual era o meu assunto? Como poderia levar vantagem?

Segurei a pistola firme na mão. O meu rosto transmitia calma e determinação. Prostitutas e ladrões geralmente não respeitavam a autoridade, a lei ou até o perigo, mas respeitavam o terror e nada enchia a escória das ruas de terror tão rapidamente quanto um inimigo que exibisse domínio sobre as suas paixões.

— Isto não precisa ser mais do que uma questão simples — disse num tom calmo. — Deixe-me explicar o nosso negócio. Na noite passada, você conheceu um cavalheiro e teve uma aventura muito parecida com a que estava a planejar comigo. Levou uma quantidade dos seus bens e ele quer a sua devolução. Dê-me as posses deste homem e deixá-la-ei ileisa. Ele sabe quem você é, mas não vai depor na sua detenção, se você cooperar.

Se Kate sentia terror, não o demonstrava. Mordeu o lábio inferior como uma criança a fazer beicinho.

— E se eu dissesse que você é um mentiroso e que eu não estive perto de nenhum cavalheiro a noite passada? E então?

— E então — respondi eu calmamente —, terei que lhe bater até que fique sangrenta e inconsciente, vou revistar o seu quarto e achar o que estou à procura, e quando você acordar vai encontrar-se na prisão de Newgate com nada no futuro senão o dia seguinte, o do enforcamento. Está numa situação complicada, querida. Por que não me ajuda para que eu possa prosseguir o meu trabalho?

Espero que o meu leitor reconheça que eu não tinha nenhum desejo de magoar a mulher, pois nunca escolhi infligir violência neste sexo. Posso, porém, poucos escrúpulos em relação à ameaça da violência e, diante das sensibilidades mais delicadas da constituição feminina, ameaças são geralmente tudo o que necessito.

Não tanto neste caso.

— Eu devia ajudá-lo para poder prosseguir com o seu trabalho, não é? — repetiu ela com um sorriso maldoso. — O seu trabalho é morrer e eu vou ajudá-lo muito nisso.

Naquele momento, percebi que tinha subestimado a operação de Kate Cole, pois o som atrás de mim era o de um par de botas pesadas a avançar das sombras. Num instante eu sabia que Kate não trabalhava sozinha e que pelo menos alguns dos passos que ouvira pertenciam ao seu parceiro. Esta operação era do tipo a que costumavam chamar rabo e cacete: uma prostituta atraía uma vítima embriagada para um local afastado e, se o vinho não resolvesse, o cacete completava a tarefa. Eu, embora armado, achava-me em grave desvantagem, pois não ousava virar as costas para Kate, mas tinha de me virar, e virar rapidamente para encarar o adversário que ainda não tinha divisado.

Dando um passo sobre a caixa de madeira e agarrando uma saliência na parede, saltei por cima de Kate, ainda inerte, e girei rápido, a pistola apontada em frente. O que vi foi o rufião do Barrel and Bale, a correr para mim com uma espada apontada. As minhas costas estavam contra a parede e não havia qualquer espaço de manobra. Se não tivesse nada na mão, a minha primeira escolha seria sacar a espada e enfrentar o homem numa competição justa, pois gabava-me de ser um espadachim habilidoso e seria capaz de desarmar o sujeito sem perda de vidas. Mas não havia tempo para largar a pistola e sacar a lâmina e, lamentando que tivesse de tomar estas medidas extremas, puxei para trás o cão da pistola e atirei na forma que se aproximava. Houve uma forte detonação, um lampejo momentâneo e uma sensação de queimadura na minha mão, agora enegrecida pela pólvora. Por um instante, pensei que o tiro tivesse saído pela culatra, mas então vi o rufião estacar, uma mancha escura a espalhar-se pela sua camisa puída. Ele pôs-se de joelhos, as mãos a cobrir o ferimento e, em questão de segundos, caiu para trás e a sua cabeça bateu com força na imundície.

Enfiando a peça quente no meu bolso, agachei-me e agarrei Kate, que já tinha começado a flexionar os músculos do rosto para soltar um grito. Apertei a mão sobre a sua boca para impedir essa explosão e mantive-a tão quieta quanto podia, pois ela lutava violentamente contra o meu domínio.

Nada mais senti no momento senão raiva. Uma raiva negra, violenta e fervilhante que quase me incapacitava. Não tenho nenhum apreço por matar os meus semelhantes e desprezava Kate por me ter forçado a detonar a pistola. Só tinha tirado a vida de dois homens anteriormente, as duas vezes em que embarcara num navio de contrabando e fôramos atacados por piratas franceses, e ambas as vezes me deixaram com uma espécie de raiva intangível pelo homem que tinha morto, por me ter forçado, como o fez, a matá-lo.

Com a mão bem apertada sobre o seu rosto, sentindo-a a contorcer-se, sentindo o seu bafo quente na palma da mão, quase fui tomado pelo impulso sedutor de torcer com força, de partir o seu pescoço, de fazer as dificuldades que ela me tinha causado desaparecerem na escuridão do beco. Talvez o meu leitor fique chocado por eu escrever estas palavras. Se for esse o caso, o choque é causado por eu escrever as palavras, não porque tivesse sentido o impulso, pois somos todos impelidos pelas nossas paixões e a nossa tarefa é saber quando nos submeter e quando resistir. Naquele momento eu sabia que queria magoar a prostituta, mas sabia também que acabara de matar um homem e estava em grande perigo. Nenhum perigo, porém, me escusava de levar a cabo a tarefa para a qual Sir Owen me tinha contratado. Tinha de acalmar Kate, fazê-la cooperar para que pudesse terminar o meu negócio e escapar desta desventura sem me ver diante do magistrado no tribunal.

— Agora — disse eu, esforçando-me para manter a voz tão calma

quanto estava antes —, se me prometeres que não vais gritar, eu tiro a mão da tua boca. Não vou magoar-te, tens a minha palavra de cavalheiro. Vais ouvir o que tenho a dizer?

Ela parou de se contorcer e debilmente acenou com a cabeça. Lentamente, tirei a mão e olhei para o seu rosto, cinzento de terror, manchado agora com a pólvora que eu tinha esfregado nela.

— Matou o Jemmy — sussurrou através de lábios enrijecidos pelo terror.

Deixei os meus olhos percorrerem a massa sem vida ao meu lado. — Não tive muita escolha.

— Que quer de mim? — murmurou. Uma lágrima começou a rolar pela sua face.

As minhas paixões dissiparam-se um pouco diante desta demonstração inesperada de vulnerabilidade.

— Sabes o que quero, os artigos do cavalheiro. Estás com eles?

Sacudiu a cabeça incoerentemente.

— Eu digo-lhe, não sei do que está a falar — choramingou. — Tenho algumas coisas no meu quarto, pode levar, se é o que quer.

Depois de mais algumas perguntas, soube que os bens que possuía estavam no seu quarto acima do Barrel and Bale. Fiquei preocupado ao ouvir isto, pois com um homem morto nas minhas mãos não sentia nenhum desejo de voltar lá, mas vi que tinha pouca escolha se desejava recuperar a carteira de Sir Owen.

— Agora, ouve-me — disse. — Vamos até ao teu quarto buscar o que estou à procura. Se agires como se houvesse algo de errado, se eu sequer suspeitar que estás a pensar em trair-me, não hesitarei em levar-te ao gabinete do magistrado e contar-lhe precisamente o que aconteceu. O teu amigo foi alvejado enquanto tentavas roubar-me e vais ser enforcada por isso. Não quero seguir este rumo, mas vou recuperar aquela carteira e vou consegui-lo, quer vivas ou morras, contigo em liberdade ou na prisão. Acho que me entendes.

Kate acenou com a cabeça súbita e vigorosamente, como se o acto de concordar fosse uma tortura que era melhor acabar logo. Para que pudéssemos não chamar a atenção, retirei o meu lenço, que humedeci com as lágrimas de Kate e usei para limpar a pólvora do seu rosto. Este meu impulso de gentileza perturbou-me e então coloquei-a de pé e, com a mão agarrando firmemente o seu braço, ela conduziu-me de volta ao Barrel and Bale. Eu preocupava-me em encontrar os amigos de Kate no regresso ao bar, mas os gatunos deviam ter ouvido o estampido da pistola e fugido desta vez para os buracos escuros e sarjetas. Ninguém escolheria ficar pelas ruas quando os polícias viessem à procura de um vilão a quem culpar pelo assassinato.

Foi uma longa caminhada, silenciosa, brusca e tensa. No nosso retorno,

o Barrel and Bale estava agora suficientemente cheio de folgazões e a nossa entrada e subida pelas escadas, na medida em que pude verificar, não foi notada. Entrei no quarto dela cautelosamente, não querendo ser enganado de novo, e nada vi além de um rústico colchão forrado de palha, alguns móveis partidos e uma pilha de bens roubados. Acendi um par de velas baratas e então tranquei a porta. Kate choramingou e apenas meio consciente do que disse murmurei de novo para ela que nada tinha a temer enquanto, à luz tremeluzente das velas, passava os olhos pelo quarto em busca de algo que pudesse pertencer a Sir Owen.

Com a mão trémula, ela apontou para uma pilha de objectos num canto.

— Leve o que está à procura — disse suavemente. — Leve e vá para o Inferno.

Kate era uma rapariga muito ocupada. Ali estavam perucas, casacos e fivelas de cintos e sapatos. Havia bolsas, presumo que já esvaziadas do seu ouro e prata, lenços, espadas e pergaminhos de linho. Havia até três volumes dos escritos do conde de Shaftesbury que, suspeitei, Kate não chegou a folhear. Ela tinha o suficiente aqui para que, se pudesse vender, adquirir uma pequena fortuna. Suponho que, embora pudesse trabalhar para Wild, não desejava entregar todos os artigos que roubara, porém, temerosa de colocar estes artigos nas mãos dos receptadores de Wild, não tinha um lugar seguro para se desfazer do seu botim. Tamanho era o poder de Wild que, aqueles que trabalhavam para ele, não tinham nenhum meio de vender a sua mercadoria e assim ganhavam pouco pelos seus esforços. Kate estava certamente entalada com uma colecção de artigos que, embora valiosos, eram inúteis para ela.

Procurei em meio ao botim cuidadosamente, pois mantinha um olho em Kate enquanto agia, mas por fim encontrei uma carteira belamente encadernada em couro que se destacava sobre uma ostensiva peruca. Dei um passo para trás e instruí Kate para que ma entregasse. Uma rápida inspecção revelou que esta era realmente a carteira de Sir Owen. Com um suspiro de alívio embolsei o prémio e disse que estava satisfeito e que ela podia ficar com o resto.

Agora encontrava-me diante do preocupante dilema do que fazer com Kate. Sabia que era um risco deixá-la onde estava, pois não podia duvidar de que o seu feitor, o Sr. Jonathan Wild, a forçaria a contar-lhe o que tinha acontecido e eu não queria que ela revelasse nada que pudesse ser rastreado, ainda que com muita dificuldade, até Sir Owen. Ele tinha pedido privacidade e eu tencionava garanti-la. Ocorreu-me que se relatasse o ocorrido a um magistrado, Kate seria presa por roubo, eu seria isentado de qualquer culpa e também receberia uma recompensa pela condenação dela. A dificuldade nesta manobra residia em que eu prometera a Kate que não faria tal coisa. Além disso, Kate sabia demais sobre o meu propósito para eu acreditar que

qualquer investigação sobre o incidente não levaria a Sir Owen. E ainda, fosse eu um cavalheiro cristão numa situação similar, podia apresentar-me a uma banca judicial com a certeza de que um juiz veria com aprovação a morte necessária que infligi a um criminoso. Não podia de maneira alguma estar certo de que um juiz teria em mais alta estima um çaga-ladrões da tribo dos hebreus do que um gatuno. O que eu precisava era que Kate partisse por conta própria, sem falar a ninguém — particularmente a Jonathan Wild. Não podia supor que Jemmy fosse muito amado, nem que sentiriam a sua falta. Se Kate desaparecesse por umas poucas semanas, seria o suficiente para gerar um manto protector de apatia caso a questão viesse a ser discutida um dia.

Portanto, tentei convencer Kate de que tirar umas férias seria do seu melhor interesse.

— Sugiro que apanhes as tuas coisas e que partas silenciosamente. Não contes a ninguém o que aconteceu. Se contares, vou informar o que sei aos magistrados e garantir que sejas enforcada. Receio que a tua única hipótese de segurança seja deixar Londres por uns tempos.

— Mas se eu deixar — sussurrou — vão pensar que matei Jemmy.

— Poderiam pensar — disse eu —, mas vão ter de apanhar-te para tomar alguma providência e tu já estarás longe há muito tempo. E aqueles que acham que mataste o Jemmy, logo esquecerão que tal homem existiu. Receio, Kate, que se não deixares Londres serás enforcada.

Eu queria que aquilo soasse mais como uma ameaça do que como uma previsão.

Kate reunira alguma força e emitiu uma saraivada impressionante de palavras que eu teria vergonha de expor ao leitor. Deixei-a vomitar toda a sua indignação, ficando de pé impassível até que ela desabou, derrotada.

— Está certo, então, seu miserável.

Voltei a sorrir, esperando imprimir nela a fria implacabilidade do meu intento. Esperava imprimi-la também em mim mesmo, pois não estava de modo algum confiante de que Kate se comportaria como eu a instruíra. Com nada mais a dizer, calmamente deixei o quarto e descí as escadas no caos do fedor efervescente do Barrel and Bale. Tonto, trémulo e passando os dedos pelo couro cru da carteira de Sir Owen no meu bolso, forcei o caminho através da multidão e deixei a taberna. Uma vez fora, esperei sentir alguma satisfação por ter terminado a minha tarefa, mas nenhuma satisfação ocorreu. Eu não podia livrar-me da memória daquele vilão Jemmy caído no beco, morto pelas minhas mãos. Apertei os braços contra o meu próprio corpo enquanto combatia a convicção crescente de que esta morte não deixaria de ter um impacto terrível na minha vida.



EXPERIMENTEI UMA VASTA MISTURA DE SENTIMENTOS no dia seguinte enquanto aguardava a chegada de Sir Owen. Estava gratificado por ter podido recuperar a carteira dele tão rapidamente, mas também apreensivo com a morte de Jemmy. Revivi aquele instante centenas de vezes na cabeça, procurando saber se me teria safado do perigo sem ter de tirar uma vida. Não achava que tivesse agido rápido ou precipitado demais, mas permanecia chocado e muito preocupado.

Continuei em dúvida quanto à decisão de deixar Kate em liberdade pois se o meu nome fosse envolvido na questão muito tempo depois do incidente, a minha hesitação certamente pareceria culposa. Ainda não era tarde demais para contar a minha história ao magistrado, se quisesse. Eu passara algum tempo à margem da lei e convivera com bandidos, mas não tencionava entregar uma mulher à força só por achar que era o caminho mais conveniente.

O leitor pode ver então por que a declaração do Sr. Balfour de que o meu pai tinha sido assassinado me deixara tão vulnerável, pois os acontecimentos da noite anterior por certo exacerbaram a minha sensibilidade. Precisei de quase uma hora depois da partida de Balfour para me acalmar e, quando os meus sentimentos começavam a serenar, a Sra. Garrison deixou entrar Sir Owen. Eu tinha-o contactado cedo naquela manhã para comunicar que a sua carteira estava em meu poder. Ao chegar, ele entrou com uma alegria irrefreável. Aproximando-se da minha escrivaninha, diante da qual me levantei para cumprimentar o baronete, agarrou calorosamente o meu braço como se eu fosse um dos seus companheiros de jogo.

— É uma boa nova, Weaver — disse, saltando todo feliz nas pontas

dos pés —, uma boa nova de facto. Estas serão as melhores cinquenta libras que já investi.

Abri com a chave a gaveta da escrivaninha, apanhei a carteira e estendi-a para ele. Ele agarrou-a com a sofreguidão com que vi tigres no zoológico agarrarem a sua carne diária. Na verdade, achei que havia algo de faminto na maneira como abriu a tira de couro que fechava a carteira e começou a percorrer ansiosamente as folhas soltas de papel ali contidas. Sentei-me, tentando aparentar que fazia outra coisa que não examinar os conteúdos da carteira. Sir Owen tinha sido leviano ao carregar a carteira consigo: vi as notas bancárias de que havia falado; tivessem Jemmy ou Kate sabido o que eram, certamente as usariam como dinheiro vivo, mas Sir Owen não sentiu nenhum prazer pelo seu retorno intacto. À medida que o baronete se aproximava de um exame completo dos conteúdos da carteira, tornava-se cada vez mais apreensivo, virando as páginas com maior urgência. O ar de exuberância abandonou o seu rosto amplo e apenas o contorno do semblante jovial permaneceu nas feições agora empalidecidas.

— Não está aqui — murmurou, começando a folhear de novo do princípio da carteira. Virou as páginas tão rapidamente que eu ficaria surpreso se encontrasse alguma coisa. Não creio sequer que olhasse mais; o pânico agora impelia-o a continuar a folhear as páginas. — Não está aqui — disse de novo — de maneira nenhuma, não está aqui.

Eu não fazia nenhuma ideia daquilo que ele não conseguia encontrar, mas sentia uma preocupação crescente. Havia presumido que, uma vez que o baronete tivesse deixado o meu quarto, levaria a carteira e a questão estaria encerrada. Mas não parecia ser esse o caso.

— O que está a faltar, Sir Owen?

Ele congelou por um momento e então confrontou-me com um olhar frio. Eu estava tão acostumado a ver o baronete alegre e jovial que não tinha imaginado que, como todos os homens, era capaz de ter a sua parcela de raiva. A severidade do seu olhar revelou-me que suspeitava que eu tivesse apanhado seja lá o que fosse que estava a faltar. Na verdade, nem tinha examinado a carteira para determinar se era realmente dele. Admito que, se a noite não tivesse terminado em violência, eu seria certamente levado a examinar o conteúdo mais detalhadamente e poderia até ceder à tentação, porém a mancha de sangue nas minhas mãos inspirou-me a ficar sem pecado em todos os outros aspectos.

Mas enquanto Sir Owen me estudava, senti-me tomado de culpa, a culpa que só os inocentes sentem quando ficam sob um exame cerrado. É algo inexplicável. Já fui culpado de muitas coisas na minha vida e, quando confrontado, sempre encarei os meus acusadores com uma segurança calma. Agora, sob o olhar condenatório de Sir Owen, corei e fiquei ansioso. A carteira,

afinal, tinha sido da minha responsabilidade. Teria deixado cair algo? Não teria sido diligente o bastante na busca no quarto de Kate? A minha mente examinava cada possível caminho de fracasso.

Foi a esta culpa insensata que ele reagiu. Os olhos de Sir Owen estreitaram-se. Levantou-se até alcançar uma altura intimidante.

— Está a tentar brincar comigo, senhor? — perguntou, num grunhido longo. Eu podia cheirar o seu bafo de onde estava sentado. Senti os músculos do meu rosto passarem de uma culpa insensata para uma indignação inflamada. Agora que a acusação fora pronunciada, coloquei-me numa postura mais desafiadora. Percebi, no entanto, que a minha reputação não seria ajudada por nenhuma exposição visível de raiva. Então, acalmando-me, enfrentei a acusação de Sir Owen directamente.

— O senhor disse-me que me procurou sob recomendação de muitos cavalheiros. Eu desafio-o a encontrar um só que me acusaria de tê-lo enganado de alguma forma, sob quaisquer condições. Deseja acusar-me de mentiroso?

Devo dizer com toda a humildade que, embora não mais no meu apogeu e certamente não mais o homem que fora quando lutava no ringue, eu era uma figura imponente. Sir Owen encolheu-se diante de mim. Recuou um passo e baixou os olhos. Não desejava, aparentemente, acusar-me de mentiroso.

— Desculpe-me, Sr. Weaver. É só que ainda está a faltar algo. Algo mais valioso para mim do que toda a informação e as notas bancárias nesta carteira. — Voltou a sentar-se. — Talvez seja um erro meu. Devia ter assegurado que o senhor soubesse o que procurar.

Enfiou o rosto nas mãos.

— Que coisa é essa que o senhor perdeu? — perguntei num tom mais gentil. Sir Owen tinha amansado, quase desabado, e eu considerava prudente amansar também.

Ergueu os olhos, o desânimo estampado nas suas feições antes joviais. — É um maço de papéis, senhor. — Clareou a garganta e tentou recuperar a calma. — Papéis de natureza pessoal.

Comecei a entender a situação mais claramente. — Existe mais alguma coisa para além disso a faltar, Sir Owen?

— Nada de importância. — Sacudiu a cabeça lentamente. — Nada de que eu me possa lembrar.

— E alguém inspecionando a sua carteira saberia que esses papéis eram valiosos para o senhor?

— Alguém que me conhecesse muito bem. E tal homem saberia o quanto eu valorizaria a devolução dos papéis. — Pensou por um momento. — Mas existem várias páginas e esta pessoa teria de ler tudo. E, como digo, teria de saber muito da minha vida privada.

— Sim — raciocinei em voz alta —, certamente alguém letrado o suficiente para saber o valor de um maço de cartas particulares conheceria o valor das notas bancárias na sua carteira. Algumas das notas estão a faltar?

— Acho que não. Não.

— Parece-me improvável que os papéis tenham sido levados intencionalmente — raciocinei. — Pois quem roubaria os papéis e deixaria estas notas? Seria possível que os papéis tivessem caído? Que não estivessem presos com muita segurança na carteira?

Sir Owen reflectiu sobre esta observação por um momento. O seu rosto ficou subitamente marcado por rugas e os seus olhos injectados de sangue.

— É possível — disse. — Não posso dizer ao certo até que ponto as coisas com a prostituta ficaram complicadas, sabe? E assim que os meus bens caíram em seu poder, talvez não tenha sido muito cuidadosa. Poderiam ter caído, certamente.

— Mas o senhor acha pouco provável?

— Sr. Weaver, tenho de ter aqueles papéis de volta. — Sir Owen cruzou as pernas e voltou a cruzá-las de seguida para o outro lado. — Vou dar-lhe cinquenta libras adicionais para recuperá-los. Cem libras se puder fazê-lo dentro de vinte e quatro horas.

Eu tinha amplo uso para o dinheiro, mas vi agora uma oportunidade maior de prestar serviço. Se pudesse remediar o problema de Sir Owen, sabia que ele não seria pouco liberal nos elogios à minha pessoa.

— O senhor ofereceu-me cinquenta libras para o retorno da sua carteira com o seu conteúdo. Ainda não cumpri o contrato. Vou encontrar estes papéis e não pedirei mais nada do senhor.

Sir Owen iluminou-se um pouco.

— Teria, por acaso, inspeccionado a área em torno da qual a carteira foi atirada, ou entre os meus outros pertences?

— Senhor, não havia tempo. Receio que o meu encontro com a mulher tenha resultado um pouco tumultuado.

Prosegui, informando Sir Owen da aventura da noite anterior. Esta confissão era imprudente, mas senti a necessidade de granjear a confiança do baronete. E sabia que ele compreendia a implicação desta questão claramente, pois eu não podia ser levado à punição sem expor o segredo de Sir Owen. Ouvia a minha história com grave concentração.

— Céus — sussurrou. — Este dilema é sério. Sabe que esta prostituta não deve falar nunca. Não deve ter permissão de arrastá-lo a um julgamento, e o senhor não deve arrastar o meu nome nesta história. Entenda que tal coisa não pode acontecer. — A sua voz levantou-se em níveis crescentes de pânico. — Não posso permitir que tal coisa jamais aconteça.

— Naturalmente — disse eu, como se estivesse a acalmar uma criança.

— O senhor deixou bem claro que a sua privacidade é da máxima importância e eu trata-la-ei como tal. Enquanto isso, acredito que mostrámos a Kate a importância de guardar silêncio e abandonar Londres. Existe pouco a temer em relação a isso. — Enfatizei demais a questão, mas era importante que afastasse as ansiedades do baronete. Havia tempo de sobra para manobrar Kate caso ela se mostrasse rebelde. — Temos de nos concentrar agora em achar a sua propriedade. Se aqueles papéis caíram da carteira, ou se estavam junto aos seus bens, então ainda devem encontrar-se entre os artigos de Kate, onde quer que seja.

Sir Owen deu um suspiro exasperado e, vendo que ele estava necessitando, ofereci-lhe algo para beber.

— Posso servir-lhe um pouco de vinho?

— Receio que vinho não adiante nada, senhor. Tem um pouco de gim?

Eu não tinha. Conhecia bem demais o carácter insidioso do gim através dos infelizes com os quais o meu ofício me colocava em contacto quase diário. Barato, insípido e potente, devastava as mentes e os corpos de incontáveis milhares de pessoas em Londres e fazia a minha natureza indulgente desconfiar de um veneno tão poderoso. Em vez de gim, ofereci a Sir Owen uma bebida escocesa que o meu amigo Elias Gordon trouxera da sua terra natal na última visita. Sir Owen farejou o cálice com curiosidade hesitante, olhando de revés a bebida de odor forte e maltoso. Acenei a cabeça distraidamente enquanto o advertia sobre a grande força da bebida e ele começou a prová-la com a língua. O que sentiu excitou a sua curiosidade e então sorveu o conteúdo num único e possante gole.

— Detestável — disse, depois de torcer o rosto num olhar tanto de nojo como de uma espécie de prazer surpreso. — Os escoceses são uns animais. Mas esta bebida serve.

Serviu-se de outro gole.

Sentei-me de novo e estudei Sir Owen cuidadosamente, tentando avaliar o seu estado de espírito. A sua agitação tornava a sala espessa como a humidade do Verão e eu desejava confortá-lo, embora não soubesse como. Não podia imaginar a natureza daqueles documentos, mas presumi que o baronete receava que a informação contida neles caísse em mãos erradas.

— Senhor — comecei, hesitante —, desejo recuperar os seus papéis privados. Não acho que tudo esteja perdido. Tenho muitos contactos em Londres; posso encontrar Kate Cole e ela pode trazer-me os documentos. Mas — disse lentamente — tenho de saber reconhecer esse pacote quando o vir. Preciso de ser capaz de dizer que tenho os seus papéis, senhor. E que os tenho a todos.

Concordou com a cabeça.

— Vejo que estou exposto diante do senhor, Sr. Weaver. A minha própria

tolice, multiplicada muitas vezes, colocou-me nesta situação e agora preciso corrigir isto. Que assim seja. — Endireitou-se numa postura de firmeza. — Vou confiar no senhor.

— Asseguro-lhe que jamais revelarei os seus segredos.

Sorriu, como para mostrar a sua fé em mim.

— Sr. Weaver, costuma preocupar-se com os assuntos da vida social: casamentos, esse tipo de coisas?

Sacudi a cabeça. — Receio que o meu negócio não me deixe muito tempo para actividades dessa natureza.

— Então o senhor não deve ter ouvido que, dentro de dois meses, vou casar-me com a única filha de Godfrey Decker, o cervejeiro. Decker é um homem rico e a sua filha vem com uma considerável porção, mas não ligo nada para a riqueza. É um casamento de amor.

Desajeitadamente, ofereci um aceno de cabeça em simpatia. Queria evitar qualquer aparência de cinismo mas, embora considerasse Sir Owen um homem de muitos sentimentos, estava convencido de que um amor terno não figurava entre eles.

— Houve alguma maledicência — continuou —, pois mal faz um ano que a minha falecida mulher, Anne, se foi. Não deve pensar que não fiquei, ou ainda não estou, afectado pela sua perda. Eu a amava muito, mas o meu é um coração susceptível e, na solidão que acompanha o estado de viuvez, Sarah Decker trouxe-me muito contentamento e felicidade. No entanto, o falecimento da minha mulher não é uma questão simples, pois ela morreu de uma doença que contraiu de mim. — Fez uma pausa para tomar fôlego e então declarou: — Uma doença que eu, por minha vez, contraí de uma aventura amorosa.

— Estou a ver — disse eu depois de um momento, querendo encher o silêncio, mas sentindo-me tolo por ter dito o que quer que fosse. Sir Owen dificilmente seria o primeiro cavalheiro da sociedade londrina a passar gonorreia para a própria mulher. Não consigo entender por que tantos homens se recusam a procurar a couraça de intestinos de carneiro para se protegerem das setas mais perniciosas de Cupido.

— Sempre reagi bem aos tratamentos dos cirurgiões, mas a doença foi demais para a delicada constituição de Anne. Talvez porque ela não soubesse o que tinha e esperasse tempo demais para buscar socorro.

Eu não tinha talento para encontrar as palavras adequadas e só pude esperar que ele continuasse.

— Pretendo reformar completamente o meu comportamento depois de me casar com Sarah — continuou Sir Owen. Fungou um pouco e pensei que vi um vago sinal de lágrimas nos seus olhos. — Sou um homem novo. Os papéis desaparecidos testemunham nesse sentido. É uma série de cartas,

Sr. Weaver, entre mim e a minha querida, perdida Anne, nas quais expresso em termos terrivelmente não ambíguos a natureza da minha transgressão e um desejo espiritual e sentimental de me regenerar. Um leitor destas cartas rapidamente discerniria a natureza da doença dela e como a contraiu. Tenho tentado com afincos ocultar esta informação de Sarah, que é uma jovem virtuosa de excepcional delicadeza. Viesse a conhecer o conteúdo dessas cartas, temo que ela romperia a nossa ligação. E se algum vilão sem escrúpulos viesse a saber do seu conteúdo ele ter-me-ia numa desvantagem terrível.

Serviu-se de outro cálice da bebida escocesa.

— Só posso esperar que as cartas continuem seladas. Eu levava-as comigo atadas com uma fita amarela, com um laço de cera marcado com a imagem de um xelim trincado. Um selo rompido seria visto como a pior notícia do mundo.

Ergueu o cálice e deu um gole.

— Não posso correr o risco de ver estas cartas em poder de um homem como Wild. Ele assar-me-ia na brasa antes de devolver o que é meu. Mas a sua reputação precede-o, senhor. Acredito que seja o único homem em Londres com o conhecimento e a integridade para recuperar o que perdi.

Fiz uma cortesia para Sir Owen. — Como se trata de uma questão tão delicada, o senhor certamente agiu bem ao procurar-me em vez de ter ido a Wild.

— O senhor vê por que estou tanto sob o seu poder.

— E eu estou sob o seu — retribuí. — Pois sabe do meu envolvimento na morte de um homem. Assim, estamos atados um ao outro e nenhum de nós pode temer a indiscrição do outro.

Iluminou-se consideravelmente diante desta observação e devo confessar que não parecia mais horrorizado por o caso ainda não ter sido resolvido. Eu teria de esperar para saber se haveria quaisquer consequências da morte de Jemmy. As cartas desaparecidas de Sir Owen davam-me licença para me envolver na questão uma vez mais. Não podia dizer que o envolvimento fosse para meu benefício, mas partindo para a acção eu sentir-me-ia menos impotente.

— Vou começar a busca dessas cartas imediatamente — declarei a Sir Owen —, esta busca será a minha prioridade até que sejam recuperadas. Se tiver alguma notícia, senhor, qualquer tipo de notícia, não hesitarei em comunicá-la ao senhor.

Sir Owen rolou o cálice entre as suas mãos.

— Obrigado, Weaver. Alegro-me de saber que verei as minhas cartas em breve. Entende, senhor, que se for preciso perguntar alguma coisa a esses patifes não deveria fazer nenhuma referência ao conteúdo destes papéis.

— Naturalmente.

— A minha felicidade, como vê, está nas suas mãos. — Aproximou-se da minha janela e olhou para fora. — Sarah é uma mulher tão adorável! Tão delicada!

— Estou seguro de que é um homem dos mais afortunados. — As minhas palavras soavam a mim próprio como chavões vazios.

Depois de me assegurar de que nada mais de útil havia que Sir Owen pudesse contar-me, acompanhei-o até à saída e comecei a formular um plano de acção. Decidi que o rumo mais eficaz seria visitar algumas das instituições desagradáveis que eu conhecia, nas quais obscuros engenheiros do submundo se reuniam para discutir negócios e desabafar as suas mentes na companhia de colegas. Tal lugar era uma casa de gim em Little Warner Street, perto de Hockley-in-the-Hole, um lugar igualmente repugnante para os sentidos do olfacto e da visão, pois ficava próximo daquele fétido esgoto conhecido como Fleet Ditch e não era raro todo o local ficar inundado com o cheiro nauseabundo de sarjeta e detritos. A casa de gim nem sequer tinha um nome e a tabuleta acima da porta era apenas uma imagem desbotada de dois cavalos a puxar uma carroça, um remanescente da loja anterior. Entre os seus frequentadores, a casa era conhecida como Bawdy Moll's, pois a sua proprietária era uma mulher cordial e rechonchuda cuja chegada à meia-idade ela combatia com um excesso de luxúria e um mínimo de trajas.

Entrei no Bawdy Moll's no começo da tarde; o local estava então bem menos habitado do que nas movimentadas horas da noite, quando jovens empobrecidos buscavam refúgio para as suas vidas em canecas de gim vendidas por quase nada. Um pêni ou dois era o suficiente para transportar o mais miserável dos sujeitos a um domínio indolor de esquecimento alcoólico. À tarde, porém, o bar atendia a um tipo mais esporádico, talvez o ladrãozeco ou o batedor de carteiras à procura de um refúgio devido a um trabalho que saiu errado, o mendigo que escolheu investir os seus trocados em bebida em vez de comida, ou o trabalhador desempregado que preferia encarar um estupor insensível a uma Londres impiedosa que não ligaria a mínima para a sua fome.

Havia também visitantes que vinham todas as segundas e quintas para ver a caça aos bois por cachorros. Noutros dias, podíamos encontrar uma variedade de diferentes espectáculos em Hockley-in-the-Hole. Nos meus anos mais jovens, eu tinha sido um deles, pois antes de me dedicar a lutar exclusivamente com os punhos, fizera parte de uma trupe de espadachins que demonstravam para públicos pagantes a nobre arte da autodefesa. Tais coisas não são mais vistas hoje, mas quando jovem eu tinha marchado pela cidade entre uma tropa de lutadores vestida com as nossas pobres e puídas versões de uniformes militares, ao som dos tambores, enquanto meninos distribuíam panfletos detalhando as emoções dos nossos espectáculos. Durante os meus dias de esgrima num teatro a céu aberto a cair aos pedaços

nas proximidades de Oxford Street, eu arriscava a vida e os membros com outro homem enquanto demonstrávamos a nossa ousada habilidade com as espadas, cada um tentando superar o oponente sem lhe causar qualquer ferimento grave. Apesar dos nossos esforços para poupar um ao outro, eu geralmente saía ensanguentado e cheio de cortes no final do espetáculo e tenho muitas cicatrizes no corpo para testemunhar estas façanhas. Quando um empresário teatral me perguntou se eu queria ganhar o pão lutando apenas com os punhos, confesso que fiquei deliciado com a perspectiva de um emprego tão indolor.

Suponho que sou inclinado a reminiscências sobre aqueles tempos terríveis, mas a casa de gim rapidamente me lembrou do que a vida engendrava naquela parte da cidade. Bawdy Moll's tinha poucas janelas, pois os seus fregueses não desejavam ver o mundo ao seu redor e menos ainda desejavam que o mundo lá de fora os visse. Eu protegia-me do fedor quando vi Bawdy Moll de pé atrás do balcão, falando animadamente com um carteirista de má catadura cujo nome eu sabia, mas cujo conhecimento jamais buscara. Os dois debruçavam-se sobre uma pilha de papéis que, de onde estava, reconheci como bilhetes da lotaria ilegal que Molly, como muitos taberneiros naquela parte da cidade, faziam correr no seu local de negócio. Os sorteios eram sempre suspeitos, arrançados e pequenos, e a renda deles aumentava belamente a bolsa de Moll.

Moll usava a cabeleira empinada, numa paródia grotesca da moda feminina. O seu vestido abria-se generosamente no pescoço para revelar um busto amplo, embora murcho, e a pintura no seu rosto traía uma mulher que acreditava que coloridos artificiais e berrantes tinham o poder não de enganar, mas de cegar, pois a sua pele lembrava-me casca prestes a cair de uma árvore. Apesar de grotesca, Moll era muito amada e frequentemente proporcionava-me valiosas notícias das velas e das tocas de ladrões.

Quando entrei, o carteirista ergueu os olhos da sua conversa com Moll e fez-me uma carranca. Ouvi as palavras “Weaver, o judeu”, mas não pude discernir mais nada. Era geralmente difícil para mim afirmar a minha posição entre tais homens. Eu tinha amigos dentro dos exércitos dos gatunos, mas tinha inimigos também, e sabia que o seu chefe, Jonathan Wild, não encorajava nenhuma camaradagem comigo entre as suas fileiras. Presumi que este homem era um sujeito que levava a recomendação de Wild ao pé da letra, pois quando me aproximei de Moll ele acabou a sua caneca de gim, emborcando uma quantidade de bebida que teria causado a um homem normal a perda dos sentidos, e saiu para os cantos obscuros do bar, onde havia sempre montes de palha para pobres e desesperados se arrastarem e se livrarem do seu veneno através do sono.

— Ben Weaver — gritou Moll enquanto eu me aproximava, sempre

falando mais alto do que o necessário. — Um copo de vinho para ti, então, meu querido galã?

Moll sabia muito bem que eu não beberia gim e aceitei com bom humor um copo do seu vinho avinagrado, do qual sorvi o suficiente para ser educado.

— Bom dia para ti, Moll — disse enquanto ela esfregava o meu braço com uma mão que parecia de couro, os seus dedos como salsichas a seguirem-me distraidamente. Não havia maneira de conseguir o que se queria desta mulher sem deixar de gratificar a necessidade que ela sentia de se fazer desejável. — Estimo que a tua agradável companhia mantenha o negócio saudável, não?

— É, o negócio anda animado. Um pêni o copo é pouca coisa, mas contar as moedas é uma óptima ocupação, reconheço. — Puxou gentilmente o laço dos meus cabelos. — Quantas moedas dariam para comprar a tua companhia, eu poderia saber?

— Não muitas — disse com um sorriso que seria menos convincente numa sala mais bem iluminada —, mas disponho de pouco tempo no momento.

— Sempre ocupado. Tens de guardar um tempo para os prazeres.

— O meu negócio é o meu prazer, Moll. Sabes isso.

— Não é uma coisa muito natural — assegurou-me com uma beijoca.

— Qual é a novidade — perguntei, como se fosse a reacção perfeitamente correcta aos seus arrulhos amorosos — o que ouviste pelas ruas?

Não posso dizer que fiquei surpreso quando a primeira notícia que saiu dos seus lábios foi a da morte de Jemmy, pois a notícia de uma morte espalha-se como sífilis nos bairros obscuros de Londres.

— Morreu de um balázio. Conhecias o sujeito?

— Só o conheci brevemente — disse-lhe.

— Não era boa peça, eu sei, mas não merecia levar um tiro como se fosse um cão. Como um animal. — Coçou a cabeça. — E não era muito mais esperto que um cão, pois não? E mau, também, com um gosto por raparigas jovens, novas, digo-te, quisessem ou não. Pensando bem, levar um tiro foi bem feito para um canalha como ele.

Encolheu os ombros diante da sua própria observação.

— Quem lhe deu o tiro? — perguntei, mantendo a voz firme.

— A puta dele — inclinou-se para a frente e disse, no que só posso descrever como um sussurro gritado: — Kate Cole é o nome dela. Kate e Jemmy andavam juntos no golpe do rabo e cacete. Mas se alguém tinha que dar um tiro em alguém, acho que era ele nela e não o contrário, pois ela tinha outros esquemas e até passou uma noite ou duas com o patrão Wild.

— Ela era prostituta de Wild?

— Bem, quem não é? Não vou dizer que eu mesma não dei uma cam-

balhota com o patrão, mas Jemmy era um sujeito de pavio curto e se Wild quer ter os seus gatunos na linha não devia fazer com que se matassem. E o mais estranho é que ele fez o que fez.

— E que foi que ele fez? — perguntei.

— Ora, entregou-a, pois sim senhor. Wild entregou a sua prostituta. Já o vi fazer isso muitas vezes, geralmente com um gatuno em que não podia confiar mais, mas entregar uma mulher com quem você foi para a cama há menos de uma semana mostra uma falta de... — ela procurou uma palavra — de maneiras, acho eu. Agora a pobre moça está sentada em Newgate. Quanto tempo vai levar até que receba o que todas as mulheres recebem lá, gostaria de saber? Todos aqueles homens lá em busca de uma distração. Eu seguramente não escapei, no meu tempo.

As minhas entranhas contorceram-se enquanto ouvia as especulações cacarejadas por Moll, pois se Kate estava presa ela não tinha nenhuma razão para não falar no meu envolvimento. A verdade é que, embora não fizesse nenhuma ideia de quem eu era, ela sabia o que eu procurava e, se tivesse apenas o mais leve grão de esperteza, saberia que os bens que eu procurava eram a chave para a sua sobrevivência ao próximo dia de enforcamento.

— E o que a Kate tem a dizer sobre tudo isso?

— Mal posso saber. — Embora eu visse pouco humor na pergunta, Moll explodiu numa ruidosa gargalhada que me soava como o grito de uma gaivota. — Acho melhor ires a Newgate e perguntares-lhe a ela mesma que opinião tem do assunto.

Tal era a minha intenção. Assim, fazendo o melhor para esconder o pânico diante de Moll, disse algumas banalidades para fazer tempo, fingi que ia buscar informação sobre uma casa que fora arrombada e então fiz a minha primeira escapada conveniente.



NÃO CONSEGUI REUNIR UMA CONSIDERÁVEL SURPRESA ao saber que Jonathan Wild tinha denunciado Kate, pois lucrar com a condenação das suas próprias criaturas não era uma parte pequena da chave da sua fortuna. Dizia-se que ele tinha um livro com o nome de cada criminoso a seu soldo, contabilizando os números como se fosse um mercador ou um comerciante, tanto como um ladrão. Quando achava que um dos seus gatunos estava a desviar mercadorias, colocava uma cruz ao lado do nome, indicando que era tempo de entregar o pobre sujeito aos tribunais. Assim que o gatuno era enforcado, Wild colocava uma segunda cruz ao lado do seu nome e assim os ladrões de Londres haviam adoptado a expressão de dupla-cruz (double-crossing) como sinónimo de traição.

Muito antes de me dedicar à caça de ladrões, Wild vinha administrando o seu negócio da taberna Blue Boar em Little Old Bailey, fazendo o seu nome ao levar a juízo o assaltante de estrada James Footman, um famoso vilão da época, e ao dissolver o bando de ladrões do notório Obadiah Lemon. Levou estes malfeitores à justiça como depois levaria os seus próprios malfeitores, traindo a sua confiança e fazendo-os acreditar que pertencia à sua irmandade — pois na verdade era-o, e como poderia gente como Obadiah Lemon saber que um colega ladrão ia de repente arvorar-se em magistrado? Acredito que mesmo nos primeiros dias do poder de Wild, a maioria das pessoas suspeitava do que este sujeito era, mas o crime tinha-se tornado tão activo, com bandos armados a rondar as ruas como cães famintos, e velhas senhoras e pensionistas receando sair de casa sob o risco de serem brutalmente atacados, que todos os que viviam na metrópole ansiavam por um herói e Wild mostrou-se ousado

e impiedoso o bastante para se anunciar precisamente como o salvador. O seu nome estava em todos os jornais e em todos os lábios. Tinha-se tornado o Caça-Ladrões Geral.

Eu só estava no meu ofício há três meses quando conheci Wild, mas de certa forma foi estranho que tenha levado tanto tempo assim. Londres, afinal, é uma cidade em que qualquer homem de um negócio ou interesse particular está destinado a encontrar todos os outros da mesma actividade num período de tempo surpreendentemente curto. Os meus amigos podem acabar sendo os seus inimigos, mas todos acabaremos por nos encontrar em pouco tempo.

Se levei alguns meses para encontrar Wild, eu vira-o pela cidade muitas vezes. Nós todos tínhamos visto, pois Wild fazia questão de tornar o seu negócio bem visível, em feiras e no espectáculo do prefeito e nos dias de mercado, andando a cavalo com os seus homens em cortejo, orientando-os para apanhar batedores de carteiras, como se estivesse no comando de um pequeno exército. Suponho que se tivéssemos em Londres uma espécie de corporação dedicada a prender criminosos, o que os franceses chamam de police, um homem como Wild jamais chegaria ao poder, mas os ingleses são muito rápidos para sentir a ameaça às suas liberdades e duvido seriamente que possamos ver uma police nesta ilha. Wild tirou vantagem desta necessidade de regulamentação e, admito plenamente que, quando o via montado no seu cavalo, belamente vestido, apontando para aqui e para ali com a sua bengala adornada, não podia deixar de o admirar.

Na ocasião em que Wild e eu nos encontrámos cara a cara, ele tinha-se mudado para a taberna chamada Cooper's Arms, onde instalou o seu «Escritório para Recuperação de Propriedade Perdida e Roubada». É com alguma vergonha que reconto a história do meu encontro com Wild, pois é uma história sobre a minha fraqueza. O meu novo negócio de caça-ladrões vinha a florescer, muito, suspeito, devido mais à sorte do que à habilidade, mas essa sorte começou a escapar quando fui servir um próspero comerciante cuja loja tinha sido arrombada e roubada de uma meia dúzia de livros de contabilidade. Antes de se tornarem mais ousados, os gatunos de Wild preferiam roubar livros de contabilidade, carteiras e outros itens de valor apenas para os seus donos, pois se tais roubos fossem a julgamento, bens sem um grande valor intrínseco não resultariam numa pena de enforcamento.

Muito como o meu novo conhecido Sir Owen, este comerciante procurou os meus serviços porque compreendia o jogo de Wild e recusava-se a pagar para que lhe devolvesse o que ele mesmo havia roubado. Ao contrário de Sir Owen, não estava disposto a pagar-me o dobro dos honorários de Wild, e propôs-me uma libra por livro, o que aceitei satisfeito porque desejava sinceramente a oportunidade de bater o meu concorrente no seu próprio jogo.

Eu sabia bem que tipo de sujeitos roubariam livros de contabilidade e percorri as casas de gim, tabernas e estalagens em busca de homens que pensava pudessem guardar aqueles bens. Foi nesta ocasião que Wild começara a descobrir as alegrias de entregar os seus próprios gatunos e, com três do seu exército pendurados no último dia de enforcamento, os homens com os quais eu falava ficavam todos cautelosamente silenciosos, nenhum deles querendo incorrer no desagrado de Wild.

Passsei uma semana inteira a fazer perguntas e a pressionar os homens mais fracos, mas não encontrei nenhum sinal dos livros que procurava. Idealizei então um plano que, envergonho-me de admitir, na altura me pareceu engenhoso. Eu iria até ao Escritório de Propriedade Perdida de Wild no Cooper's Arms e pagaria pela devolução dos livros. Ainda que não tivesse lucro nesta transacção, poderia entregar a propriedade ao meu comerciante e ele diria aos outros que eu conseguia encontrar artigos roubados pelos homens de Wild. Como eu recuperaria outros artigos no futuro se não conseguira recuperar estes agora, não posso dizer.

Assim, numa tarde quente de Junho, entrei no domínio de Wild, esta taberna escura a cheirar a mofo e bebida. O grande homem estava sentado a uma mesa no centro da sala, cercado pelos seus lacaios, que o tratavam como se fosse um sultão árabe. Wild era um homem de uma natureza entroncada, tinha um rosto largo com um nariz agudo, queixo saliente e olhos que brilhavam como os de um arlequim. Vestido da maneira que estava, como um homem da moda, com o seu casaco amarelo e vermelho e a pequena peruca ajustada justa sob um chapéu, parecia-me um personagem farsante de uma comédia de Congreve, mas vi imediatamente que esta frivolidade não era para ser levada à letra. Não posso dizer que ele gostasse de coisas alegres, pois isso seria enganoso, mas tinha uma aparência que dizia que, ainda que no meio de uma celebração, estaria a pensar no tipo de maldade que poderia praticar contra o homem que servia o seu vinho.

Quando entrei ele estava no meio de uma verdadeira comemoração: eu tinha ouvido nas ruas que Wild acabara de entregar naquela manhã uma meia dúzia de sujeitos, bandidos que roubam cavalos, matam-nos e vendem o seu couro, e ele estava muito alegre com a perspectiva de recolher quarenta libras de recompensa por cabeça. No momento em que entrei, vi três vilões emborcarem canecas cheias de cerveja. Um bêbado idiota desfilava pelo bar, torturando da pior maneira uma rabeça, mas o público alcoolizado batia os pés e dançava com a música apesar de todo o caos.

Debruçada sobre Wild estava a sua meretriz favorita, Elizabeth Mann, juntamente com uma dúzia ou mais dos seus tenentes. Entre estes, um sujeito miserável chamado Abraham Mendes, o soldado mais fiel de Wild e, envergonho-me de dizer, um judeu da minha própria vizinhança. Mendes e

eu frequentámos a mesma escola quando rapazes, eu tinha até mantido uma espécie de amizade cautelosa com este rapaz ameaçador que era, mesmo para os meus padrões, violento e perigoso. Eu vi-o muitas vezes na companhia de Wild, mas não tinha falado com ele desde os meus doze anos de idade, quando ele fora expulso da escola por ter tentado cegar o instrutor com um ponteiro da Torah. Agora era um rapagão forte e temível, endurecido pela má sorte; o seu rosto, que exhibia o ar retorcido e disforme de um homem que tinha enfrentado o furor de mais lutas do que até eu jamais enfrentara, era agora uma amostra encanecida de vil apatia.

Quando entrei, Mendes olhou para mim e encarou-me, como se eu tivesse chegado para um encontro marcado. Sem mudar a sua expressão, inclinou-se para a frente e sussurrou ao ouvido de Wild. O caça-ladrões acenou com a cabeça e então bateu a palma da mão com força na mesa como um juiz a bater o seu martelo; a rabeca parou, os foliões imobilizaram-se e um silêncio tenso pairou no ar.

— Não podemos deixar que a nossa alegria prejudique os negócios — anunciou Wild. — O Escritório de Propriedade Perdida continua aberto.

A prostituta e o grosso dos seus gatunos desapareceram num instante, escapando quietamente para os aposentos dos fundos. Só Mendes ficou, parado silenciosamente atrás do patrão como uma estátua demoníaca.

Wild pôs-se de pé e deu uns passos em frente, talvez exagerando o seu famoso coxear. Havia aqueles que alegavam que Wild simulava o seu claudicar, talvez para fazer o mundo julgá-lo menos perigoso, mas eu não acreditava nisso. Eu também sofrera um ferimento na perna e sabia a diferença entre um coxear de verdade e um falso.

— Por favor, queira ocupar um assento. — Gesticulou para uma cadeira diante da sua mesa. — Vai desculpar-me a festa dos meus companheiros, mas tivemos uma manhã bem sucedida, Sr. Weaver.

O som do meu próprio nome feriu os meus ouvidos como um golpe e eu nada mais queria senão fugir. Fora parvo o suficiente para achar que poderia recuperar aqueles livros de contabilidade anonimamente, que Wild jamais me reconheceria. Agora não podia engolir o meu orgulho e dizer-lhe o que queria. Seria motivo de risos por toda a cidade. No entanto, era tarde demais para recuar e dei um passo à frente, lentamente sentando-me numa cadeira enquanto ele fazia o mesmo.

Não disse nada.

Wild sorriu tão untuosamente como um lojista. — Gostaria de tomar alguma coisa?

Continuei sem dizer nada. Não podia pensar em nada para dizer e esperava, assim, que ele achasse o meu silêncio ameaçador.

— Sr. Weaver, nada posso fazer se o senhor não declarar a natureza

da sua visita. Perdeu alguma propriedade? — Agitou as mãos no ar como se tentasse invocar exemplos como os que me vieram à mente. — Alguns... livros de contabilidade?

Senti-me como uma criança apanhada num acto de maldade. Não era surpresa nenhuma que Wild soubesse o que eu queria; a única surpresa era que eu não tivesse antecipado a situação. Eu vinha a fazer investigações e ameaças aos seus homens na semana anterior e não deveria esperar que ele ignorasse um homem que tentava atravessar o seu domínio do negócio na caça aos ladrões.

Eu não podia sair e não podia pedir a sua ajuda. A minha única opção, e era do tipo que tinha trazido no passado à minha cabeça tantos sucessos como ferimentos, a minha única opção era a bravata.

— Sei que você tem os livros — disse — e quero-os.

Wild fingiu não ouvir a minha ameaça.

— Chegou à minha atenção que o senhor vem fazendo indagações pela cidade e acredito que é possível que eu consiga localizar esses livros para o senhor. Como tem certamente consciência, não tiro nenhum dinheiro dos meus serviços aqui no Escritório da Propriedade Perdida, mas posso ter de oferecer à pessoa que se encontra em posse dos artigos qualquer pequena consideração. Estou seguro de que uma libra por livro seria suficiente.

Desejei de todo o coração bater com a sua cara complacente no tampo da mesa, mas sabia que aquele não era o lugar para violência. Mendes tinha os instintos de um animal, apertou os olhos, fremiu as narinas como se farejasse os meus pensamentos e empurrou o peito para a frente num sinal de advertência.

Virando-me para encarar Wild, fiquei erecto no meu assento e enfrentei o seu olhar cintilante com os meus próprios olhos, cansados e opacos. — Não desejo entrar nos seus joguinhos, senhor. Os homens do seu bando roubaram os livros. Se não mos entregar pode estar certo de que empregarei a lei para que o senhor dê conta deles.

Mendes deu um passo em frente, mas Wild sacudiu a cabeça.

— A lei, o senhor diz? Que tenho eu a temer da lei? Sou um criado da lei, Sr. Weaver, e toda a Londres me aplaude. O senhor tem alguma prova ligando-me a este roubo? Existem testemunhas que vão citar-me? A lei, sim senhor! Houve um tempo em que eu achava que o senhor podia oferecer-me alguma resistência, mas agora vejo que a sua conversa não passa de fumo.

— Não deveria subestimar-me — disse, esperando que o meu tom desse crédito às minhas palavras. Nada mais queria do que me ir embora, pois neste jogo de palavras ele certamente estava em vantagem.

— Oh! — exclamou, rindo. — Nunca subestimo ninguém. Esse é o meu segredo, você sabe. Acho que valorizo o seu talento tanto quanto deveria.

Diga-me, o que espera ganhar para si mesmo este ano? Você poderia apanhar umas duas ou três recompensas e uma libra avulsa aqui e ali. Isso render-lhe-à cem libras? Cento e cinquenta? Se quisesse vir trabalhar comigo, Weaver, eu pagar-lhe-ia duzentas libras per annum.

Pus-me em pé e inclinei-me para a frente o suficiente para encarar do alto o grande homem enquanto falava. Pelo canto do olho vi Mendes fazer um gesto vago de advertência, mas não podia perder tempo com ele. Sabia que ele não me tocaria sem a permissão do patrão.

— Desprezo a sua oferta — disse a Wild. Mendes saiu de trás da cadeira de Wild e, para lhe demonstrar o meu desdém, virei as costas e saí tão lentamente quanto podia, para que ninguém pudesse dizer que eu tinha fugido do encontro. Acredito que fiz a mais digna saída possível de uma missão tão vergonhosa.

Eu esperava nada mais ter a ver com Wild por algum tempo, mas no dia seguinte ele honrou-me com a sua zombaria mandando-me os livros de contabilidade que eu procurava, acompanhados por uma nota que dizia: “Os meus cumprimentos.” Devolvi os livros ao seu agradecido dono e ele anunciou a toda a gente que Benjamin Weaver tinha recuperado bens roubados por Wild.

Foi um momento amargo para mim, um momento que me tenho esforçado para esquecer, mas não me lisonjeio demais quando digo que Jonathan Wild viria a arrepende-se do seu gesto de escárnio.

A MINHA EXPERIÊNCIA COM Wild ensinou-me que ele era decididamente perigoso, porém bastante capaz de tropeçar na crença do seu próprio poder. No começo daquele ano, Wild escapara ileso de um processo criminal que havia ameaçado expor os seus esquemas de vilania e prejudicá-lo terrivelmente e só há pouco se recuperara por completo de uma doença tão grave que os jornais chegaram a anunciar a sua morte iminente. Escapar por pouco, nestas ocasiões, disseram-me, não ensinara a Wild que ele também estava sujeito às desgraças da humanidade, mas em vez disso a lição que aprendeu foi de que era impermeável ao ataque do homem ou da natureza.

Não imaginei por um momento que Wild me tivesse prejudicado ao denunciar Kate Cole, mas não podia correr nenhum risco de que ele soubesse a verdade. Wild tinha-a traído para seu próprio benefício, colocando-a na lista dos traidores, e acredito que a minha escolha agora era fazer dela uma criatura minha.

Depois de voltar para casa do Bawdy Moll's, enverguei de novo a aparência de um cavalheiro de peruca e segui para a prisão de Newgate, onde Kate estava instalada. Os meus negócios tinham-me levado muitas vezes a

Newgate antes e eu não tencionava mergulhar mais fundo no coração da besta do que o necessário. Nenhum lugar na terra se parece mais com a visão cristã do Inferno do que aquele poço de corpos apodrecidos, miseráveis, despidos dos mínimos resquícios da dignidade. Só esperei, para sorte de Kate, que ela tivesse convertido o resto dos bens de Sir Owen em dinheiro para que pudesse pagar mais do que os alojamentos rotineiros da prisão. Em Newgate, a não ser que a pessoa se defendesse da vil escória, a pouca honra que possuía ficaria sob assédio implacável.

Ao aproximar-me, vi à distância que uma multidão se tinha formado e rapidamente percebi que um homem estava no pelourinho do pátio. Poucas dúzias de curiosos tinham-se juntado para vaiar a sua desgraça e alvejá-lo com ovos e frutas podres e ocasionalmente algo mais sólido, pois o pobre infeliz sangrava de vários ferimentos profundos na cabeça e um dos seus olhos parecia inchado e negro e talvez bastante arruinado. Uma placa acima dele dizia que tinha sido acusado de rebelião jacobita, um crime capaz de despertar a mais odiosa violência na multidão. Muitos homens acusados e punidos assim não tinham conseguido emergir vivos de três dias no pelourinho. Quando eu passava apressadamente, um rufião na multidão atirou uma maçã com uma força assassina, gritando: “Isto é da parte do rei Jorge, seu patife papista.” Não posso dizer se este homem era leal ao nosso rei, mas o prazer para tal pessoa estava no arremesso. A maçã voou alto e explodiu no pelourinho acima da cabeça do prisioneiro, despejando fruta podre sobre ele. Algumas vendedoras de ostras circulavam pelo pátio, apregoando a sua mercadoria, e os homens e mulheres na multidão devoravam as suas ostras assistindo alegremente a este homem que era torturado, talvez até a morte.

Não tirei nenhum prazer do espectáculo e continuei a empurrar as pessoas para passar através do terrível portão do presídio, onde encontrei um carcereiro e o instruí a respeito do meu negócio. Ele era um sujeito imponente de estatura média, porém de largura mais do que normal. Os seus braços eram o dobro da circunferência dos meus e ele exhibia-os ousadamente diante de mim para indicar que não se mexeria sem que eu o tocasse, ou seja, oferecesse alguma compensação pelo seu tempo. Como todos aqueles que trabalhavam na prisão, do director até ao mais reles carcereiro, este homem pagara uma saudável soma para obter o posto e tinha de explorar o seu poder da melhor maneira possível para recuperar o seu investimento. Por isso, passei-lhe alguns xelins e ele conduziu-me ao Common Side da prisão, onde esperava encontrar Kate.

— Eu lembro-me dela — disse com um olhar malicioso que se espalhava como a maré do Tamisa no seu rosto largo e estúpido. — Ela era nova e não tinha dinheiro. Vai encontrá-la pela sua gritaria, suponho.

Que posso eu escrever sobre a prisão de Newgate que o meu leitor já

não tenha lido? Descreveria o mau cheiro dos corpos apodrecidos, alguns vivos, outros mortos há muito, dos resíduos humanos, do suor, da porcaria e do medo, que tem o seu próprio cheiro, asseguro-lhes. Escreverei sobre as condições, inadequadas para qualquer criatura que leve o nome humano? Ao acompanhar o carcereiro através daqueles corredores escuros eu, que tinha visto tanta coisa e me julgava tão imune à visão da miséria deste mundo, desviei os olhos dos corpos desgastados e doentes, visíveis através das grades. Agrilhados às frias paredes de pedra, eles jaziam nas suas próprias fezes, os corpos atacados por todo o tipo de vermes. Virar a cabeça adiantava pouco, pois os sons dos seus gemidos e das suas súplicas ecoavam pelas pedras antigas daquela masmorra. Eu gostaria de acreditar, leitor, que apenas os criminosos mais perigosos e violentos suportavam aquelas torturas, mas todos sabemos que esse não é o caso. Ouvi falar de batedores de carteiras — eu disse batedores de carteiras — que foram acorrentados e largados para morrer, engolidos vivos por ratos e piolhos, devido à falta de dinheiro para pagar a sua assistência. Ouvi sobre homens absolvidos de todas as acusações que apodreceram até a morte por falta das suas taxas de libertação. Era melhor ser enforcado, pensei, do que permanecer naquele lugar.

Segui o carcereiro através desta terrível morada e subimos as escadas para a ala das mulheres no Common Side. Talvez o meu leitor acredite que ali as mulheres são protegidas das moléstias do sexo mais forte, mas em Newgate não pode haver protecção sem dinheiro. A prata pode obter quase tudo, inclusive o direito de caçar entre as mulheres fracas e indefesas. Quando entrámos na ala, vimos tais predadores bestiais a esgueirarem-se para as sombras.

O carcereiro chamou o nome de Kate. Só levou alguns momentos para que ela aparecesse, não por vontade própria, mas empurrada para a frente por companheiras de prisão que, impelidas pela malícia gerada na prisão, lhe negavam o direito de se esconder.

Confesso que senti remorsos ao vê-la. Não era a rapariga atraente, apesar de ousada, que eu vira na noite anterior, mas uma figura abandonada, maltratada e ensanguentada. As suas roupas tinham sido rasgadas e manchadas e exalava um forte cheiro de urina. Marcas de porcaria cobriam-lhe o rosto e os cabelos e exibia ferimentos abertos e sangrentos da testa até o queixo. As suas pernas estavam presas a algemas, uma precaução desnecessária para uma mulher como Kate, mas ela não conseguira, sem dúvida, pagar pela remoção dos ferros. Mulheres como as que conhece, caro leitor, encontrar-se-iam reduzidas a lágrimas ininterruptas ou talvez até se tornassem inconscientes pelo tratamento que Kate recebeu nas suas primeiras horas em Newgate, mas as suas desventuras só a tinham tornado mais dura e remota. Talvez não fosse a sua primeira vez numa grande prisão e talvez não fosse a primeira vez em que era tão maltratada.

Murmurei ao carcereiro para que removesse os grilhões. Eu pagaria pela assistência dela enquanto a visão da minha prata não causasse problemas a nenhum de nós. Ele concordou com a cabeça e agachou-se para abrir as algemas; Kate nem lhe agradeceu, nem deu qualquer sinal de que o seu estado houvesse mudado.

Pedi uma audiência privada e, por um xelim adicional, o carcereiro conseguiu-me uma salita, iluminada apenas por uma minúscula fenda como janela. Depois de se entregar a um sorriso cúmplice, fechou a porta e pediu-me para gritar se precisasse de ajuda. Era um dia nublado e, uma vez dentro, ficava difícil ver no quatinho sombrio, mas eu não precisava de muita luz para os meus propósitos. O único móvel, não fiquei surpreso ao notar, era uma cama estreita coberta com uma manta esfarrapada e uma família de ratos que fugiu quando entrámos.

Eu mal a conhecia para especular como a entrevista se encaminharia, não sabia se ela lutaria ou se curvaria. Ela sentou-se quietamente na cama e olhou para baixo, sem perguntar nem esperar nada de mim.

— Bem, Kate — disse, forçando um sorriso irónico, que se perdeu na cela sombria. — Caíste numa situação daquelas, não?

— Não vou ser enforcada por uma coisa que não fiz. — Ela esforçou-se tanto para dominar a voz que pensei que a sua mandíbula se romperia com a pressão. Olhou-me directamente no rosto. Eu não podia ter a menor dúvida de que me queria desafiar. — Ah, Cristo — murmurou. — Ah, Jemmy.

— Lamento o que aconteceu com o Jemmy — disse-lhe suavemente.

Ela sacudiu a cabeça. — Jemmy — choramingou. A sua cabeça afundou-se, quase até o colo. — Bem, pelo menos ele não vai bater-me mais. Ou atormentar-me com o que não podemos vender a ninguém sem que Wild descubra. É tudo culpa dele, acredito. — Subitamente ergueu a cabeça e encarou-me bem nos olhos. — E culpa sua também. E não vou ser enforcada por uma coisa que não fiz.

— Não — disse. — Não vais ser enforcada, Kate, se chegarmos a um acordo. Vou cuidar disso. Não posso garantir que não sejas exilada, mas talvez sete anos nas colónias te ajudem a recuperar das desventuras da tua vida, bem como a escapar das amarras de um benfeitor impiedoso como o Sr. Wild. — Ela teve um sobressalto ao ouvir o nome dele. — Isto é o que eu vou fazer por ti, Kate. Vou dar-te dinheiro suficiente para que te mantendas afastada da ralé enquanto estiveres aqui. Além do mais, vou usar a minha influência com a magistratura para garantir que, se fores condenada, não sejas sentenciada à força. Farei o que puder para te ver livre, não quero que Wild ganhe qualquer dinheiro com a tua desgraça, mas só posso prometer que não vais ser enforcada. Entendes-me?

— Sim — disse, os seus lábios com uma ponta de sorriso irónico. —

Entendo que tem medo que eu lhes fale de si.

Usou as pontas dos cabelos para limpar o sangue e a porcaria da sua testa.

— Não, não tenho medo, Kate, pois não sabes o meu nome e não sabes quem eu sou. Além do mais, se eu fosse levado a tribunal, seria forçado a contar a verdade, que matei o Jemmy quando ele tentava roubar-me, quando tentava roubar-me com a tua ajuda. Posso manter-te viva se cooperares comigo, mas se forçares a minha mão vais ser enforcada. Estás com raiva, certo. Foste traída por Wild; entendo isso. Mas se quiseres ficar viva é melhor ouvires o que tenho a dizer-te. Sei que não gostas de mim, vê-me como a razão da tua presença aqui, mas debes entender que sou a única pessoa capaz de ajudar-te neste momento.

— Por que deveria ajudar-me? — Não ergueu o olhar, mas a sua voz estava firme e exigente.

— Não por bondade, garanto-te. Mas porque é do meu melhor interesse fazer assim.

Mantinha a voz calma enquanto falava com ela. Ela viu que eu tinha um pouco de poder, o suficiente para subornar o guarda. Para uma mulher na posição de Kate, eu ter umas poucas de libras na bolsa e uma peruca imponente na cabeça já não era muita distância de influência junto aos tribunais. Era tudo uma impostura, naturalmente. Eu não tinha nenhuma influência, mas devia fazer tudo em meu poder para a manter em silêncio. Em troca eu ajudá-la-ia o melhor que pudesse e a faria acreditar que a minha influência seria suficiente.

— Não penses que podes prejudicar-me, Kate. Podes tornar a minha vida mais complicada, nada mais. Em troca, se prometeres evitar essas complicações, eu prometo manter-te viva e, se puder, conseguir que te declarem inocente deste assassinato.

A expressão no rosto dela não mudou, mas agora eu tinha a sua atenção. Olhou-me por muitos minutos antes de falar.

— Que é que você quer de mim?

Eu tinha conseguido algo, pois agora ela mostrava pelo menos que estava disposta a ouvir-me.

— Duas coisas apenas. Primeiro, que não me menciones de maneira nenhuma. Não me interessa o que dizes ao tribunal, mas não debes mencionar que um cavalheiro fez esta coisa. Jemmy era um homem perigoso com muitos inimigos, e era bastante provável que outros que não tu atirassem nele. Por mim, podes até sugerir que havia uma rivalidade entre Jemmy e Wild, isso seria uma justa recompensa pela sua traição. Mas não debes mencionar-me a mim nem ao teu conhecimento deste acidente. Está a entender-me, Kate? Não existem provas para apoiar uma condenação. Diz ao tribunal que não

sabes nada e as provas trabalharão por ti, os factos farão melhor serviço do que as palavras jamais conseguiriam.

— Por que deveria eu confiar em si ou no tribunal? — perguntou. — Eles enforcam os que querem e libertam os que querem. Com Wild a dizer que fui eu a assassina, nunca irei viver até ao Natal, a não ser que implore pela minha barriga.

Eu perguntei-me se ela estaria realmente grávida ou se simplesmente pretendia implorar pela barriga, como muitas mulheres faziam, para conseguirem alguns meses a mais de vida.

— Sobrestimas a influência de Wild — disse eu, não achando outra alternativa que não mentir descaradamente — e subestimas a minha. Podes ver que sou um cavalheiro e que tenho amigos poderosos que são cavalheiros. Percebes o que tenho estado a dizer-te? Se admitires que eu estava lá, que viste o que viste, estarás a confessar um crime capital, o crime pelo qual estás sentada aqui. Se ficares quietinha, não podes ser condenada. Queres viver?

— Claro que quero viver — disse amargamente. — Não me faça perguntas estúpidas.

— Então vais fazer o que eu mandar.

Ela encarou-me com ousadia. — Dê-me alguma razão para duvidar de si, qualquer razão, e vou contar o que sei e ao diabo com as consequências. É por isso que quero que me diga o seu nome.

— O meu nome — repeti.

— Sim. Diga-me o seu nome, ou não vou fazer o que me pede.

— O meu nome — disse, tentando pensar em alguma mentira de que pudesse facilmente lembrar-me. — O meu nome é William Balfour.

Talvez eu devesse ter escolhido um nome ainda mais distante de mim, mas foi a primeira coisa que me veio à mente. Além do mais, pensei, qualquer confusão que pudesse trazer para Balfour era pouco para o que o pomposo sujeito merecia.

Kate estudou-me.

— Conheço um William Balfour e você não é ele. Um cavalheiro avarento que vinha ver-me. Mas acho que podia haver mais do que um com um nome desses.

Realmente podia haver, concordei silenciosamente, imaginando se o Balfour que ela conhecia era o Balfour que tinha contratado os meus serviços. Mas eu não podia preocupar-me com o tipo de prostitutas que um homem como Balfour visitava.

— Existe outra questão ainda mais importante que devemos ter em vista. Como sabes, vim para recuperar os bens de um amigo. Havia algo em particular que ele achava que estava na sua carteira, mas que não se encontrava lá. Tiraste alguma coisa daquela carteira, Kate?

Ela encolheu os ombros.

— Não me lembro. Um imbecil bêbado é igual ao seguinte.

Suspirei. — Onde é que guardas os artigos que roubas?

— Alguns deles ficam com o Wild, mas a maioria eu guardei antes de ir falar-lhe sobre o Jemmy.

— O que tens guardado agora?

— Perucas, relógios...

Ela prosseguiu a enumeração, como se esquecida de que estivesse a falar.

Suspirei. Se Wild tivesse as cartas então eu teria de dizer a Sir Owen que precisamente o que ele queria evitar tinha acontecido.

— Não te lembras de uns papéis? Um maço de cartas, amarrado com uma fita amarela, selado com lacre?

— Oh, sim, os papéis. — Acenou com a cabeça, estranhamente satisfeita consigo mesma. — Quilt Arnold está com eles, com certeza. Ele acha que valem alguma coisa. Viu-os e disse que eram cartas de amor de um cavalheiro, todas perfumadas e bonitas, e que o tal cavalheiro ia querer as cartas de volta, foi o que ele disse.

Tentei disfarçar o meu alívio.

— Quem é o Quilt Arnold e onde o posso encontrar?

Quilt Arnold, acabei por saber, era o concorrente às afeições de Kate antes que Jemmy tivesse o seu infeliz encontro marcado com a minha bala de chumbo. Frequentava um bar no sinal do Laughing Negro, em Aldwych, perto do rio. Ela tinha um esquema semelhante de rabo e cacete com Arnold lá, mas os rendimentos andavam magros, pois a clientela era mais pobre: principalmente marinheiros, carregadores e outros que só podiam render uns poucos de xelins, no máximo. Kate passara um recado a Arnold de que eu fizera um buraco em Jemmy e ele prometeu que cuidaria dela, embora só se tenha enchido com todo o botim de Kate que conseguia carregar, e então mandou-a conversar com Wild.

— Tens alguma ideia — perguntei a Kate — de quanto Arnold acha exactamente que estas cartas valem?

— Oh!, acho que ele espera tirar umas dez ou vinte libras, talvez.

Senti que aquele negócio estava a tornar-se cada vez menos e menos rentável. Eu estava relutante em entregar mais de vinte libras para este vilão, mas não tinha outra escolha para recuperar as cartas.

— Sabes onde é que ele guarda as cartas?

Se eu pudesse furtar as cartas em vez de negociar por elas, poderia economizar algum tempo, dinheiro e perigo. Mas este não ia ser o caso.

— Disse que as guardava com ele mesmo — respondeu Kate. — Disse que alguém haveria de aparecer à procura delas mais cedo ou mais tarde. Não iam ficar seguras em nenhum outro lugar, foi o que ele disse.

Esta informação certamente estreitou as minhas opções. Se este Arnold tivesse uma ideia do que havia nas cartas, seria péssimo para Sir Owen. Não precisavam de ter a prova para espalhar rumores prejudiciais, particularmente se esta Sarah Decker que ele tencionava desposar fosse tão delicada quanto dizia Sir Owen.

Revi com ela o que me tinha dito e então dei-lhe uma bolsa com cinco libras, o suficiente para comer, beber e vestir-se com relativo conforto até ao seu julgamento.

Depois que saísse da sua cela, eu teria de fazer os arranjos para o seu alojamento. Para que colaborasse comigo, Kate deveria estar confortável e isso significava transferi-la para a Press Yard, um lugar que não era nada barato, posso garantir, por ser a ala mais desejável da prisão. Ali os detidos podiam desfrutar de quartos relativamente espaçosos e limpos, caminhar ao ar livre pelo pátio sem seres molestados, servidos por guardas que tinham mais em comum com taberneiros do que com carcereiros. Qualquer coisa podia ser obtida em troca de prata na Press Yard. Apesar da bebida ser fraca e às vezes choca, era melhor do que a água suja de Common Side. E se a comida era cara e fraca, era muito superior à papa que os prisioneiros mais pobres tinham de engolir, muitas vezes infestada de larvas a ponto de ser quase intragável.

O preço dessas acomodações prejudicar-me-ia severamente: vinte libras para pagar a entrada de Kate na Press Yard e outros onze xelins semanais pelo seu aluguer. Depois do dinheiro que eu teria de pagar àquele vilão do Arnold, e dos vários subornos que já tinham aliviado a minha bolsa, eu não via possibilidades de que a notável remuneração de cinquenta libras de Sir Owen chegasse a muito além de cobrir as minhas despesas. Um caso que eu tinha considerado simples e lucrativo agora ia custar-me uma quantia que eu contabilizaria em xelins, se não mesmo em libras. Perder uma soma tão ampla para alojar Kate deixava-me infeliz, mas eu não podia ver outra escolha. Pagaria o que fosse necessário pelo seu silêncio.

— Vou voltar para me assegurar de que estás bem — disse-lhe, embora fosse uma mentira, tal como a minha garantia de que ela não iria à forca também era uma mentira. Eu esperava que as provas a absolvessem, embora não soubesse até que ponto Jonathan Wild se esforçaria para conseguir testemunhas de acusação. Ainda assim, não podia ser o protector de Kate Cole e deixei a prisão de Newgate esperando, nas semanas seguintes, pensar nela o menos possível.



AO INVÉS DE REGRESSAR A CASA fui de imediato para a vizinhança de Bloomsbury Square, onde o meu amigo Elias Gordon tinha um alojamento que mal podia pagar em Gilbert Street. Eu era mais jovem naqueles dias e requeria pouco em termos de assistência, mas às vezes, quando não podia servir adequadamente um dos meus clientes sem alguma ajuda, estava acostumado a visitar Elias, um cirurgião escocês e amigo de confiança. Conheci Elias depois da minha última luta, quando lesionara permanentemente a minha perna. Foi durante a minha terceira luta travada com Guido Gabrianelli, o italiano que eu tinha derrotado duas vezes antes e cujas vitórias me tinham valido tanta notoriedade.

Gabrianelli viera de Pádua, onde era conhecido como a Marreta Humana ou qualquer outro disparate na sua língua nativa e efeminada. Eu tinha lutado contra estrangeiros antes; o Sr. Habakkuk Yardley, que organizava as minhas lutas, adorava um combate contra estrangeiros, pois os ingleses pagavam com prazer os seus xelins para ver um dos seus conterrâneos, ou até mesmo um judeu que pretendiam que fosse um verdadeiro inglês, lutar contra um pedante afrancesado. Havia algo nas lutas de punhos que nivelava as pessoas: os judeus tornavam-se ingleses e todos os estrangeiros tornavam-se franceses.

Gabrianelli Marreta Humana chegou a Inglaterra e sem sequer me consultar, ou ao Sr. Yardley, sobre a realização de uma luta mortal, publicou uma nota das mais enfurecidas no Daily Advertiser.

Chegou à minha atenção que existe um Pugilista nesta ilha a quem creditam a força de Sansão — um tal de Benjamin Weaver, que se auto denomina o Leão de Judá. Mas se ele alega que é capaz de me bater, eu chamá-lo-ei de Vilão de Judá. Na minha Itália natal ninguém ousa lutar comigo, pois parto a mandíbula de cada oponente com os meus punhos. Vamos ver se este Weaver tem a coragem de pôr a sua força em confronto com a minha. Colocando-me à sua disposição e serviço, do seu

Guido Gabrianelli, a Marreta Humana

Os meus companheiros de luta e eu mesmo ficámos espantados com a beligerância deste estrangeiro. Não era uma coisa estranha os boxeurs publicarem notas de provocação em jornais, mas geralmente esperavam que um conflito provocasse um ressentimento. Começar uma relação com um ressentimento era algo muito grotesco. Mas o Sr. Yardley viu que havia prata no absurdo de Gabrianelli e que estas jactâncias flamejantes nos trariam um grande público. Por isso, enquanto fazia arranjos com esta pessoa ilustre, eu replicava na mesma moeda, publicando o meu próprio anúncio, que o Sr. Yardley recomendou que eu fizesse do modo mais provocante que pudesse.

Deixem o Sr. Gabrianelli, esse lutador da Itália, ficar seguro de que estou pronto e ansioso para boxear com ele a qualquer momento. Não duvido da veracidade das suas alegações de que na sua terra natal ele parte as mandíbulas de todos os oponentes com os seus punhos, mas o Sr. Gabrianelli devia ser avisado de que vai lutar com homens de muita garra e tenho razões para acreditar que ele não partiria a mandíbula de um Britânico nem mesmo com uma bigorna. Fosse o Sr. Gabrianelli imprudente o bastante para aceitar o desafio que propôs, espero cordialmente que todos os nativos desta Ilha compareçam para ver o que acontece a estrangeiros que vêm a estas paragens para fazer fanfarronadas ociosas a

Ben. Weaver

A luta tornou-se o tema de conversa dos devotos da arte do pugilismo e acabou atraindo um público maior do que ousávamos esperar, superlotando

ao máximo da sua capacidade o teatro do Sr. Yardley em Southwark. De facto, a bilheteira registrou um excedente de 150 libras, das quais Yardley tirou um terço e os lutadores um terço cada um.

Gabrianelli chegou parecendo ser um boxeur dos melhores. Eu tinha visto este homem uma vez, e à distância, quando desfilava pela cidade na sua ridícula roupa vermelha, enfeitada com bordados e fitas, e pela sua aparência julguei que qualquer britânico seria capaz de derrubar o italiano sem outra arma que um simples sopro. Agora, desnudos como estávamos, cobertos apenas pelos nossos calções, meias e escarpins, eu podia ver que era um homem de algum músculo. Mais do que isso, possuía uma qualidade assustadoramente bestial, pois sob a sua cabeça recém rapada, as costas e o peito eram cobertos de pêlos espessos e negros como os de um macaco de África. A multidão também viera à espera de um tolo amaricado que se arrependeria de tirar a peruca para o combate e muitos olhavam mudos e perplexos para aquela criatura peluda enquanto se arrastava de um lado para o outro do ringue, flexionando os músculos do peito e dos braços.

As minhas preocupações, pelo menos para esta luta, mostraram-se infundadas. Assim que a batalha começou, Gabrianelli investiu com um poderoso golpe no meu queixo. Ele veio com muita rapidez e doeu tremendamente, reconheço, mas fiz questão de demonstrar à plateia ululante que a minha mandíbula não tinha partido. Virei as costas para o oponente e bati no meu próprio rosto levemente de cada lado, um gesto que me valeu um grito de aplauso estrondoso. Gabrianelli tentou aproximar-se sorrateiro por detrás de mim, aproveitando-se da minha brincadeira. Eu sabia que o meu comportamento era perigoso, mas agradava à multidão e, portanto, agradava também ao Sr. Yardley, que nunca deixava de ser generoso com bônus para os seus melhores lutadores, assim como era impiedoso para com os seus lutadores que perdiam com frequência. De qualquer maneira, esquivei-me bem a tempo de escapar de um poderoso golpe desta Marreta Humana e, tirando vantagem da minha posição agachada, soltei um punho de direita apontado directamente para a sua barriga, cortando para cima ao estabelecer contacto, na esperança de o atirar ao ar.

Funcionou. Não estou a gabar-me quando digo que o mandei a rebolar para trás, como se impelido por um forte sopro de vento, até que os seus pés encontraram o parapeito do ringue e ele tropeçou, caindo sobre um amontoado ansioso de espectadores, que se juntaram à farra batendo nele até que ficou preso no emaranhado de pernas. A multidão estava agora arrebatada e levantei as mãos em sinal de vitória, embora ainda escarnecesse de Gabrianelli convidando-o a voltar ao ringue. Ele ficou caído imóvel por apenas um segundo e então mexeu-se, pondo-se de pé, boquiaberto e confuso. Quando se virou para me olhar, vi que o seu rosto, e grande parte da sua cabeça rapada

estavam roxos, e ele começou a brandir um punho de maneira desafiadora, gritando alguma coisa na sua própria língua extravagante.

O Sr. Yardley, um notório lutador nos seus bons tempos, agora gordo e jovial, chamou-me lá de baixo:

— Acho que ele o está a desafiar, Ben.

— A desafiar-me para quê? — perguntei com alguma dificuldade, pois o meu maxilar estava inchado do golpe que levava. — Isto é um ringue de pugilismo. Que desafio a mais ele poderia desejar?

Acabei por saber que ele desejava desafiar-me para um duelo de espadas. Parece que na Itália nunca se atinge o adversário no estômago. É considerado indigno de um homem. Lá, suponho, eles simplesmente se golpeiam no rosto o dia inteiro, por isso não surpreende que os seus maxilares se partam tanto. Gabrianeli achava que eu tinha cometido um ultraje e recusava-se a pisar de novo o ringue com um homem que desconhecia a honra. Fui assim declarado o vencedor e o Sr. Yardley evitou por pouco um distúrbio, pois a multidão começou a ulular com raiva que tinha pago um xelim para ver apenas três golpes desferidos. Anunciando que o seu ingresso valera para que presenciassem a prova de força de um britânico contra o estrangeiro, Yardley livrou o pescoço e os nossos lucros.

A minha reputação só cresceu em consequência desta luta e, enquanto eu continuava a combater e, com muita frequência, a vencer, por toda a cidade, em Smithfield, Moorfields, na Feira de St. George, bem como no teatro de Yardley em Southwark, Gabrianeli arrastou-se para o seu canto e foi lamber as feridas e aprender que em Inglaterra o boxe é mais do que simplesmente uma interminável investida de arremessos contra o maxilar. Depois de passar alguns meses a treinar à maneira britânica, ele fez-me outro desafio, que aceitei satisfeito. Gabrianeli tinha melhorado as suas habilidades, mas ainda o achei fraco na secção média. Atingiu-me no maxilar. Devolvi no estômago. Lançou outro golpe no meu rosto e eu no seu abdómen. Isto continuou, quase monotonamente, por um quarto de hora, até que, por puro rancor, mirei um golpe tão duro quanto podia no seu queixo, fazendo-o cair de costas no chão. Corri até ele, pronto para lhe dar outra dose, mas achei que o seu maxilar não podia ter sido tão castigado quanto a minha mão, pois Gabrianeli tinha um queixo sólido e doía muito menos atingi-lo na barriga. Outros golpes, felizmente, não foram necessários, pois ele ficou-se imóvel, os braços acima da cabeça, as pernas enroladas como as de um bebé. Foi uma posição da qual não se levantou por uma meia hora completa.

Quando Yardley e eu recebemos o nosso terceiro desafio de Gabrianeli, quase pensámos em não o aceitar. Não era seguro que a multidão pagasse para me ver derrotar este homem uma terceira vez, mas, enquanto hesitávamos, Gabrianeli insultava-nos com anúncios quase diários, primeiro chamando-

me de cobarde e bufão. Eu ri destes insultos mas, quando ele mudou o seu bordão para me chamar de um cobarde de uma ilha de cobardes e um bufão britânico, o tipo mais ridículo de bufão do mundo, Yardley acreditou que estes insultos provocariam suficiente interesse pelo combate. De facto, uma multidão compareceu a esta terceira luta. Eu tinha-me tornado super confiante na minha capacidade em derrotar aquele sujeito, o que foi tolice minha, pois sabia que Gabrianeli possuía um talento verdadeiro; eu mesmo tinha provado a força dos seus golpes. Mas acreditei demais nas minhas vitórias anteriores e as apostas colocadas na luta ecoavam a minha confiança, pois as hipóteses de que eu o vencesse eram de vinte contra uma.

O meu adversário tinha treinado para esta luta. Soube depois que passou horas deixando que homens o atingissem no estômago, esperando criar resistência. Agora, quando comecei, como fizera antes, com um ataque frenético na sua barriga, ele resistiu virilmente aos golpes. Continuou com a sua própria estratégia de me socar no rosto e eu, com uma postura igualmente masculina, suporrei o melhor possível. Socámo-nos um ao outro ferozmente pela melhor parte de uma hora até que a minha pele nua brilhava de suor e os seus pêlos negros enredavam-se em feios tufo sobre o corpo. A luta durou tanto que acredito que a multidão começou a ficar inquieta, pois no final circulávamos em redor um do outro, languidamente, como se debaixo de água, ensaiando golpes ou lentamente tentando evitá-los.

Foi então que ele me atingiu. Foi um golpe maravilhoso e astuto, um golpe que eu não acreditava que tivesse de reserva. Mirou directamente no meu maxilar e, no meu cansaço, não vi o golpe chegar. Ou melhor, vi-o chegar, mas não podia bem lembrar-me do que fazer com um soco endereçado directamente ao meu rosto. Observei-o a vir na minha direcção como algum pássaro demoníaco, até que me atingiu com força no queixo. Lembro-me de ter pensado, enquanto uma brancura quente e cegante enevoava a minha visão e eu perdia toda a noção de equilíbrio, que eu seria objecto de ridículo interminável se a minha mandíbula realmente se partisse. A minha preocupação foi mal colocada, pois o meu maxilar sobreviveu ao dia com apenas um severo inchaço, mas a força do golpe de Gabrianeli atirou-me para trás e para fora do ringue numa imagem espelhada da nossa primeira luta.

Não posso descrever com facilidade o que senti: confusão, horror, vergonha e uma espécie de agonia tão intensa que não podia dizer se era dor ou algo inteiramente novo na minha experiência. No início eu não podia bem localizar a sua fonte, mas à medida que a minha visão clareava notei, com aquele tipo de calma aceitação que às vezes recai nas vítimas do infortúnio, que a minha perna esquerda jazia num ângulo dos mais terríveis. Ao voar do ringue, o meu pé direito tinha tropeçado na beira da arena e caí pesadamente sobre a canela esquerda, que partiu em dois locais distintos.

Enquanto o choque do momento passava, a minha tormenta, que jamais espero experimentar outra igual, tornava-me insensível e precisei depender do relato de Elias para saber o que aconteceu de seguida.

À ocasião um completo estranho para mim, Elias Gordon tinha escolhido, num pânico de jogador, apostar cem libras contra o lutador favorito. Quando caí ao chão numa massa distorcida, ele saltou e gritou “Duas mil libras!” com o máximo da sua voz. Não creio que ele algum dia tivesse estado na posse de quantia tão maciça, e, acabrunhado com as possibilidades que a minha desgraça lhe havia proporcionado, combinou com o Sr. Yardley que ele mesmo cuidaria de mim sem cobrar nada. O meu suposto amigo, Yardley, concordou, pois Elias expressou alguma preocupação com o ferimento. A fractura foi tão séria que ele considerava a minha vida sob risco pelos dias seguintes e, caso eu sobrevivesse, achava que dificilmente poderia andar de novo, e descartou totalmente a ideia de que algum dia eu voltasse a lutar. Como todos os homens da medicina, Elias talvez exagerasse os perigos da minha condição, por isso, se a situação evoluísse para pior, as suas previsões confirmar-se-iam acuradas e, se eu me recuperasse, ele seria uma espécie de milagreiro. O Sr. Yardley ouviu a avaliação de Elias e pronunciou que eu era todo dele e que ele não tinha serventia para lutadores arruinados; nunca mais vi o homem, a não ser quando me veio entregar a minha parcela da bilheteira.

Elias, porém, fez do meu restabelecimento a sua preocupação única; ficou comigo no meu quarto quase todas as noites da primeira semana, para assegurar que a febre não me levasse. Foi um testemunho ao seu talento de cirurgião eu ser capaz de andar, pois a maioria dos homens que sofrem traumas desta gravidade só podem movimentar-se com a ajuda de muletas ou devem suportar a indignidade e o tormento da amputação. Quando estava sob os seus cuidados, começando a gostar deste excêntrico escocês, confesso que senti a maior inveja dele. O meu ganha-pão tinha-me sido arrancado e aqui estava um homem talentoso no seu ofício que conseguira suficiente dinheiro para se instalar em grande estilo e nunca mais passar dificuldades.

Elias, infelizmente, como o meu novo conhecido, Sir Owen, tinha uma fraqueza pelos prazeres da cidade, e tinha também um pouco de poesia na sua vida. Mas só um pouco, eu diria, como concordaria qualquer pessoa que tivesse lido o seu volume de versos, *O Cirurgião Poético*.

Elias nunca me explicou como gastou aquele dinheiro. Sem dúvida esbanjou-o em intermináveis e imemoráveis sessões com prostitutas, jogadores e composição poética, mas depois que me recuperei do meu ferimento e passei os meus anos mais obscuros fora de Londres, voltei e fui visitar o meu velho amigo, que estava jovial como sempre, vestido ao estilo da moda e frequentando as festas da cidade, mas, apesar de toda a sua euforia, inteiramente sem dinheiro.

Elias era uma espécie de janota, suponho, mas um janota pensativo, se é que isto não chega a ser uma contradição. Eu sabia que ele era um cirurgião de habilidades notórias, mas não chegava a ser dos mais dedicados à arte. Tivesse passado tanto tempo dedicado à cirurgia como se dedicava às mulheres, acredito que seria o primeiro nome em voga na sociedade, mas o amor ao ofício não podia competir com o amor ao prazer. Elias tinha amizades entre cada caftina, prostituta e mulher da má vida da cidade. As prostitutas, suspeito, gostavam de mim porque eu era agradável e cortês e talvez porque achassem divertida a minha fisionomia de hebreu. Gostavam de Elias, porém, porque gastava todo o seu dinheiro com elas e portanto era um convidado de honra em todos os prostíbulos de Londres.

Esta maneira dissoluta de viver deixava-o feliz, mas também sem dinheiro. Em consequência, estava sempre ansioso para me oferecer assistência por algumas libras lançadas na sua direcção.

À luz da atenção negligente de Elias às artes cirúrgicas, fiquei surpreso ao saber que ele estava na cidade a atender a um paciente quando o procurei, por isso resolvi descansar as pernas na sala de estar da Sra. Henry, a sua senhoria. Era uma viúva deliciosa; já fora, suspeito, muito bonita, mas agora, passados os 35 anos, estava no Outono da sua beleza. No entanto, tinha encantos suficientes para me manter ocupado na sala de visitas e, como eu havia frequentemente detectado uma afeição que guardava por mim, não havia pequena monta de gratificação em passar o tempo com ela.

— Tem algum negócio em particular hoje? — perguntou-me a Sra. Henry quando nos sentámos. Ela encarou bruscamente a minha cabeça.

Eu tinha-me esquecido por completo de que usava uma peruca. Devia ter esquecido inteiramente, não fosse o calor fora do comum daquela tarde de Outono.

— Tive de me apresentar a um grande cavalheiro para uma questão de negócios em que me encontro empenhado — expliquei.

— Gostaria muito de ouvir mais a respeito — disse-me, enquanto a sua empregada trazia o carrinho do chá. Descobri que a Sra. Henry tinha o serviço mais completo. O chá ainda não tinha atingido a sua estatura de necessidade doméstica, mas a Sra. Henry enamorara-se da bebida e a sua bandeja reunia uma variedade de encantadora porcelana. A bebida que me serviu era uma mistura forte que, disse-me, fora enviada por um irmão que estava no comércio das Índias Orientais.

— Estou empenhado num caso complicado mas pouco interessante — disse-lhe num tom evasivo, gentilmente indicando que não queria nada do açúcar que ela se preparara para despejar no meu chá.

— Os hebreus não comem açúcar? — perguntou-me com uma curiosidade genuína.

— Tanto quanto qualquer outra pessoa, em princípio — disse. — Este hebreu aprecia demais o sabor do chá para vê-lo comprometido com uma doçura enjoativa.

Cerrou os olhos, confusa, mas passou-me a xícara mesmo assim. — Pode falar-me desse seu trabalho?

— Receio que não, madame. Estou a operar sob estrito sigilo no momento. Talvez quando as coisas forem resolvidas possa contar-lhe, omitindo os nomes próprios, compreensivelmente.

Inclinou-se à frente. — O senhor tem de aprender tanta coisa na sua linha de trabalho que os outros desconhecem.

— A senhora fá-la parecer muito mais interessante do que é, asseguro-lhe. Suspeito que uma mulher na sua posição tenha mais conhecimento das engrenagens da cidade do que eu jamais alcançaria.

— Então, caso precise de informações algum dia, espero que não hesite em pedir-mas.

Eu agradecia a sua generosidade no momento em que Elias apareceu, para o evidente desapontamento da Sra. Henry. Ele entrou na sala vestindo um colete escarlate, sobre uma camisa azul viva com bordados. A sua peruca era imensa, quase uma relíquia de uma moda antiquada, ligeiramente manchada e excessivamente empoadada. Ela emoldurava o seu rosto anguloso que, como o resto do seu corpo, era magro e marcado por protuberâncias agudas e inesperadas do seu esqueleto. As calças de Elias tinham um rasgão óbvio acima do joelho esquerdo e, embora fossem regulares o suficiente para não atrair atenções indevidas, não pude deixar de notar que os seus sapatos não eram exactamente da mesma cor.

No entanto, o meu amigo caminhava com a dignidade de um conquistador a regressar de campanha e com a postura de um cortesão favorito dos dias de Carlos II.

— Está muito calor lá fora, Sra. Henry — disse à sua senhoria, acenando um lenço cor de anil. — Lady Kentworth quase desmaiou, embora eu não tivesse tirado sequer um dedal de sangue dela. Tem uma constituição muito delicada, a senhora sabe. Não está preparada para este tipo de tempo em Outubro. — Elias dirigia-se para a Sra. Henry, sem dúvida preparado para pagar-lhe em mexericos o que não podia em aluguer, mas viu-me lançar-lhe um ligeiro sorriso da minha poltrona puída, porém confortável. — Oh! — disse, como se eu fosse um cobrador de dívidas. — Weaver.

— Vim visitá-lo numa hora inconveniente, Elias?

Recuperando-se, forçou um sorriso.

— De modo algum. Estou um pouco indisposto com este calor terrível. Você deve estar, também. Quer uma sangria? — perguntou, saindo daquela confusão momentânea e exibindo o tipo de riso travesso que reservava para

os momentos em que desejava apoquentar-me com troças ou pedidos de dinheiro vivo.

Elias achava que a minha recusa de me submeter a uma sangria era talvez a coisa mais divertida que conhecia e zombava de mim constantemente.

— Como queira, faça-me sangrar — disse. — E talvez deseje remover os meus órgãos e colocá-los numa caixa. Onde ficarão seguros.

— Você faz pouco caso da medicina moderna — observou Elias enquanto caminhava pela sala e se sentava. — Mas a sua zombaria não diminui o valor das minhas habilidades cirúrgicas. — Virou-se para a Sra. Henry. — Talvez um pouco de chá, madame?

A Sra. Henry corou e pôs-se de pé, mantendo o corpo fabulosamente erecto. Ajeitou as saias.

— O senhor espera muitas honras, Sr. Gordon, para um homem que não me honrou com o aluguer deste trimestre. Pode servir o chá o senhor mesmo — disse, e deixou a sala.

Quando ela saiu, perguntei a Elias há quanto tempo vinha a levar a senhoria para a cama.

Ocupou um assento à minha frente e pegou numa caixa de rapé, fungando uma delicada pitada.

— É assim tão óbvio?

Virou-se para inspecionar uma pintura na parede, para que eu não pudesse notar o seu embaraço. Elias sempre preferia que eu o visse como bem sucedido apenas com as mais belas jovens da cidade. A Sra. Henry ainda era bonita, mas dificilmente do tipo com que Elias gostava de ser identificado.

— Nunca ouvi de uma senhoria recusar-se a servir o chá para um inquilino sob qualquer outra escusa — expliquei. — Asseguro-lhe, Elias: eu também negocieei o aluguer de uma maneira semelhante.

— Céus! — ele quase espirrou rapé por toda a sala. — Não aquele dragão em cuja casa mora actualmente, espero.

Eu ri-me. — Não, não posso dizer que tenha intimidades com a Sra. Garrison. Acha que vale a pena tentar?

— Ouvi dizer que vocês, os hebreus, são lascivos — disse Elias — mas nunca tive nenhuma prova de que vos faltasse bom gosto.

— Nem eu em relação a si — repliquei, esperando colocá-lo à vontade com a minha descoberta.

Deixou de lado a caixa de rapé e levantou-se para se servir de uma taça de chá.

— Bem, é um arranjo agradável, sabe. Ela não é uma amante muito exigente e o dinheiro que economizo no aluguer é útil.

— Elias — disse-lhe —, essas questões particulares são sempre fascinantes e eu gostaria muito de ouvir sobre a sua conquista amorosa de todas

as senhorias de Londres, mas vim aqui em negócios.

Voltou a sua cadeira e deu um gole cauteloso da bebida quente.

— O que é que ocupa os seus pensamentos, Weaver, esses seus pensamentos super fleumáticos necessitados de uma sangria? Um negócio muito complicado, percebo.

— Bastante, por certo. Tenho um caso difícil para resolver e outro delicado posto de lado antes que o possa atender.

Sentindo-me revigorado pelo excelente chá da Sra. Henry, ocupei o tempo não só para contar a Elias sobre o meu encontro inesperado com Balfour, mas também sobre os meus problemas para recuperar a carteira de Sir Owen. Eu sentia-me perfeitamente à vontade confiando em Elias, pois embora ele amasse o mexerico mais do que qualquer homem que eu conhecia, nunca tinha traído uma confiança quando lhe pedi silêncio.

— Não estou surpreso em saber que Sir Owen Nettleton teria a sua vida complicada pelas prostitutas e pela sífilis — assegurou-me Elias com uma vistosa contracção das sobrançelas.

— Você conhece-o, então?

— Conheço os protagonistas na vida da sociedade, bem como qualquer homem nesta metrópole. Além do mais — acrescentou com o olhar experiente do trapaceiro astucioso —, quem você acha que cuida de Sir Owen sempre que ele apanha gonorreia?

— O que pode contar-me sobre ele?

Elias encolheu os ombros.

— Não mais do que você poderia imaginar. Possui uma grande e próspera propriedade em Yorkshire, mas as rendas não dão para cobrir os gastos com os seus prazeres. É um notório alcoviteiro e mulherengo, excepcionalmente vigoroso até para os meus próprios padrões. Não ficaria surpreso se ele tivesse provado cada prostituta na cidade.

— Ele não esconde o seu orgulho nas prolíficas transacções com as damas das ruas.

— Estes homens de recursos devem fazer alguma coisa para preencher o seu tempo. Agora, quem é esta senhora que levou os seus bens? Gostaria de saber que bens a sua pequena desventura tirou de circulação.

Dei-lhe o nome dela.

— Kate Cole! — exclamou. — Ora, já provei das suas graças, e não deixam a desejar, com certeza. Você foi e arruinou uma prostituta perfeitamente boa, Weaver.

— Serei o único homem de Londres a não se ter relacionado com esta Kate Cole? — perguntei.

— Bom, não acho que seja tarde demais — disse Elias com uma gargalhada. — Ela certamente deve-lhe algo porque lhe adquiriu uma sala na

Press Yard. Você podia comprar os seus favores por um ano em troca do que um mês na Press Yard lhe vai custar.

Abri a boca para mudar de tópico, mas Elias, como fazia com frequência, assumiu o comando da conversação.

— Essa questão do Balfour, agora, isso é interessante. Só posso imaginar o seu desconcerto quando o ouviu falar da morte do seu pai. Certamente que agora vai entrar em contacto com o seu tio.

Elias conhecia o meu distanciamento da família e, na verdade, muitas vezes me pressionara para procurar o meu tio. Ele também tinha caído em desgraça junto ao pai. Elias frequentava a Universidade de Saint Andrews quando o seu pai ouviu relatos maliciosos, embora não inteiramente acurados, dos muitos actos de libertinagem do meu amigo. Este conhecimento tinha provocado uma ruptura entre Elias e a sua família e, em vez de continuar os estudos que o levariam a uma carreira como médico, Elias foi forçado a sair e assumir a actividade de cirurgião, sem se sobrecarregar por ter que frequentar os costumeiros sete anos de aprendizagem. Depois de muitos anos sem comunicação, Elias conseguiu resolver as dificuldades com a sua família, se não inteiramente, pelo menos ao ponto em que recebia uma remessa trimestral. Este arranjo parecia conveniente para todos, pois o irmão mais velho de Elias, que receberia a herança da família, era um sujeito doente, e o patriarca da família desejava pelo menos estar em termos amistosos com Elias caso o destino decretasse que ele se tornaria o herdeiro. Eu identificava-me facilmente com as dificuldades de Elias como filho mais novo, pois o meu irmão mais velho, José, sempre parecera a meu pai destinado à grandeza, enquanto eu, portador do defeito congénito de ter nascido quatro anos depois, fora tratado de modo a sentir-me como um apêndice dispendioso.

Recontei a Elias os detalhes da minha conversa com Balfour e o meu amigo ficou menos interessado em reparar-me a ruptura com a minha família do que em saber mais sobre o que Balfour achava que fosse a verdadeira natureza daquelas mortes.

— Devo dizer, Weaver, que esta investigação é das mais estranhas. Como é que vai encontrar um assassino que ninguém viu ou sequer acredita que exista?

— Não sei o que posso fazer. Mas tenho de cuidar de Kate Cole primeiro, acho eu.

— Kate Cole é diabolicamente menos interessante, asseguro-lhe, do que o assassino fantasma. Mas você está certo, temos de tratar daquelas cartas e isso certamente dar-me-á tempo para pensar em como vamos agir para encontrar este assassino.

— Devo dizer, Elias, que você é do tipo entusiasta. Balfour não me está a pagar tanto que eu possa partilhar o excedente consigo.

— Você melindra-me. Pensa que só estou atrás de dinheiro. Considero o desafio estimulante, sabe? Mas presumo que o seu rico baronete poderá recompensar-me mais generosamente do que o seu empobrecido novo-rico.

— O meu rico baronete tem-se mostrado generoso. — Agora eu tinha a atenção de Elias e expliquei-lhe que estava numa espécie de apuro e gostaria que ele interpretasse um papel para mim.

— Parece terrivelmente excitante — disse, os seus olhos brilhando diante da ideia desta aventura.

— Oh!, espero que não seja excitante demais.

Eu tinha preparado um plano deliciosamente simples para recuperar as cartas de Sir Owen junto daquele gatuno Arnold. Entraria no Laughing Negro vestido como um carregador. Kate Cole sem dúvida tinha falado a Arnold sobre um cavalheiro musculado e eu não queria complicar as coisas deixando que suspeitasse de mim como sendo o homem que matou Jemmy. Elias, que ninguém acusaria de ser musculado, entraria para falar com Arnold, explicando que era o proprietário das cartas. Eu havia-o autorizado a oferecer vinte libras pela sua devolução, mas ele deveria começar com cinco libras, pois eu ainda me agarrava a uma pequena esperança de que o caso da carteira não me daria prejuízo. Se pudesse lucrar umas poucas libras e Sir Owen, por sua vez, falasse bem de mim publicamente, então teria uma boa razão para considerar os meus esforços bem empregues.

Avisei Elias que, ao lidar com aquele ladrão, não usasse o nome de Sir Owen, pois havia uma boa hipótese de que ele não tivesse lido as cartas, ou pelo menos não detalhadamente. Eu estava seguro de que a contrição de Sir Owen e os sentimentos da sua viúva eram aborrecidos demais para um ladrão comum. De qualquer maneira, ainda que soubesse que as cartas não eram de Elias, não podia imaginá-lo a recusar o dinheiro por questão de princípio.

Cheguei ao Laughing Negro por volta das sete da noite. Facilmente divisei um homem com patilhas acobreadas e os cabelos eriçados, muitos tons mais escuros do que a barba. Um dos olhos era de um azul frio e penetrante, o outro jazia morto no seu crânio. Este era o homem que Kate me descrevera. Estava sentado numa mesa com outros quatro, cada um tão perigoso em aparência e desleixados em hábitos de higiene como ele. Era um bando miserável e embriagado, sinistramente jogando uns dados de um lado para o outro da mesa. Paguei uma caneca de cerveja choca e sentei-me tão perto deles quanto possível, escolhendo um local de onde podia observar melhor Arnold e os seus companheiros sem parecer que o fazia.

Elias entrou exactamente como lhe indiquei. A sua vestimenta berrante, cheia de vermelhos e amarelos vivos, tornou-o o objecto de atenção de toda a sala e o exame instantaneamente deixou-o inquieto. Eu tinha ocultado dele a descrição que Kate Cole fizera de Arnold, para que não pudesse ter expec-

tativas do homem. Assim, perguntou ao homem do balcão, que lhe indicou o sujeito que procurava.

Elias caminhou devagar até a mesa, de vez em quando colocando a mão na sua espada e voltando a tirá-la. Tive o cuidado de não o observar de muito perto, não desejando arriscar qualquer contacto visual entre nós. Aproximou-se de Arnold e ficou de pé diante dele:

— Seria o senhor o Sr. Quilt Arnold? — perguntou na voz alta e declamatória de um herói de uma peça teatral.

Os homens deram uma série de gargalhadas antes que Arnold erguesse os olhos, incapaz de imaginar o que este pavão desejava dele.

— Sim — disse, sem fazer nenhum esforço para esconder a sua diversão. — Sou Arnold, meu senhor. O que deseja?

— Sim — disse Elias numa voz que traía a sua apreensão. — Uma mulher chamada Kate Cole disse-me que você tem algo que me pertence. Um maço de cartas enlaçado com uma fita amarela.

Arnold ergueu uma sobrancelha peluda.

— Ela contou isso antes ou depois de ir para Newgate?

— Você tem as cartas ou não?

O bandido exibiu um sorriso amplo e amarelo.

— Este é o seu negócio, não é, meu caro? Bem, como são suas as cartas em meu poder, tenho a satisfação de lhe dizer que sim, estou com elas — disse, tocando no casaco. — Estão bem aqui. O senhor está a precisar delas, não? Estou certo?

Elias aprumou a sua postura.

— Está certo.

Arnold não tinha nenhum desejo, ao contrário de Elias, de efectuar a transacção rapidamente. Tocou de novo no casaco. Sussurrou algo no ouvido de um dos seus amigos e então deu uma gargalhada seca e horrenda por um minuto inteiro. Finalmente, voltou a falar com Elias.

— Não se incomodaria se eu soprasse um pouco de ranho nelas, não?

Elias sacudiu a cabeça, fazendo o melhor para parecer calmo e talvez até irritado.

— Sr. Arnold, estou seguro de que a sua vida seja bastante pobre para que deseje prolongar esta transacção, mas tenho outros negócios a tratar. Quero as cartas de volta e pagar-lhe-ei vinte libras por elas.

Estremeci e fiquei seguro de que Elias fez o mesmo por dentro. Ele tinha errado a sua deixa e, se Arnold quisesse regatear, não haveria dinheiro com que fazê-lo. Fosse eu levantar-me e oferecer a Elias um dinheiro extra, que não tinha, Arnold saberia que o negócio era mais complicado do que parecia e poderia retrair-se, na esperança de mais dinheiro ainda.

— Qualquer homem disposto a pagar vinte libras por uns pedaços

de papel — disse, inclinando-se para trás na cadeira e esticando as pernas — estaria disposto a pagar cinquenta. Uma vez que sejam suas as cartas, se é que me entende.

Elias surpreendeu-me pela sua coragem, pois Arnold era um vilão de aspecto imponente.

— Não, senhor — retorquiu. — Não vejo aonde quer chegar. Não vim para regatear com o senhor. Vou dar-lhe vinte libras pelas cartas, ou papéis para o lixo é o que elas serão para si.

Arnold pensou nisto por um momento.

— Sabe, meu senhor, não acredito que um cavalheiro do seu quilate viesse a uma espelunca destas para falar com um gatuno barato como eu sobre alguns pedaços de papel se valessem só vinte libras. Que tal parar de falar comigo como se eu fosse uma prostituta à qual pode pagar por um serviço e dar uns xelins a mais? Dê-me cinquenta libras. E então talvez... digo talvez porque depende da minha disposição... talvez eu lhe dê estes míseros papéis. Mas talvez não dê. Por isso, meu patrão, quando me der o meu dinheiro, fique agradecido.

Elias empalideceu de terror e uma filigrana de veias azuis apareceu nas suas têmporas. Arnold era imprevisível e não se podia dizer até onde prolongaria as suas diabruras. Percebi então que não havia resposta para a questão, que eu não tinha outra escolha senão interferir. Empurrando a cadeira para o lado, fiquei de pé e aproximei-me dele.

— Desculpe — disse —, não pude deixar de ouvir o que estava a dizer a este cavalheiro e pergunto-me se tem noção disso.

E, com uma rapidez que me surpreendeu até a mim mesmo, puxei uma adaga do meu cinto, agarrei a mão esquerda de Arnold, que pousei sobre a mesa, e enfiei a adaga com força, atravessando a sua mão e cravando-a na madeira debaixo dela.

Arnold soltou um uivo, mas rapidamente coloquei a mão na sua boca e puxei uma segunda adaga da minha bota, que encostei ao seu rosto.

Olhei apressadamente para a sala, registando tanta informação quanto podia num instante fugaz. O homem do bar olhava para mim enquanto enxugava um copo com um pano. Alguns homens no Laughing Negro observaram a cena. Eles só se interessavam na medida em que o espectáculo preenchia a sua curiosidade. Eu não tinha a temer que um estranho generoso se levantasse em defesa do bandido, mas estava preocupado com os seus companheiros. Os amigos de Arnold, no entanto, não fizeram nenhum movimento. Ficaram sentados, a olhar uns para os outros, trocando olhares embriagados enquanto tentavam decidir, sem dúvida, se deveriam esperar para ver o que acontecia ou se deviam partir. Eu podia sentir, da maneira como colavam os seus corpos nas cadeiras, que não tinham vontade de interferir. Tais eram os amigos que

homens como Arnold faziam.

Elias dera um passo para trás. Parecia tão pálido que poderíamos pensar que ele é que tinha sido apunhalado. As suas pernas tremiam visivelmente, mas procurava manter-se erecto e oferecer a aparência de um homem perigoso. Embora Elias não tivesse temperamento para a situação em que nos encontrávamos, sabia que podia confiar nele para se sair honradamente dela.

Olhei de novo para a mesa. Havia menos sangue do que eu imaginara, pois a lâmina detinha o jorro. Uma poça espessa começou a formar-se em torno da lâmina após um momento e a escorrer pela mesa suja. Mudei de posição, para que o fluxo das veias de Arnold não caísse sobre as minhas botas, e pressionei com força para baixo ao mover-me, sentindo o calor do bafo sufocante de Arnold na minha mão. Agarrando o seu rosto com mais força, apontei a adaga para o seu olho bom.

— Está a sentir dor e entendo isso, mas não tenho mais paciência para si. Vai enfiar a sua mão livre no bolso e retirar os papéis que procuramos. Este cavalheiro aqui vai dar-lhe vinte libras, conforme prometido. Se fizer qualquer outra coisa, se os seus amigos fizerem qualquer movimento, não vou matá-lo, mas vou furar o seu olho são e fazer de si um mendigo. Agora, pode dar-nos o que queremos e receber um lucro satisfatório, ou pode perder tudo o que tem neste mundo.

Os amigos de Arnold trocaram olhares de novo. Eles agora tinham esperanças de que o seu amigo aceitaria, apesar do carácter desagradável da transacção, receber as suas vinte libras.

Com a mão boa, Arnold tentou alcançar o seu bolso, mas tinha de se esticar através de todo o corpo e, da maneira como retorceu o rosto, a dor devia ser horrível. Finalmente, contra o peso da minha mão, ele cerrou os dentes e apanhou uma bolsa do casaco e, num movimento trémulo e dolorido, deixou-a cair sobre a mesa.

Pedi a Elias que espreitasse dentro da bolsa e ele fê-lo, retirando o maço de cartas. Eram como Sir Owen as tinha descrito, um pacote amarrado por uma fita amarela e selado com um lacre. Fiz com que ele me passasse o maço e rapidamente contei que havia quatro pacotes separados, cada um com a espessura de um centímetro ou mais. Mesmo na confusão do momento, não pude evitar um sorriso ao pensar que o baronete libertino não deixava de ser um correspondente prolixo.

Coloquei o maço no meu bolso e disse a Elias para segurar a mão de Arnold enquanto eu puxava a adaga. Agora o sangue começou a jorrar livremente. Arnold escapou do meu domínio e caiu no chão, emitindo ruídos e uivos de dor.

— Dê-lhe o dinheiro — ordenei a Elias.

Eu podia vê-lo a raciocinar atrás dos seus olhos cinzentos instáveis.

Por quê?

— Dê-lhe o dinheiro — repeti. — Foi o combinado.

Devia haver algo na maneira como falei que encerrou o argumento. Elias suspirou, em agonia por ter de abrir mão das vinte libras desnecessariamente e deitou a bolsa sobre a mesa. Cada um dos companheiros de Arnold estendeu a mão para a agarrar.

Elias parecia prestes a fugir a correr, mas sacudi a cabeça para ele. Não havia necessidade de correr. Arnold jazia derrotado e ninguém nos perturbaria. Pensei em beber uma cerveja antes de sair para mostrar o meu desdém, mas não tinha mais ninguém para gratificar a não ser a mim mesmo e a bebida não era do meu gosto. Em vez disso, sorri com plena satisfação, abri a porta para Elias e então partimos.



A MANHÃ SEGUINTE ENCONTROU-ME fresco e calmo. Estava satisfeito por ter recuperado os documentos de Sir Owen e sentia-me tolerantemente confiante de que o negócio da morte de Jemmy passaria sem qualquer problema grave. Por volta do meio-dia, a Sra. Garrison anunciou que Sir Owen estava no andar de baixo para me ver e quando o baronete entrou no meu quarto não podia ter demonstrado maior prazer com o meu sucesso. Agarrou as cartas da minha mão e apertou-as contra o peito. Sentou-se, imediatamente voltou a pôr-se de pé, e começou a andar pelo quarto. Pediu uma bebida e então pediu outra dose, esquecendo-se da primeira.

Sir Owen insistiu em pagar-me uma bonificação e, depois de alguns protestos formais, aceitei o reembolso pelas despesas que tivera nas minhas transacções com Kate e Arnold. Este gesto foi generoso, pois dobrava a minha remuneração original e melhorava significativamente as minhas reservas de dinheiro. Sir Owen então convenceu-me a partilhar com ele uma refeição, pela qual pagaria, para que não recolhesse as cartas, como disse, sem mostrar alguma medida da camaradagem que a gratidão gerava dentro dele. Acompanhei-o a um restaurante local, onde bebeu copiosamente. Fiquei com Sir Owen até quase às duas da tarde, quando ele disse que tinha compromissos a honrar. Antes de partir, porém, chocou-me ao convidar-me a acompanhá-lo na noite da terça-feira seguinte ao seu clube.

— Não é nenhum acontecimento formal, posso garantir-lhe — disse, lendo o espanto no meu rosto. — Pensei que seria vantajoso para um homem na sua posição ter a oportunidade de ser apresentado a alguns cavalheiros.

— Gostaria muito de comparecer — respondi com sinceridade. — E

ficaria em débito com o senhor pela sua generosidade.

Sir Owen limpou a garganta e mexeu-se no assento.

— Você, vamos dizer, entenderá que não tenho nenhuma condição de propor que se torne sócio do clube.

A sua voz sumiu-se.

— Entendo perfeitamente — respondi com rapidez, desejando desfazer o seu evidente embaraço. — Estou, como o senhor certamente deduziu, ansioso para conhecer cavalheiros que possam algum dia ter necessidade de um homem como eu. E uma recomendação do senhor é uma coisa poderosa.

Satisfeito com a minha compreensão, Sir Owen deu-me uma palmada amigável nas costas e agradeceu-me de novo pelo meu esforço para recuperar os seus papéis. Depois de uma despedida prolongada, fez a sua retirada.

Com um estômago satisfeito e uma cabeça cheia de bom vinho, resolvi que era tempo de me livrar dos meus deveres. Assim, apanhei uma charrette até à residência do Sr. Balfour em Bishopsgate para ver o que, se alguma coisa, tinha descoberto nas suas investigações sobre o que a família do seu pai sabia a respeito daquela morte. Eu esperava que ele não tivesse descoberto nada. Esperava que tivesse chegado à conclusão da inutilidade da sua busca e me dispensasse deste caso com a consciência imaculada.

Encontrei Balfour numa respeitável série de aposentos de uma residência respeitável, mas estava sentado na sala de visitas como se fosse aconchegante demais para ele. Mantinha-se estranhamente erecto na cadeira, como se receoso de se reclinar. Vestia exactamente a mesma roupa em que o vira no dia anterior, embora tivesse feito algum esforço para tirar alguns fiapos do tecido e remover manchas mais conspíquas. Fiquei em pé diante dele, o meu chapéu enfiado debaixo do braço. Ele encarou-me. Cruzou as pernas. Esperava que me oferecesse uma cadeira, mas ele estudou-me com uma expressão que podia ser de ansiedade ou tédio.

— Da próxima vez que quiser falar-me — disse num tom lento e deliberado —, por favor, informe-me antes. Estabeleceremos um local de encontro mais apropriado do que a minha própria residência.

— Como desejar — repliquei com um sorriso largo, destinado a irritá-lo, pois achei que a superioridade vulgar de Balfour me enchia tanto de raiva como de desprezo. — Uma vez que estou aqui, vou ficar à vontade.

Reparei numa garrafa de vinho sobre a lareira e, ainda afogueado do meu almoço com Sir Owen, achei que um pouco de vinho era a coisa indicada.

— Gostaria de um pouco de vinho? — perguntei, enquanto me servia.

— Você é insuportável — reagiu. — Esta é a minha casa, senhor!

As suas mãos apertaram o jornal que tinha no colo.

Sentei-me e sorvi lentamente o vinho, um clarete inferior. Não era imbebível, mas parecia azedo em comparação com a bebida fina que Sir

Owen me tinha oferecido. Suspeitei de que o meu anfitrião percebeu os sinais do meu desprazer, pois começou a abrir a boca. Achei melhor evitar o que certamente seria uma expressão da sua pompa gratuita, por isso disse rapidamente. — Sr. Balfour, o senhor contratou os meus serviços, mas não sou seu empregado. Afinal, temos um interesse mútuo na investigação que o senhor deseja ver-me conduzir. Agora, vamos discutir as particularidades desta situação?

Balfour olhou-me ameaçadoramente por um momento e decidiu que a impassibilidade era a sua melhor opção.

— Muito bem. Receio que terá de fazer o trabalho você mesmo, que é, espero, o motivo por que estou a pagar-lhe. Falei com o funcionário principal do meu pai e ele informou-me que as minhas suspeitas não são infundadas. Alega que o espólio estava muito mais pobre na ocasião da morte do meu pai do que ele, o funcionário, tinha razão para suspeitar.

— Realmente — observei com frieza.

— Acredito que mencionei que o meu pai tinha lucrado alguma coisa com a rivalidade entre o Banco de Inglaterra e a Companhia do Mar do Sul, e com toda aquela flutuação no preço das acções. Ele passou algum tempo em Exchange Alley com os judeus e outros estrangeiros, comprando e vendendo as suas acções.

— E algumas dessas acções estão a faltar?

Encolheu os ombros como se eu tivesse mudado rudemente de assunto.

— Não sei nada dos detalhes. Não tenho cabeça para tais coisas com finanças, mas à luz dos lucros que fez com estas transacções, as suas contas são inexplicáveis. De acordo com o funcionário, o senhor entenda.

— Estou a ver. E pode dizer-me o que mais ficou a saber?

— Isto não é suficiente? O que eu soube é que uma pessoa de finanças acredita que a morte do meu pai foi suspeita. Do que mais é que você precisa?

— Nada que me faça desejar ir mais fundo neste caso. — Disse isto antes de perceber que era a verdade. Agora, sentado diante de Balfour, bebendo o seu pobre vinho, dei-me conta do rumo que tomara. Eu certamente teria de saber mais sobre os negócios do meu próprio pai e para isso precisaria de falar com o meu tio. Depois de anos de fuga, este presunçoso Balfour seria o homem a mandar-me de volta para a família.

Afastando esta ideia da cabeça, pressionei Balfour: — Receio que precise de muito mais se devo descobrir qualquer coisa que o ajude a recuperar a sua propriedade. A sua mãe ainda está viva, não? Creio que a mencionou da última vez que falámos.

Balfour corou, embora inexplicavelmente.

— Calma, senhor! Faz perguntas irresponsáveis e impertinentes. O que a minha mãe tem a ver com o senhor?

— Suspeito que a sua mãe possa saber algo que pudéssemos usar. Realmente não percebo porque é que faz com que tudo pareça tão difícil. Deseja que o ajude, ou não?

— Certamente que desejo os seus... serviços. Foi por isso que o contratei. Mas isso não lhe dá licença para começar a fazer perguntas sobre a minha mãe, que ficaria muito horrorizada em saber que homens como o senhor sequer existem, quanto mais a falar dela. A minha mãe, senhor, nada sabe sobre estes assuntos. Não vale a pena falar com ela.

— O seu pai tinha outros parentes, um irmão talvez, ou um tio, com quem fizesse negócios?

Balfour continuou a suspirar de exasperação, mas respondeu à pergunta: — Não. Ninguém.

— E não pode pensar em mais nada que me seja útil? Algo que me ajudasse a descobrir por onde começar a minha investigação?

— Se pudesse lembrar-me de algo, não contaria ao senhor? Leva-me à loucura com as suas perguntas intermináveis.

— Muito bem, então. Só preciso de saber o nome do funcionário do seu pai e onde posso encontrá-lo.

O maxilar de Balfour desentesou. Sabia algo que se recusava a contar-me. Não, ele sabia muitas coisas que se recusava a contar-me. E suspeito que consegui ver através da fachada do seu orgulho familiar e detectei a sua cortina de disfarce. Mas ele não saía da defensiva. — Já lhe disse o que ele sabe — respondeu secamente. — Não precisa de falar com ele.

— Sr. Balfour, o senhor está a ser difícil. Onde posso encontrar esse funcionário?

— O senhor não pode encontrá-lo. Sabe, ele está empregue a serviço da minha mãe. E a minha mãe e eu, já que o senhor insiste em saber, não estamos nos melhores termos. Ela não gostaria que eu me intrometesse nos seus negócios.

— Mas certamente ela tem muito a ganhar com estas investigações.

— Não, ela não tem. A minha mãe recebeu a propriedade em usufruto. Ela não herdaria nada da riqueza do meu pai e a morte dele não a afectou em nada, excepto em livrá-la de um casamento que estava rompido em tudo, menos na lei. Ela e eu dávamo-nos mal há muito tempo, pois no caso das divergências entre eles, tomei o partido do meu pai. Agora, desejo fazer uma... reaproximação com ela e não pretendo antagonizá-la envolvendo-a nesta questão. Manobrei este funcionário de modo a que não conhecesse a natureza das minhas investigações. Não creio que o senhor pudesse fazer o mesmo.

— Eu asseguro-lhe que posso. Dê-me o nome, senhor. Em troca, prometo que não vou procurá-lo na casa da sua mãe.

Balfour torceu o rosto para lançar outro protesto, mas pensou melhor.

— Ora, muito bem. Chama-se Reginald d'Arblay e se tem realmente de falar com ele vai encontrá-lo, mais tarde ou mais cedo, no Café Jonathan's, em Exchange Alley. Ele deseja tornar-se num especulador por conta própria e por isso passa o seu tempo num café frequentado por especuladores... suponho eu na esperança de ter o prepúcio removido. Não vai ser tudo o que terá removido, eu deveria imaginar.

Sentei-me em silêncio por alguns momentos, absorvendo tudo aquilo.

— Muito bem, senhor. — Pus-me de pé e terminei o vinho num gole prolongado. — Vou fazê-lo saber quando tiver algo a comunicar.

— Não se esqueça do que lhe disse sobre procurar-me aqui — disse-me. — Tenho uma reputação a zelar, como sabe.

EU PODIA VER QUE A MÃE de Balfour não seria de nenhum uso para mim, mas perguntava-me por quanto tempo respeitaria o desejo de Balfour de que evitasse o funcionário do seu pai, d'Arblay. Não muito, mas eu não queria abordar este homem sem estar preparado. Era tempo, eu sabia, de fazer o que devia ter feito muitos anos antes, aquilo que eu desejava tanto quanto temia. Este caso deu-me a desculpa de que há muito precisava e o vinho que tinha bebido deu-me a coragem que me faltava. Assim, vi-me a caminhar rapidamente para Wapping, onde o meu tio Miguel tinha o seu armazém.

Vira o meu tio pela última vez no funeral do meu pai, quando eu me pusera, com uma dúzia de outros, a representar a família e membros do enclave de Dukes Place, olhando silenciosamente a sepultura aberta, o meu casaco oferecendo pouca protecção contra o inesperado frio, vento e chuviscos incessante. O tio Miguel, o único irmão do meu pai, pouco fizera para que eu me sentisse bem-vindo no meu regresso. Só registava a minha presença de vez em quando, erguendo o olhar do livro de orações sobre o qual se debruçava para mantê-lo seco, para lançar olhares suspeitos na minha direcção, como se eu fosse capaz, se tivesse a oportunidade, de roubar as carteiras dos presentes e desaparecer no nevoeiro. Não pude deixar de especular se o meu tio não estaria ressentido por eu não ter voltado para casa três anos antes, aquando da morte do seu filho, o meu primo Aaron. Naquela época eu ainda estava a actuar nas estradas e só soube da morte de Aaron muitos meses depois. Com toda a sinceridade, não tenho a certeza de que voltaria, ainda que soubesse da sua morte; Aaron e eu não nos estimávamos muito quando crianças, pois ele era do tipo fraco, tímido e dissimulado, e admito que eu não conseguia resistir ao impulso de o provocar. Ele sempre me odiara por eu ser um monstro e eu odiava-o por ser cobarde. Quando crescemos, reconheci que era tempo de administrar as minhas tendências mais brutas com maior cuidado e fiz um esforço para melhorar a nossa amizade, mas Aaron limitava-se a afastar-se

de mim quando eu falava com ele em particular ou zombava da minha falta de cultura quando falávamos em público. Quando soube que ele tinha sido mandado para o Oriente para se tornar um comerciante no Levante, fiquei feliz por me ver livre dele. Mas não pude deixar de sentir pena do meu tio, que perdeu o seu único filho quando um navio mercante emborcou numa tempestade e Aaron foi engolido pelo oceano para sempre.

Se o meu tio me tratou como um intruso inevitável no enterro do meu pai, devo confessar que pouco fiz para o convencer a ver-me sob outro prisma. Fiquei com raiva por ter de passar o meu tempo com estas pessoas; eu representava o meu pai porque ele tinha morrido, como se a sua morte me tivesse colocado num estado confortável. Não foi nenhuma surpresa para mim que o meu pai tivesse deixado a sua herança para o meu irmão mais velho, José, e não fiquei desapontado por ter sido assim. No entanto, vexava-me saber de que todos no funeral me supunham amargurado. Olhei nervoso à minha volta enquanto os presentes rezavam com devoção em hebraico e conversavam em português, línguas que eu fingia ter esquecido, embora ficasse alarmado ao ver o quanto tinha esquecido de verdade; estas línguas soavam muitas vezes como estrangeiras, tornadas familiares, mas não inteligíveis, por uma exposição frequente.

Agora, quando ia ver o meu tio, senti-me de novo como um intruso que deveria ser encarado com suspeita e apreensão. Todos os meus esforços para acalmar o espírito — as afirmações a mim mesmo de que ia visitar Miguel Lourenço em negócios e que, como iniciador deste intercâmbio, mantinha o poder de o terminar à vontade — não me deixaram esquecer do quão pouco eu ansiava por esta visita.

Há muitos anos que eu não ia ao armazém, desde quando era um jovem a levar recados para a família. Era um estabelecimento imenso, um depósito perto do rio, usado tanto para os vinhos portugueses que o meu tio importava como para os tecidos de lã que exportava. Ele também mantinha um comércio menos legal com cambraias francesas e outros têxteis, produtos que se tinham tornado vítimas dos embargos mútuos com os nossos inimigos do outro lado do canal da Mancha; pois sempre houve um grande abismo entre o ódio aos franceses, gerado pela política, e o desejo por artigos franceses, inspirado na moda. Deixem os jornais e os parlamentares denunciarem os perigos dos militares franceses; as senhoras e os cavalheiros ainda exigiam a vestimenta francesa.

Quando entrei no armazém do meu tio, fiquei impressionado pelo rico aroma da lã, que me fez sentir húmido e apertado no peito. Era um lugar com o pé-direito altíssimo, vivo com actividade, pois tive a má sorte de chegar quando um inspector da alfândega executava o seu trabalho. Operários musculosos carregavam caixas ou empilhavam-nas, abriam e fechavam-nas

a bel-prazer do inspector. Escriturários corriam para lá e para cá com livros na mão, tentando manter um registo do que era deslocado e para onde.

Fiquei tenso como um pugilista ao ver o meu tio na outra extremidade da sala, com uma barra de metal na mão, a abrir engradados para um bajulador gordo, disforme e bexiguento cuja renda dependia de encontrar transgressões e aceitar suborno dos transgressores. O olhar no seu rosto dizia-me que não havia encontrado nada. O meu tio sempre fora um homem cauteloso. Como o meu pai, acreditava que não levaria muito tempo para os judeus serem expulsos de Inglaterra, como o tinham sido de muitos países — na verdade como já tinham sido expulsos de Inglaterra há muito tempo atrás. Portanto, obedecia às leis quando podia e desobedecia cuidadosamente quando não podia. Era preciso um inspector fora do comum para localizar o seu contrabando.

Fiquei parado a observá-lo, admirando a sua pose e o respeito que impunha. No funeral do meu pai, o tio Miguel não parecia mais velho do que na minha memória. Os seus cabelos tinham começado a assumir uma cor salpicada, a barba cortada rente ficara quase que inteiramente grisalha e as rugas no rosto traíam os seus quase cinquenta anos, mas ainda havia juventude nos olhos e energia nos seus movimentos. Ele mal chegara a subir ao ringue, mas era um homem em forma, de músculos rijos e dava-se ao luxo de vestir roupas bem cortadas, que exibiam vantajosamente as suas formas. Fugia das modas francesas que importava clandestinamente, mas as suas roupas eram do mais fino tecido, imaculadamente limpas e de cores escuras, como para lembrar os estilos sóbrios do mundo dos negócios de Amesterdão, onde começara a vida.

Enquanto eu estava ali parado, um homem moreno de meia-idade abordou-me com certa cautela. Eu podia ver que era judeu, mas bem escañoado e vestido como um comerciante inglês, botas, calças e camisa de linho encorpado e um casaco protector, mas não decorativo. Não usava peruca e o seu cabelo verdadeiro, como o meu, estava puxado para trás como um chinó. Ao olhar para este homem, inglês em roupa e maneiras, mas de rosto judeu, pelo menos reconhecível como tal para os outros judeus, comecei a pensar se era assim que eu parecia aos ingleses à minha volta: vestido discretamente, adequadamente aseado e, apesar de tudo, bastante estranho.

— Posso ser de algum utilidade? — o homem perguntou-me com um sorriso experimentado. Parou e olhou-me de novo. — Céus! Quero morrer se não é Benjamin Lourenço.

Reconheci o homem como Joseph Delgado, um velho assistente do meu tio. Fora empregado no negócio do meu tio desde que eu era apenas um garoto.

— Não o reconheci no início, Joseph. — Fiquei parado, nervoso,

enquanto um longo momento de silêncio desconfortável passava entre nós. Havia muita coisa que ambos pensávamos, mas acho que separadamente concluímos que havia pouco a ser dito. Agarrei as suas mãos calorosamente. — Você está com bom aspecto.

— E você também. Estou feliz que tenha voltado para casa. Foi uma coisa terrível o que aconteceu ao seu pai, senhor. Uma coisa terrível.

— Sim. Obrigado.

Eu perguntava-me se ele pensava que eu me tinha reconciliado com a família desde o funeral. Parecia confuso, mas eu suspeitava que apenas se considerava excluído de assuntos particulares de família.

— O Sr. Lourenço estará livre em breve. O homem da alfândega cansou-se de tentar apanhar o seu tio numa infracção, por isso agora contenta-se em encenar uma inspecção, seguida, naturalmente, pela educada aceitação de um suborno.

— Mas por que precisa de ser subornado se não encontrou nenhuma violação?

Joseph sorriu.

— Existe tanto fingimento e artimanha no mundo do comércio como no mundo do boxe — disse-me, satisfeito por me ter honrado com uma referência ao pugilismo. — Caso não lhe oferecêssemos um sinal do nosso respeito, digamos, ele certamente inventaria uma infracção e isso seria muito mais complicado e caro para nós do que um simples suborno. Pois então precisaríamos de advogados, juizes, parlamentares, a câmara municipal e todo um outro tipo de entidades que se podem imaginar. É prudente pagá-lo. Deste modo ele torna-se nosso empregado em vez de nosso perseguidor.

Acenei com a cabeça e observei o meu tio dar uma pequena bolsa ao inspector. O inspector fez uma reverência e saiu com um ar contente no rosto. E tinha razão para estar contente. O meu tio, soube depois, dera-lhe vinte libras, mais do que ele receberia de qualquer comerciante nativo no ramo do meu tio, pelo menos nenhum que não tivesse sido apanhado com contrabando. O medo da perseguição tornava os judeus úteis para tais homens. Quando terminou com o inspector, o meu tio virou-se na minha direcção e reconheceu-me com o que interpretei como agradável surpresa, como se uma visita ao armazém fosse uma recreação à qual eu me entregava regularmente. Caminhei até ele, que apertou a minha mão calorosamente, como faria a um amigo com quem estivesse em termos regulares.

— Tio — disse simplesmente, pois gostaria que este encontro fosse só de negócios.

O meu tio não era um homem que se surpreendesse facilmente, por isso considereei uma espécie de conquista que arqueasse uma sobrancelha ao virar-se para mim.

— Benjamin — disse, acenando com a cabeça, rapidamente recuperando a compostura. Era mais um ar de satisfação, como se eu tivesse provado que ele estava certo ao vir à sua presença. Vi que ele desejaria medir-me, determinar o que eu fazia ali, antes de decidir como reagir à minha presença. Sorri brevemente, esperando deixá-lo à vontade, mas a sua expressão não mudou nada.

— Se o estou a perturbar num momento complicado, posso vir numa outra ocasião.

— Acho que nenhum momento é menos complicado do que outro para tal reunião — respondeu depois de um momento. — Vamos retirar-nos ao meu gabinete para que possamos conversar em particular.

O meu tio conduziu-me a uma confortável sala com uma impressionante escrivaninha de carvalho e umas poucas cadeiras de madeira dura, amaciadas com almofadas no assento. Havia uma estante alinhada não com poesia, ou obras sobre a antiguidade, ou livros religiosos, mas com livros de contabilidade, atlas, catálogos de preços e registos. Esta era a sala de onde o meu tio conduzia a maior parte dos seus negócios oficiais, negócios que o tinham servido bem desde que ele e meu pai chegaram ao país, havia uns trinta anos.

Depois de ordenar ao empregado que preparasse um chá, instalou-se na cadeira diante da sua mesa.

— Só posso presumir que não vieste por causa de um qualquer sentimento familiar, mas porque existe alguma crise que te traz aqui. Não importa, suponho. O teu pai uma vez disse-me que, caso voltasses por algum motivo, ele te ouviria e avaliaria as tuas palavras com cuidado e justiça.

Ficámos ambos em silêncio. O meu pai nunca me dissera tal coisa. Claro, eu nunca lhe dera uma oportunidade, e no entanto não soava como o pai de que me lembrava, o homem que sempre queria saber por que eu não era tão estudioso, dedicado ou esperto como o meu irmão José. Lembrei-me de que, uma vez, quando eu tinha onze anos, fugi de casa, tremendo de excitação, as minhas meias rasgadas e o rosto sujo de lama. Era um Domingo, dia de mercado para os judeus em Petticoat Lane, e o meu pai vagamente supervisionava enquanto os empregados recolhiam os bens que ele tinha comprado, pois o meu pai era um homem que desejava que cada empregado na casa soubesse que poderia, a qualquer momento, ser submetido a exame. Corri até à cozinha da casa que alugávamos em Cree Church Lane e quase colidi com o meu pai, que interrompeu o meu avanço colocando uma das mãos em cada ombro meu. Não foi um gesto gentil; ele fuzilou-me do alto com o seu olhar mais duro. Parecia algo cómico, eu começava a perceber, por detrás da sua peruca absurdamente grande, alva como lã de carneiro, toda armada, que só enfatizava o excesso de barba negra que começava a brotar

apenas três horas depois de se ter escanhoado no seu barbeiro.

— O que te aconteceu? — perguntou.

Ocorreu-me, com certa dose de indignação, que como eu parecia um tanto agitado, ele poderia perguntar se estava magoado ou não, mas o orgulho reprimia a indignação enquanto eu me lembrava da vitória ainda fresca na minha memória.

Eu vagueara de barraca em barraca na feira cheia de gente, pois o Domingo era o dia mais movimentado para a comunidade judaica e os melhores comerciantes vinham vender as suas comidas e as suas roupas e todo o tipo de artigos. O ar estava carregado dos cheiros de carnes assadas e empadões acabados de cozer e do fedor de Londres que derivava para leste, para a nossa vizinhança. Eu não tinha necessidade particular no mercado, apenas alguns pences no bolso e, além do mais, uma mão rápida, e só buscava a oportunidade de gastar a minha moeda e agarrar algo saboroso e desaparecer na multidão.

Estava de olho num monte de feijõezinhos que estavam muito fundo na barraca para que eu os pudesse apanhar, e ainda não tinha decidido se pareciam suficientemente deliciosos para que entregasse as minhas preciosas moedas. Tinha resolvido comprar uma dúzia dos doces quando ouvi o grito estridente da rapaziada a forçar o caminho através da multidão. Eu tinha visto aquele tipo de garotos antes, pequenos bandidos que gostavam de hostilizar judeus porque sabiam que os judeus não ousavam reagir. Não era um bando muito mau, miúdos de talvez treze anos, aparentemente filhos de lojistas ou negociantes. Não tinham prazer em torturar as suas vítimas, só em criar confusão e evitar punição. Saíram disparados através da multidão, empurrando um homem aqui, derrubando uma banca de artigos ali. Tais desenvolturas enchiam-me de raiva. Não por causa da maldade em si — pois eu fora culpado do mesmo tipo de coisas e fizera ainda pior nos meus tempos —, mas porque ninguém ousava dar àqueles bastardos o chicote que mereciam e porque, embora eu não soubesse expressar esta ideia à época, eles faziam-me querer ser um inglês e não mais um judeu.

Vieram na minha direção e eu enfrentei-os, esperando atrair a sua atenção mesmo quando toda a gente ao meu redor continuava as suas compras, tentando fazer os garotos desaparecerem, ignorando-os. Eles aproximaram-se de mim, gritando e rindo, agarrando doces das barracas e desafiando as pessoas a parar a sua marcha. Estavam a apenas uns cinco metros quando, afastando-se de uma barraca onde tinha derrubado uma amostra de castiçais de estanho, o mais alto dos garotos esbofeteou com força a Sra. Cantas, uma vizinha e mãe de um amigo meu. Esta senhora, uma mulher entroncada no final da meia-idade, os braços carregados de repolhos e cenouras, caiu ao chão, os seus legumes espalhando-se como dados. O rapazola de cabelos claros que bateu nela virou-se, já no meio de uma gargalhada, mas refeou-

se, talvez envergonhado ao ver o espectáculo diante de si. Podia ser um tipo arruaceiro, mas ainda não tinha alcançado o estágio de malícia em que podia atacar mulheres e não sentir quaisquer remorsos. Parou por um instante, uma espécie de arrependimento tomando conta do rosto que, embora manchado de porcarias, ainda revelava uma cor básica de brancura láctea.

Podia ter-se desculpado. Podia até ter pedido aos seus companheiros para ajudarem a juntar os artigos espalhados, mas a Sra. Cantas, o rosto vermelho de raiva, vomitou alguns dos mais insultuosos epítetos que já ouvi escapar da boca de uma mulher, exceptuando as mais calejadas raparigas da vida. Ela despejava aqueles insultos no nosso dialecto português, de modo que o garoto e os companheiros simplesmente olhavam, sem saber como responder, enquanto a sua vítima berrava o que para eles era uma algaravia incompreensível. Eu, da minha parte, silenciosamente elogiava a Sra. Cantas por ter tido pelo menos a coragem de fazer o seu discurso, ainda que numa língua que aqueles rapazes não podiam entender. E o seu discurso era dos mais coloridos e acompanhei apenas com vaga diversão até que ela chamou o garoto de “filho da puta de uma vadia sifilítica pernetta, patife fedorento que precisas de bater em mulheres porque a tua pila não circuncidada pode ser confundida com as partes enrugadas de uma macaca”.

Quase sem querer, explodi numa gargalhada e vi que não fui o único. À minha volta, homens e mulheres também estavam a rir, perplexos e divertidos diante da hipérbole de raiva desta senhora. O rosto lácteo do rapaz de cabelos claros tinha-se tornado roxo de raiva e humilhação, pois via-se ridicularizado por uma multidão de judeus por um insulto que nem sequer entendera.

— Quero que vá para aquele lugar, sua cadela — gritou para a Sra. Cantas, na voz trémula de um rapazito agitado que deseja ser tomado por um homem. — E cuspo na sua praga cigana.

E, de facto, cuspiu sobre ela, atingindo-a directamente no rosto.

Fiquei com vergonha de que ninguém, excepto eu, se tivesse mexido para dar àquele garoto a sova que ele merecia, mas a multidão apenas olhou chocada e a Sra. Cantas, que se tinha fortalecido com os seus insultos, agora parecia-me à beira das lágrimas. Da minha parte, eu fora criado para mostrar uma deferência muito maior com as mulheres e, por qualquer razão, esta lição foi uma das que guardei no coração enquanto muitas outras tinham recebido apenas o meu desprezo, talvez porque a minha própria mãe tivesse morrido quando eu era apenas um bebé, e por isso as mães dos outros tinham um lugar especial no meu coração.

Não posso sequer explicar o meu raciocínio, apenas descrever as minhas acções: ataquei este garoto. Foi um golpe desajeitado, pobremente planejado. A minha mão fechou-se num punho. Ergui-o acima da cabeça e bati para baixo, atingindo o seu rosto como se com um martelo. O rapaz foi

ao chão, só por um instante, e então levantou-se e fugiu a correr, os amigos seguindo-o de perto.

Esprei que a multidão me aclamasse, que a Sra. Cantas me proclamasse seu salvador, mas só vi que tinha causado embaraço e confusão. As minhas acções não tinham sido aquelas de um protector, mas de um desordeiro. A Sra. Cantas nervosamente pôs-se de pé, mas evitou o meu olhar. Ao meu redor, eu confrontava as costas daqueles que tinha conhecido a vida toda, lojistas esgueiravam-se de volta para as suas barracas, os seus fregueses afastavam-se apressadamente. Todos tentavam esquecer-se do que tinham visto e esperavam que o seu esquecimento fizesse os outros esquecerem-se também e que a minha violência não nos trouxesse uma Inquisição aqui em Inglaterra.

Eu não queria ver a minha alegria tão facilmente sabotada, porém. Corri para casa, esperando que alguém lá ouvisse a história e me elogiasse como eu achava que merecia. Como o meu pai foi a primeira pessoa que vi, foi ele o primeiro a ouvir o meu relato, embora a versão que lhe dei mostrasse uma certa falta de imaginação narrativa.

— Fui ao mercado — expliquei numa voz ofegante — e um garoto muito mau cuspiu na Sra. Cantas. Por isso bati nele — proclamei. Afastei-me do alcance do meu pai e atirei o punho ao ar como forma de ilustração. — Eu derrubei-o com um só golpe!

O meu pai bateu-me com força no rosto.

Ele não tinha o hábito de me bater e admito plenamente que eu era o tipo de filho que requeria uma tarefa de tempos em tempos. Esta foi a pior que ele me deu, na verdade foi, na ocasião, o golpe mais duro que já levei; bateu-me com as costas da mão, dobrada quase num punho, visando, eu achava, atingir o osso com o anel volumoso que usava no dedo anular. O golpe veio inesperadamente, chicoteando como uma serpente, e a sua força reverberou através da minha mandíbula, descendo à espinha, até que os membros se sentiram leves e ardentes.

Suponho que ele estava assustado; o meu pai receava confusão e detestava qualquer coisa que pudesse chamar a atenção sobre a nossa comunidade em Dukes Place. Às vezes, na esperança de fazer de mim mais do que um homem, ou mais do que o seu tipo de homem, convidava-me a juntar-me a ele e aos seus convidados para a sua garrafa após o jantar; lá ele falava sempre de permanecer invisível, evitar problemas, não enraivecera ninguém. Este golpe que me deu, eu sabia o que representava. O meu pai via tudo em esquemas, as coisas como que entrelaçadas, um acto sempre gerava centenas de outros. Ele temia que eu criasse o hábito de bater em meninos cristãos. Receava que a minha irreflexão trouxesse a praga do ódio sobre os judeus. Temia um impulso que começasse com a minha violência contra aquele rapaz, um impulso que levaria à perseguição, à tormenta e à destruição.

A sua expressão não mudou de maneira nenhuma. Ficou parado, as feições retorcidas numa máscara de inquietação e medo e talvez desapontamento de que eu não tivesse ido ao chão. Os seus olhos fixaram-se desconfiados no vergão vermelho que tinha deixado no meu rosto, como se eu tivesse de algum modo falsificado a prova da sua violência.

— Isto é o que é ser golpeado — disse. — É uma sensação que seria melhor aprenderes a evitar.

O meu orgulho tinha fugido, mas a minha indignação persistia e lembro-me de ter pensado: Não é assim tão terrível.

Foi um momento que, acho, antecipou a minha carreira no ringue, pois era de facto mais do que simplesmente não tão terrível, havia um estranho prazer naquilo. Era o prazer da resistência, de saber que eu fora capaz de absorver a dor sem cair, sem vacilar, sem chorar. Era o prazer de saber que podia suportar outro golpe e ainda outro depois daquele, talvez tantos golpes que deixassem o meu pai cansado demais para voltar a bater. Foi naquele dia que comecei a pensar no meu pai como um fraco.

Mas o meu tio era um tipo diferente de homem, o seu negócio de contrabando tinha-lhe ensinado mais subtileza do que o meu pai jamais chegara a alcançar. Ele tinha aconselhado paciência ao meu pai; sempre argumentava que eu acharia o meu próprio caminho, que não deveria exigir que eu fosse igual ao meu irmão. Sentado no armazém do meu tio, ocorreu-me que eu lhe devia algo pela compreensão que sempre advogara em meu favor, ainda que o poço da compreensão agora tivesse secado.

Parecia um quarto de hora desde que estávamos sentados ali, sem dizer nada, mas suponho que o tempo foi de apenas alguns segundos. Finalmente, o meu tio falou, suavizando o seu tom, esperando talvez poupar o meu embaraço.

— Precisas de algum dinheiro?

— Não, tio.

Eu estava ansioso para demovê-lo da ideia de que tivesse vindo para mendigar. — Estou aqui, de certa forma, a serviço da família. O senhor disse-me certa vez que acreditava que o meu pai tinha sido assassinado. Quero saber por que pensa assim.

Agora eu detinha a sua atenção. Não se contorcia mais, tentando determinar para si mesmo por que viera eu procurá-lo com aquela pergunta.

— Soubeste de alguma coisa, Benjamin?

— Não, nada disso. — Passando por cima de detalhes supérfluos, contei-lhe acerca de Balfour e das suas suspeitas.

Sacudiu a cabeça. — O teu tio conta-te que o teu pai foi assassinado e tu ignoras. Um completo estranho conta-te a mesma coisa e agora já acreditas? — Na sua agitação, o sotaque português do meu tio ficava mais pronunciado.

— Por favor, tio. Vim à procura de informação. Para descobrir se o meu pai foi assassinado. A razão interessa para alguma coisa?

— Claro que interessa. Esta é a tua família. Não te vejo desde o enterro do Samuel, e isso sem contar com os dez anos anteriores.

Suspirei e comecei a falar, mas o meu tio viu que fiquei impaciente e ansioso e censurou-se a si mesmo.

— Mas — disse — aquilo é o passado e isto é o presente. E se desejas algo bom para a tua família, isso é o que importa. Sim, sim, Benjamin, suspeito que o teu pai tenha sido assassinado. Disse isso às autoridades, inclusive ao magistrado. Também escrevi muitas cartas, para homens que conheço no Parlamento, homens que me devem dinheiro, deveria acrescentar. Todos dizem o mesmo, que o homem que matou o teu pai é um infeliz, mas não existe nenhuma lei para punir uma morte accidental, ainda que possamos provar que o acidente foi devido ao desleixo ou à embriaguez. A morte de Samuel não passa de um infeliz acidente para eles. E eu, por pensar diferente, sou o judeu emocional.

— O que o leva a acreditar que ele foi assassinado?

— Não estou certo de que tenha sido assassinado, mas é algo de que suspeito. Samuel era um homem que fazia muitos inimigos simplesmente por causa do seu negócio. Ele comprava e vendia acções e muitas pessoas perderam dinheiro com ele e muitas ganharam. Não preciso dizer-te o quanto os ingleses detestam os especuladores. Dependem deles para fazer o seu dinheiro, mas odeiam-nos. Seria apenas uma coincidência alguém tê-lo atropelado na rua? E que Balfour, com quem fazia negócios, morresse como morreu? Talvez, mas eu gostaria de ter a certeza.

Hesitei antes de fazer a minha pergunta seguinte. — O que diz José em relação a isto?

— Se queres saber o que o teu irmão tem a dizer — replicou o meu tio mordazmente —, talvez devesse escrever-lhe. Sabes que ele veio a Londres pouco depois do funeral de Samuel... largou tudo e embarcou para Inglaterra assim que soube. Sabias que ele faria isso e nem tentaste procurá-lo.

— Tio — comecei. Eu desejava dizer que José também não me tinha procurado, mas as palavras pareciam infantis para mim e também falsas, pois eu fizera questão de não ficar em casa enquanto ele estivesse na cidade, de modo a que se me procurasse eu o pudesse evitar.

— Por que é que te escondes da tua família, Benjamin? O que aconteceu entre ti e o Samuel já fez muito tempo. Ele ter-te-ia perdoado se lhe tivesses dado uma oportunidade.

Eu não acreditava naquilo, mas não disse nada.

— Esta distância que guardas não faz sentido, ela não vem de lugar algum. Agora que o teu pai está morto, nunca mais vais poder reconciliar-te

com ele, mas não é tarde demais para te reconciliares com a tua família e o teu povo.

Pensei sobre isto por algum tempo, não sei quanto tempo. Talvez o meu pai tivesse mudado desde que o vira pela última vez. Talvez o tirano frio de que eu me lembrava fosse tanto um produto da minha fantasia quanto da minha experiência. Eu podia não dizer, mas as palavras do meu tio tocaram-me; elas faziam-me sentir como um desgraçado irresponsável que trouxera infelicidade à família. Todos aqueles anos eu sempre pensara em mim mesmo como aquele que sofria. Escolhi separar-me da riqueza e da influência. Agora começava a entender como o meu tio via o exílio a que eu mesmo me impusera, para ele a minha ausência tinha sido insensata e egoísta e havia ferido a minha família mais do que me ferira a mim.

— Estás muito mais velho agora, não é? Talvez te arrependas de algumas coisas que fizeste na juventude. Agora tornaste-te num homem respeitável. Até me lembras um pouco o meu filho Aaron.

Eu não disse nada, pois não desejava nem insultar o meu tio nem falar mal dos mortos, mas esperava sinceramente que não me parecesse em nada com o meu primo Aaron.

— Vou precisar do nome do cocheiro que atropelou o meu pai — disse, voltando o discurso para os negócios. — E gostaria de saber se havia alguém em particular que o senhor achasse ser inimigo do meu pai. Talvez alguém que o houvesse ameaçado. Pode fazer isso para mim?

— Farei, Benjamin. Em parte, vou fazê-lo por ti.

— Existe algo mais que tenha chamado a sua atenção como importante? Qualquer ligação que possa ver entre a morte do meu pai e a de Balfour? O filho de Balfour acredita que existe uma ligação com as transacções de Exchange Alley, e estas questões financeiras estão muito além do meu entendimento.

O tio Miguel olhou à volta. — Este não é o local para discutirmos questões de família. Não é o lugar para falarmos dos mortos e não é o lugar para organizarmos as questões de uma natureza tão particular. Vem a minha casa esta noite para o jantar. Vem às cinco e meia. Vais jantar com a tua família e depois conversaremos.

— Tio, talvez esta não seja a melhor maneira.

Ele inclinou-se à frente. — É a única maneira — disse. — Se queres a minha ajuda, tens de vir e jantar connosco.

— O senhor arriscaria deixar o assassino do seu irmão escapar se eu me recusasse?

— Não há nenhum risco — disse. — Eu disse-te o que precisavas de saber e tu vais fazê-lo. Protestos só desperdiçam o nosso tempo. Espero verte às cinco e meia.

Deixei o armazém espantado com o que tinha acontecido. Eu ia jantar

com a família e antecipava aquela noite com uma considerável quantidade de temor.



CHEGUEI QUASE PONTUALMENTE à casa do meu tio em Broad Court, na paróquia de St. James, Dukes Place. No ano de 1719, não era permitido a judeus estrangeiros possuírem propriedades em Londres, por isso o meu tio alugou uma casa agradável no coração do bairro judaico, a uma pequena distância da sinagoga Bevis Marks. A sua casa tinha três andares; não posso lembrar-me de quantos quartos, mas era bem proporcionada para um homem que vivia com uma esposa e um único dependente e pouco mais de um punhado de empregados. Mesmo assim, o meu tio trabalhava frequentemente em casa, como o meu pai fazia, e adorava receber convidados.

Ao contrário de muito judeus que se instalaram em Dukes Place e depois saíram quando fizeram fortuna, mudando-se para os bairros mais elegantes do lado oeste, o meu tio decidiu ficar ali para partilhar a sorte dos membros mais pobres da sua nação. É verdade que as partes do leste da cidade não são das mais agradáveis, pois os ventos predominantes de Londres sopram o fedor de uma metrópole nauseabunda bem na nossa porta, mas apesar do mau cheiro e da pobreza e isolamento de Dukes Place, o meu tio não pensava em mudar-se.

— Sou um judeu português nascido em Amesterdão e radicado em Londres — dissera-me o tio Miguel quando eu era apenas uma rapaz. — Não desejo mudar-me de novo.

Ao aproximar-me da porta, ocorreu-me que aquela era a noite de sexta-feira, o início do Sabbath judaico e que o meu tio me tinha atraído para uma ceia de Sabbath. Memórias da infância bombardearam-me: o odor quente de pão de ovo acabado de assar, o rumor da conversação. As refeições do Sab-

bath eram sempre realizadas na casa do meu tio e da minha tia, pois era por tradição uma ocasião familiar, e onde eu morava era mais uma casa do que uma família. Todas as sextas-feiras antes do pôr-do-sol, caminhávamos da nossa casa em Cree Church Lane para a casa do meu tio, onde dividiríamos as preces e a comida com a sua família e os amigos que tivesse convidado. O meu tio sempre falava comigo e com o meu irmão como se fôssemos adultos, um hábito que eu achava ao mesmo tempo confuso e gratificante. A minha tia oferecia-nos doces ou bolinhos antes do jantar. Estas refeições eram um dos poucos rituais da minha infância que eu lembrava com algum carinho e agora sentia uma leve raiva do meu tio por me expor a estas lembranças uma vez mais.

Mesmo depois de ter batido à porta, pensei em fugir, abandonar os meus planos e a minha investigação, o Sr. Balfour e a ideia de que o meu pai tivesse sido assassinado. Que ele continue morto, quase sussurrei em voz alta, mas, apesar do impulso de fuga, fiquei parado.

Isaac, um baixinho rabugento e encurvado que era criado do meu tio desde a minha infância, recebeu-me à porta. Próximo, eu supunha, dos sessenta ou mais, parecia gozar de saúde e de tanto humor quanto era capaz. — Tivesse o senhor chegado uns momentos mais tarde — comentou à maneira de saudação, embora não me visse há uma década — e o Sr. Lourenço teria ele mesmo de abrir a porta.

Isaac sempre fora particularmente sério em questões de religião e recusava-se a trabalhar no Sabbath, conforme dita a lei judaica. Como o meu tio se recusava também, mal podia ressentir-se da mesma obediência à lei por parte de um empregado.

Esta casa trouxe-me um fluxo de memórias antigas, pois eu passara horas incontáveis ali quando criança. A maioria da mobília era tal qual eu me lembrava: os azuis e vermelhos do tapete persa, os ornados entalhes em madeira da escadaria, os austeros retratos dos meus avós na parede. Mais do que a aparência, os odores evocavam os Sabbaths da minha infância: carnes ensopadas e passas de uvas fervidas e os doces aromas de canela e gengibre.

Na sala de estar fui cumprimentado pelo meu tio, que estava sentado sozinho com um jornal. Parecia ser uma das publicações que se especializavam nas movimentações de questões governamentais e em acções da Exchange Alley. Quando entrei, ele pôs o jornal de lado.

— Benjamin — disse, ao levantar-se da cadeira — , estou tão contente que tenhas vindo. Sim, é uma coisa muito boa ter-te aqui.

— O senhor enganou-me, tio — disse. — Não disse que estava a convidar-me para uma ceia de Sabbath.

— Eu enganei-te? — Sorriu. — Escondi de ti o dia da semana? Atribuíste-me mais astúcia do que possuo, embora ficasse contente por ser tão esperto

como dizes.

A minha réplica foi interrompida pela entrada da minha tia, seguida por uma bela mulher de talvez vinte e um ou vinte e dois anos. A tia Sofia era uma senhora atraente, um pouco inclinada à gordura e meio tonta à sua maneira. As suas interações sociais eram quase que exclusivamente com outros imigrantes judeus e nunca aprendeu a falar inglês muito bem. Como o meu tio, usava roupas que falavam do seu tempo entre os holandeses. O vestido era de lã fina preta, alto no pescoço e longo nas mangas e os cabelos estavam empilhados, apontando para um pequeno toucado no topo, lembrando-me as mulheres nas pinturas holandesas do século passado.

Apertou-me os ombros com os seus braços e fez-me perguntas num inglês claudicante, que respondi num português igualmente claudicante. Surpreendi-me com a felicidade que senti em vê-la. Era uma mulher bondosa e olhava para mim sem nenhum julgamento, vi apenas o seu prazer em receber-me na sua casa. Era, de facto, exactamente como eu a lembrava.

— E esta — o meu tio disse finalmente, colocando o seu braço em volta da bela mulher — é a tua prima Miriam.

O termo prima era algo formal, eu sabia, pois Miriam era a viúva do meu falecido primo Aaron. Pouco sabia do seu casamento, pois Aaron havia-a desposado depois que eu saíra de casa, quando voltou da sua primeira viagem ao Levante, mas Londres não é tão grande que a gente não ouça histórias. Ela tinha sido protegida do meu tio, pois os seus pais morreram antes que fizesse quinze anos, deixando-lhe uma bela fortuna. Casou-se com Aaron aos dezassete e ficou viúva aos dezanove. Agora, ainda na flor da juventude, e presumivelmente dona de uma fortuna, permanecia na casa do sogro.

Miriam tinha a aparência de uma judia: pele cor de oliva, cabelos negros que deixava cair em pequenos círculos como uma elegante dama londrina e olhos de um verde rico. O seu vestido, também, uma saia verde-mar com padrões amarelos, traduzia uma atenção particular aos estilos da cidade. Não pude evitar ver nesta mulher, que vinha completa com a sua própria fortuna, como de certa forma uma prisioneira na casa do meu tio, esperando apenas um salvador. Embora não tivesse nenhuma fortuna própria, eu suspeitava que a dela seria suficiente para nós os dois e quase ri ao imaginar que eu, um judeu, gostaria de fazer o papel de Lorenzo para a sua Jessica.

Fiz uma reverência funda. — Prima — disse, sentindo-me sofisticado e audaz. Eu era o primo obstinado que voltara e esperava que ela me achasse fascinante.

— Ouvi falar muito de si — disse, com um sorriso que mostrou dentes brancos e sadios.

— A senhora honra-me, madame.

— Estamos em Inglaterra, não em França, Benjamin — disse o meu

tio. — Podes omitir as formalidades.

Que eu não tivesse uma resposta esperta foi providencialmente oculto por uma pancada na porta.

— O sol — disse o meu tio — já se pôs há um bom tempo para que Isaac atenda à porta.

Ele e a minha tia adiantaram-se para receber os visitantes.

— Esperamos outros? — perguntei a Miriam, satisfeito com esta oportunidade de conversação tão cedo.

— Sim — disse ela com uma careta que por um momento julguei dirigida a mim. Circulou em volta do sofá em que eu estava sentado e graciosamente sentou-se numa poltrona bem macia à minha frente. — Conhece Nathan Adelman?

O seu desprazer, percebi, dirigia-se a outro.

Acenei com a cabeça. — Ouvi falar dele, com certeza. Um notável convidado para o jantar. — Adelman viera a Inglaterra vindo de Hamburgo para se juntar à corte do rei Jorge cinco anos antes, em 1714. Ele, como o meu pai o fora, fazia parte de um punhado de judeus com permissão para usar o título de corretor licenciado junto ao Exchange; era também um poderoso comerciante ligado às índias Orientais e Ocidentais, o Levante e, sub-repticiamente, com a Companhia do Mar do Sul e até o próprio Whitehall. Corriam rumores de que era o conselheiro extra-oficial do príncipe de Gales para questões financeiras. Nada mais sabia dele, mas o desprazer tão evidente no rosto de Miriam sugeria que ela não tinha nenhuma satisfação na sua companhia.

Quando ele entrou na sala, a situação desdobrou-se. Ofereceu um sorriso otimista, quase exuberante, para Miriam, que era trinta anos mais jovem. Adelman parecia apenas ligeiramente mais jovem do que o meu tio: era um homem baixo e roliço, elegantemente vestido, bem barbeado, ostentando uma peruca negra curta e cheia, e mostrava ao mundo a aparência de um cavalheiro tão inglês quanto qualquer outro num respeitável café de Londres. Apenas a sua voz o traía. Como o meu tio, tinha claramente feito um esforço para eliminar muito do seu sotaque, embora, no seu caso, ter um toque de alemão oferecesse talvez alguma vantagem numa corte com um rei alemão. Sabia-se bem que a prioridade do rei Jorge era para com o seu principado germânico, Hanover, e a prioridade de Adelman era para com o filho do rei Jorge.

Esta dedicação ao príncipe deixava Adelman numa situação embaraçosa, pois na ocasião o príncipe e o rei estavam em disputa e Adelman portanto perdera o ouvido do rei, que, dizem, teria possuído no passado.

Miriam ofereceu-lhe um aceno de cabeça descontente, enquanto eu me levantei e fiz uma reverência após a apresentação. Quando me sentei de novo, percebi que não era preciso um homem treinado em descobrir

segredos para ler as relações diante de mim. Adelman queria casar-se com Miriam e esta não tinha desejo nenhum de se casar com Adelman. Eu nem sequer podia aventurar uma adivinhação sobre como o meu tio se sentia em relação a esta corte.

Depois de alguns momentos de conversação educada sobre o tempo e a situação política em França, uma pancada na porta trouxe o nosso último convidado do jantar. O meu tio desapareceu brevemente e então voltou, uma mão apertada de modo amistoso às costas de Noah Sarmento, um funcionário que trabalhava dentro do armazém do meu tio. Era um homem muito jovem com uma fisionomia polida, mas severa. Estava bem escanhoado, usava uma peruca pequena e justa e, embora as suas roupas não fossem de qualidade pobre, exibiam indefiníveis cinzas e castanhos e um corte igualmente neutro.

— Certamente você conhece o Sr. Adelman — começou o meu tio.

Sarmento fez uma cortesia. — Já tive o prazer muitas vezes — disse com uma animação que não combinava com as suas feições —, embora não tantas quanto desejasse.

O sorriso de Sarmento permaneceu tão naturalmente no seu rosto como o uniforme de um almirante num macaco. Esta imagem é talvez falsa, porém, pois comparar Sarmento a um macaco seria sugerir que havia algo de divertido e travesso nele. Nada podia ser mais falso. Era um dos homens mais melancólicos que tinha conhecido e, embora eu soubesse que muitos filósofos tinham argumentos contra a ciência da fisionomia, aqui estava um homem cujo carácter podia ser lido na forma contraída e desagradável do seu rosto.

Adelman retribuiu uma reverência curta enquanto o meu tio me apresentava de modo a evitar a menção do meu nome assumido.

— Este é o meu sobrinho Benjamin, filho do meu falecido irmão.

Sarmento acenou brevemente a cabeça antes de desfazer o contacto comigo.

— Sra. Lourenço — disse, curvando-se na sua direcção. — É um prazer vê-la uma vez mais.

Miriam acenou com a cabeça, semicerrou os olhos e desviou o olhar.

— Diga-me — Sarmento começou a falar com Adelman —, quais são as novas na Casa do Mar do Sul? Os cafés estão agitados para saber o que vai acontecer a seguir.

Adelman sorriu polidamente. — Vamos, senhor. Sabe perfeitamente que a minha relação com a Companhia Mar do Sul é puramente informal.

— Oh! — Sarmento deu uma palmada na sua própria coxa. Não sei se o fez por prazer ou para se incitar. — Ouvi dizer que a Companhia não dá um passo sem o consultar.

— O senhor faz-me muita honra — assegurou-lhe Adelman.

Só apreciei este discurso porque Miriam e eu trocámos breves olhares

para expressar o nosso desinteresse mútuo. Dirigimo-nos então à sala de jantar, onde continuei a achar a conversa inoportuna e claudicante. O meu tio pressionou-me várias vezes para eu dizer as orações tradicionalmente feitas no jantar do Sabbath, mas fingi esquecimento daquilo que me havia sido tão arraigado quando criança. Na verdade, sentia uma estranha inclinação para participar, mas estava inseguro de que as preces de que me lembrava fossem as correctas e não queria errar diante de minha prima. Não cheguei a dizer isto, mas sugeri que encarava bênçãos pela comida como uma espécie de superstição. Quando o meu tio disse estas orações, porém, senti uma certa emoção, a memória, ou a perda, talvez, e experimentei um estranho prazer no som das palavras hebraicas. Não havia preces em minha casa na minha infância; o meu pai mandou-me a mim e ao meu irmão estudar as leis do nosso povo na escola judaica porque era o que os homens faziam, e frequentávamos a sinagoga apenas porque o meu pai achava isso mais fácil do que explicar por que é que não a frequentávamos.

Olhei em torno da sala para ver como os outros reagiam às bênçãos. Achei estranho que Sarmiento, que antes demonstrara uma clara admiração por Miriam, mal podia permitir que o seu olhar se desviasse de Adelman.

— Diga-me, Sr. Adelman — começou Sarmiento assim que o meu tio terminou as orações —, acha que as recentes ameaças de uma rebelião jacobita afectarão a venda dos bónus do governo?

— Estou seguro de que nada tenho a dizer que não tenha sido dito pelos cafés — contestou Adelman. — As convulsões sempre promovem a flutuação nos preços dos fundos. Mas, sem tal flutuação, não poderia existir o mercado, por isso os jacobitas fazem-nos um pequeno favor, suponho. Mas isto, como lhe disse, não passa de senso comum.

— Não poderia existir nada de comum nas suas opiniões — prosseguiu Sarmiento. — Gostaria muito de as ouvir.

— Com certeza, acredito em si — disse Adelman com uma gargalhada — mas não sei se os nossos amigos que não passam o tempo em Exchange Alley estariam tão curiosos como o senhor. — Virou a cabeça para Miriam.

— Talvez eu pudesse então marcar um encontro com o senhor para outra ocasião.

— Pode chamar-me a qualquer hora — respondeu Adelman, embora com tão pouco calor que teria desencorajado qualquer um, excepto os mais obstinados bajuladores. — Posso ser encontrado com frequência no Café Jonathan's e poderá sempre mandar uma mensagem para lá sabendo que irei recebê-la.

— Se não podemos falar dos fundos, vamos então falar dos divertimentos da cidade! — gritou Sarmiento com uma voz alta que, suponho, significava entusiasmo. — Que me diz, Sra. Lourenço?

— Creio que o meu primo poderia falar mais sobre esse tópico — disse Miriam com calma, cuidadosamente evitando o meu olhar. — Ouvi dizer que ele sabe tudo sobre as diversões de Londres.

Eu não sabia como acolher o seu comentário, mas não pude detectar nenhum insulto. Só tinha a certeza de que Sarmento fizera uma pergunta a Miriam e ela tinha-a passado para mim. Aceitei o desafio, sentindo que agora tinha a oportunidade de a impressionar. Falei somente do que ouvira sobre a nova temporada teatral e dei a minha opinião a respeito de uma variedade de intérpretes e espectáculos do ano anterior. Sarmento aproveitou para se agarrar a cada um dos meus temas, usando-os para lançar algum discurso próprio sobre ideias a respeito de interpretação, ou peças e coisas parecidas. Aquele janota jamais ousaria insultar-me em público, mas aqui, na mesa de jantar do meu tio, não fazia nenhum esforço para esconder o seu desprezo por mim; eu dificilmente poderia embaraçar o meu tio desafiando o seu cachorrinho. Em vez disso, fingi não perceber os seus olhares e gestos e silenciosamente desejei ter uma oportunidade de o encontrar em algum outro lugar.

Era uma tradição na casa do meu tio que, com os empregados dispensados, as senhoras residentes servissem a refeição no Sabbath. Assim foi e, para meu deleite, observei que Miriam parecia particularmente evitar Sarmento e Adelman, deixando aqueles cavalheiros para a tia Sofia, e procurando-me quando servia as suas tigelas de sopa ou pratos de cordeiro aromatizado com cardamomo. Eu ansiava por cada novo prato, para que pudesse aquecer-me com a sua proximidade: o farfalhar das suas saias, o odor do seu perfume de limão e todas as visões sugestivas dos seus seios quanto o corpete oferecia. De facto, na terceira e última vez em que me serviu, ela sentiu os meus olhos a entregarem-se a tais prazeres e prendeu o meu olhar com o seu. Num instante eu enrijeci, pois as damas de Londres só conheciam duas reacções a um olhar como o meu, e eu não sabia se receberia a dura careta do castigo ou o igualmente desapontante riso lascivo. Não posso descrever adequadamente o meu prazer confuso quando Miriam se recusou a seguir qualquer destes dois caminhos e só me ofereceu um sorriso de divertida cumplicidade, como se a alegria que eu sentia na sua proximidade fosse um segredo que nós os dois partilhávamos.

Depois da refeição, no melhor costume inglês, os quatro cavalheiros retiraram-se para uma sala privada com uma garrafa de vinho. Adelman, em várias ocasiões, tentou discutir questões de negócios com o meu tio, que deixou claro que não falaria naquelas coisas no Sabbath. Sarmento dirigiu novamente a conversa para os rumores de outra rebelião jacobita aqui em Inglaterra. O tópico dos seguidores do rei deposto era do interesse do meu tio e ele tinha muito a dizer. Ouvi com atenção, mas envergonho-me de admitir que não acompanho a política de perto e muitos pontos escaparam-me

completamente.

Adelman, cujos interesses eram tão claramente vinculados ao sucesso da actual dinastia, descartou os jacobitas como uma ralé insensata e condenou o Pretendente como um tirano papista. O meu tio acenou a cabeça em muda concordância, pois Adelman tinha simplesmente encapsulado o sentimento liberal-conservador. Mas Sarmiento agarrou-se a cada palavra de Adelman, louvando as suas ideias como as de um filósofo e as suas palavras como as de um poeta.

— E o senhor, o que acha? — Sarmiento voltou-se para mim. — Não tem nenhuma opinião sobre estes jacobitas?

— Eu preocupo-me muito pouco com questões políticas — disse, encarando o seu olhar. Achei que a pergunta não tinha nada a ver com as minhas opiniões políticas, mas com a maneira como eu reagiria à sua ousadia.

— Certamente não é um detractor do rei? — prosseguiu Sarmiento.

Eu não podia adivinhar o seu jogo, mas nesta era em que a rebelião sempre ameaçava a Coroa, aquilo era mais do que simples conversa ociosa. Uma acusação pública de simpatia jacobita poderia arruinar a reputação de um homem, talvez até resultar na sua prisão pelos Mensageiros do Rei.

— Todo aquele que não é um partidário activo tem de ser um detractor? — perguntei cautelosamente.

— Estou seguro — o meu tio apressou-se a dizer — de que o meu sobrinho muitas vezes ergueu um brinde ao rei.

— Sim — concordei —, embora confesse que quando bebo à saúde do rei é geralmente mais por causa da bebida do que do rei.

O meu tio e Adelman riram polidamente e achei que a minha tirada cansaria Sarmiento. Estava enganado. Ele simplesmente escolheu um outro tópico.

— Diga-me, senhor — começou quando o riso tinha terminado. — Quem prefere: o Banco ou a Companhia?

A pergunta confundiu-me e suspeito que era essa a sua intenção. A questão desta rivalidade financeira era de algum interesse para mim, pois eu sabia que o velho Balfour fizera investimentos baseados nas suas ideias desta competição, mas entendia tão pouco os termos dos antagonismos destas companhias que mal podia pensar em como responder. Qualquer pretensão da minha parte de que entendia do tópico só me exporia como um tolo, por isso disse sem rodeios.

— Quem eu prefiro para o quê?

— Acredita que o Tesouro é melhor servido pelo Banco de Inglaterra ou pela Companhia do Mar do Sul? — Falava lenta e deliberadamente, como se a passar ordens a um criado ignorante.

Ofereci-lhe o meu mais educado sorriso:

— Não me dei conta de que um homem se veria obrigado a tomar partido.

— Oh, nem todos os homens, suponho. Somente aqueles de recursos e de negócios é que precisam.

— Precisarão mesmo? — perguntou o meu tio. — Não pode um homem de negócios simplesmente observar a rivalidade sem tomar partido?

— Mas o senhor toma partido, não, senhor? — A sua pergunta, como a de um funcionário a dirigir-se ao seu empregador, pareceu-me impertinente, mas se o meu tio se ofendeu não o demonstrou. Simplesmente ouviu Sarmento a continuar a falar. — A sua família não acreditou sempre que o Banco de Inglaterra deveria manter o seu monopólio sobre os fundos de empréstimos do governo? Não o ouvi discutir que a Companhia do Mar do Sul não deveria ter permissão de competir com o Banco neste negócio?

— O senhor sabe, Sr. Sarmento, que não desejo discutir tais questões no Sabbath.

Curvou-se ligeiramente. — O senhor está certo. — Voltou-se para mim de novo. — O senhor, imagino, não sente tal restrição. E como todos os homens de negócios e recursos devem ter uma opinião, posso presumir que tem uma opinião que está hesitante em assumir?

— Diga-me de quem o senhor gosta e talvez eu tenha um modelo que possa emular.

Sarmento sorriu, mas não para mim. Voltou-se para o Sr. Adelman. — Ora, eu aprecio a Companhia do Mar do Sul, senhor. Particularmente quando está em mãos tão capazes.

Adelman curvou-se ligeiramente. — O senhor sabe muito bem que nós judeus não podemos investir nas companhias. As suas afirmações, embora lisonjeiras, talvez causem algum dano à minha reputação.

— Só repito o que é dito em cada café. E ninguém o deprecia pelo seu interesse nestas questões. O senhor é um patriota e da mais elevada ordem. — Sarmento prosseguiu na sua voz monótona, que casava sofrivelmente com a paixão das suas palavras. — Pois enquanto as finanças da nação forem protegidas por homens como os directores da Mar do Sul, não precisamos temer rebeliões e tumultos.

Adelman parecia incapaz de pensar numa resposta e limitou-se a curvar-se de novo. E então o meu tio interveio, sem dúvida esperando remover a nossa conversa de questões de negócios, e anunciou que pela segunda vez em muitos anos os prelados da paróquia tinham-no eleito para o posto de Supervisor dos Pobres. Esta revelação provocou uma saudável risada em Adelman e Sarmento que eu não entendi.

— Por que o escolheriam para esse posto, tio? Implica comparecer aos serviços da igreja todos os Domingo?

Todos os três riram, mas só Sarmento riu com grande prazer diante da minha ignorância.

— Sim — admitiu o meu tio. — Significa comparecer à igreja no Sabbath cristão e significa fazer um juramento cristão sobre uma Bíblia cristã. Não me indicaram porque desejam que eu preencha as funções do cargo. Elegeram-me porque sabem que me recusarei a aceitar.

— Confesso que não entendo.

— Não passa de uma maneira de gerar renda — explicou Adelman. — O seu tio não pode preencher os deveres com que o honraram, então deve pagar uma multa de cinco libras por se recusar. É comum que judeus sejam indicados ao longo do ano, até mesmo judeus pobres. Eles sabem que outros encontrarão o dinheiro para pagar a multa. Deste modo, recolhem muito dinheiro.

— E o senhor não pode queixar-se?

— Nós pagamos muitos impostos — o meu tio explicou. — Tu nasceste aqui e portanto estás isento das taxas de estrangeiros, mas o Sr. Adelman e eu não estamos. E embora ambos tenhamos recebido cidadania do Parlamento, os nossos impostos são muito maiores do que os dos britânicos nascidos livres. Esta indicação não passa de outra taxa e pago sem reclamar. Guardo as minhas queixas para questões de importância.

Conversámos durante outra hora sobre uma variedade de tópicos até que Adelman se levantou abruptamente e anunciou que tinha de voltar para casa; usei a sua partida como uma desculpa para a minha própria. Antes de sair, no entanto, o meu tio puxou-me para o lado. — Estás aborrecido. — Os seus olhos brilhavam com um estranho calor, como se tivesse esquecido a raiva que sentira contra mim no funeral do meu pai, como se não tivesse havido nenhum estremecimento entre mim e a minha família.

— O senhor quebrou a sua promessa — disse.

— Apenas a retardei. Disse que falaria contigo depois do jantar. Não disse quanto tempo depois. Vem à sinagoga para as preces amanhã de manhã. Passa o resto do Sabbath com a tua família. Quando o sol se puser, vou contar-te o que desejas saber.

Eu mal sabia como responder ou sequer como esta oferta me afectava. — Tio Miguel, o tempo é um luxo que não possuo. Não posso simplesmente passar o dia a rezar e a participar em conversas ociosas.

Ele encolheu os ombros. — Este é o meu preço, Benjamin. Mas — e sorriu — é um pagamento único. Não te vou fazer mais exigências, ainda que precisas de informações daqui a semanas, ou meses.

Eu sabia que não podia persuadi-lo; ele deixaria o assassino do seu próprio irmão à solta, mas não voltaria atrás, uma vez tomada a decisão. E devo dizer que eu gostava da ideia de passar a tarde com Miriam, por isso

concordei em encontrá-lo na manhã seguinte.

Adelman e eu saímos juntos pela porta e fiquei impressionado com a opulência da sua carruagem, estacionada em frente à casa do meu tio. Vendo o seu mestre, um menino de talvez catorze anos e pele morena, das Índias Ocidentais, supponho, vestido com um vistosa libré vermelha e dourada, abriu a porta e ficou parado como uma estátua.

— Lourenço — Adelman segurou-me o braço com uma cordialidade experimentada —, posso deixá-lo em algum lugar? O senhor mora em Covent Garden, correcto?

Curvei-me para mostrar a minha aceitação e os meus agradecimentos.

Admito que aquela viagem num espaço tão pequeno com um homem da proeminência de Adelman me deixava inquieto, pois se o meu negócio geralmente me colocava na companhia de grandes homens, raramente o fazia em tais circunstâncias. Ali nós estávamos engajados, não em negócios, mas num amigável passeio pela cidade.

Enquanto a carruagem seguia em frente, Adelman puxou as cortinas ao longo das janelas, envolvendo-nos em quase completa escuridão. Ficou em silêncio por algum tempo e eu não tinha ideia de como iniciar uma conversação, por isso fiquei quieto, sentindo as rodas da carruagem a rolar sobre as impiedosas ruas de Londres. Cada vez que me mexia no meu assento, o ruído que fazia parecia perturbadoramente alto. Não ouvia nenhum barulho do outro lado da carruagem onde Adelman estava sentado.

Finalmente ele limpou a garganta e acho que aspirou uma pitada de rapé.

— Fiquei a saber — começou — que recebeu uma visita de um Sr. Balfour.

— O senhor espanta-me. — Quase gritei de surpresa. Confesso que senti um calafrio a percorrer-me a espinha. Nada havia na voz de Adelman, se me entendem, para me fazer temeroso. Ele mantinha o seu tom germânico polido e comedido. Havia, porém, algo na pergunta em si e no conhecimento que produziu a pergunta. Que podia um homem da estatura de Adelman saber ou querer destas questões? Lamentei que na escuridão não pudesse deduzir nada do seu rosto, embora suspeitasse que fosse muito experimentado nas suas expressões para me oferecer qualquer informação naquela frente. Eu também podia mascarar os meus sentimentos, no entanto. — Não posso expressar o meu choque ao saber que os meus negócios deveriam atrair a sua atenção — disse-lhe com a maior calma.

— O senhor é uma parte importante da família, Sr. Lourenço.

— Sou conhecido pelo nome de Weaver — disse-lhe.

— Não tive nenhuma intenção de o ofender — explicou rapidamente.

— Pensei talvez que fosse um nome que usava apenas quando lutava. — Pa-

rou por um momento. — Vou ser directo consigo. Eu admiro-o. Admiro que tenha decidido abandonar as antigas superstições da sua raça e percorrer o seu próprio caminho. Por favor, não me interprete mal. Respeito o seu tio num grau prodigioso, mas acho que ele agarrar-se a ritos e rituais é um perigoso obstáculo para o nosso povo. Você, por outro lado, mostrou aos ingleses por toda parte que os judeus não devem ser escarnecidos ou ridicularizados. Os seus feitos no ringue são lendários. Até o rei, senhor, conhece o seu nome.

Fiz uma reverência no escuro. Ele falava a verdade quando disse que eu tinha virado as costas para os ritos e rituais do meu povo e, no entanto, achava que a sua celebração desta negligência me deixava constrangido. Talvez porque eu sempre encarasse o meu abandono das questões religiosas como algo nascido do ócio, enquanto ele via isso como uma filosofia deliberada.

— O senhor honra-me com as suas palavras — disse após um momento desconfortável de silêncio. — Mas estou inseguro a respeito do que tudo isto tem a ver com o Sr. Balfour, e por que o meu negócio com ele devesse interessar-lhe, senhor.

— Sim, o senhor é um homem de negócios. Aprecio um homem de negócios. Deixe-me dizer-lhe, Sr. Weaver, que fiquei triste ao ouvir acerca da morte do seu pai, mas a admiração que sentia por ele não me faz ver o que não existe. A sua morte foi um trágico acidente, nada mais. Conheci Michael Balfour também. Era um bom homem, imagino. Suficientemente bom, de qualquer modo. Mas como o próprio filho, Balfour era fraco. Cometia erros nas suas transacções e não podia salvar-se, nem encarar as consequências da sua ruína. Para o olhar pouco treinado, o facto de que dois homens de negócios que eram amigos morreram num período de tempo tão curto pode parecer estranho, mas não há nada a ligá-los. Diga-me — falou com uma mudança teatral de voz —, o que lhe ofereceu Balfour para investigar esta questão?

Contei-lhe a natureza do nosso acordo.

Ele soltou uma breve risada, quase um latido. — Não vai receber nenhum dinheiro, duvido que ele seja capaz de conseguir vinte vinténs, quanto mais vinte libras. A sua herança, o senhor sabe, não pode ser recuperada. Balfour perdeu tudo e não é nenhum segredo que a sua mãe só tem desprezo pelo filho. Não ganhará nada pelo seu tempo, senhor, a não ser a inimizade de homens poderosos que não gostam de ver alguém a intrometer-se nos seus afazeres. As suas habilidades não foram ignoradas e a sua discrição é comentada, bem como a sua astúcia. São qualidades raras e existem muitos homens, na Companhia do Mar do Sul, no Parlamento, na própria Corte, que gostariam de ter à sua disposição um homem com os seus talentos. Que me diz, Sr. Weaver? Deseja deixar esta missão desagradável para trás? Estes homens que conheço podem fazer a sua fortuna.

Fingi não considerar esta oferta interessante.

— O que propõe é inegavelmente generoso, mas ainda estou sem saber por que o senhor está interessado no meu negócio com Balfour ou por que gostaria que eu parasse de examinar o caso.

— É um caso delicado. Para começar, não gostaria de ver qualquer lama remexida em relação ao nosso povo. Se os jornais soubessem da sua investigação, receio que isso se reflectiria negativamente sobre os judeus de Inglaterra e isso é mau para todos nós, rabinos, especuladores e pugilistas, certo? O segundo motivo é que a Companhia do Mar do Sul envolve-se em algumas renegociações extraordinariamente complexas sobre a dispersão de fundos públicos. Não posso entrar em detalhes, mas é suficiente dizer que estamos preocupados com a alta taxa de juros sobre os fundos da dívida nacional e estamos no processo de convencer o Parlamento a prosseguir com medidas que ajudem a baixar os juros, libertando assim a nação de uma terrível carga financeira. O nosso plano não pode funcionar se as pessoas perderem a confiança numa rede de crédito que consideram confusa. Qualquer suspeita pública de que existe alguma ligação entre a morte de Balfour e os fundos prejudicar-nos-ia irrevogavelmente. Se as pessoas acreditarem que os fundos estão cheios de assassinatos e intriga, então receio que fracassaremos nos nossos planos para aliviar o fardo nacional de dívida e o senhor terá custado ao rei e ao seu reino, literalmente, milhões de libras.

— Não gostaria de causar tanto dano — disse cautelosamente — mas ainda existe a questão das preocupações de Balfour. Ele acredita que aquelas mortes não são o que parecem e creio que preciso investigar um pouco mais a questão.

— O senhor só estará a desperdiçar o seu tempo e a prejudicar o reino.

— Mas seguramente o senhor pode aceitar a possibilidade de que estas mortes sejam mais do que coincidência.

— Não posso — respondeu com extrema confiança.

— Então como explica o facto de que o próprio funcionário de Balfour não pode explicar a ruína do espólio?

— Questões de crédito e finanças são, até mesmo para aqueles que ganham a vida a trabalhar nisso, coisas fantásticas e insondáveis — explicou num tom seco, não mais polido e amistoso. — Elas pertencem, aos olhos da maioria dos homens, mais à ordem do sobrenatural do que à ordem do material. Ouso dizer que dificilmente existe um especulador em Inglaterra que, sofrendo uma morte inesperada, não deixasse papéis que se revelariam inextrincavelmente confusos e aparentemente com falta de fundos.

— A morte do Sr. Balfour não foi inesperada — observei. — Não para ele próprio, se a sua morte foi realmente suicídio.

— Balfour dificilmente é um exemplo válido. Ele tirou a própria vida, o que prova a sua incapacidade de organizar os seus próprios negócios. Va-

mos, Sr. Weaver, não queremos deixar que os nossos vizinhos cristãos nos corrijam pelo facto de sermos excessivamente rabínicos no nosso exame destas coisas. — Estendeu-me o seu cartão. — Esqueça essa tolice do Balfour e venha visitar-me no Jonathan's. Vou fornecer-lhe apresentações a homens que o farão rico. Além do mais — disse com um sorriso que eu podia sentir até na escuridão da carruagem —, poupará o incómodo de passar a manhã na sinagoga com o seu tio.

Agradei polidamente a Adelman quando a carruagem parou diante da casa da Sra. Garrison.

— Darei, senhor, muita consideração à sua proposta.

— Não deveria ser necessário dar muita — disse. — Estou contente por o ter conhecido, Sr. Weaver.

Fiquei parado e observei a carruagem a afastar-se, considerando a sua oferta no meu pensamento. Talvez fosse uma coisa maravilhosa se eu fosse do tipo de homem que pudesse descartar com facilidade a proposta de Adelman, mas a ideia de servir tais homens como os que ele conhecia exercia uma poderosa atracção. Tudo o que ele pedia em troca dos seus favores era que não atrapalhasse os seus negócios, e que objecção poderia eu oferecer para abandonar uma investigação sobre a morte de um pai que recordava sem nenhum carinho?

Dirigi-me à casa da Sra. Garrison e entrei no calor do seu saguão da frente, mas de certa forma, antes de chegar ao alto das escadas, tinha descartado a oferta do Sr. Adelman para sempre. Não podia dizer se era porque não simpatizava com a ideia de lidar perpetuamente com homens como Adelman, homens que acreditavam que a sua riqueza lhes dava não só influência e poder, mas também uma espécie de superioridade inata sobre homens como eu. Não podia dizer se era porque havia algo atraente na inesperada tranquilidade que eu tinha sentido na presença do meu tio e da minha tia, ou o desprazer que sentia diante da ideia de romper uma ligação com uma casa onde vivia a adorável viúva do meu primo. Talvez fosse uma combinação destes factores, mas entendi, antes sequer de acender a primeira vela, que o meu dever era claro.

Podia ser uma coisa desajeitada ter de anunciar ao Sr. Adelman a minha decisão, mas então ocorreu-me que eu deveria ficar surpreso se a minha investigação me colocasse de novo em contacto com este homem tão ocupado. Naquela época, eu não podia sequer ter adivinhado o quão intrincadamente os seus afazeres se entrelaçariam com os meus.